

RB136, 376



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by

Dr. Antonio Gomes

Da Rocha Madahil

Leina



Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

A S
OBRAS
DO DOCTOR
FRANCISCO DE SAA
De Miranda.

Agora de nouo impressas com a Relação de sua calidade, & vida.



Com todas as licenças necessarias.

Por Vicente Aluarez. Anno de 1614.

Com Priuilegio Real por dez annos.

Domingos Fernandez liureiro.

Tayxada a 160. reis em papel.

OBRA DO DOCTOR

FRANCISCO DE ALMEIDA
(1811-1881)

Original de manuscrito de Almeida
e de seu caderno de estudos



Comissão de História e Geografia

Por Vicente Alves de Almeida

(O livro é de propriedade do Estado)

Deposito Legal - 1881

Deposito Legal - 1881

Vl Este Liuro de Francisco de Sâ de Miranda, & nam tem cousa por onde senam possa imprimir, em Sam Domingos de Lisboa, 6. de Agosto de 613.

Frey Vicente Pereira.

Vlsta a informaçam podem-se imprimir estas Obras do Doçtor Francisco de Sâ de Miranda, & depois de impressas tornem a este Conselho pera se conferirem com o original, & se dar licença pera correrem, & sem ella nam correrâ. Em Lisboa aos 21. de Agosto de 613.

O Bispo de Ni- Bertholameu Antonio Dias
comedia. da Fonseca. Cardoso.

Podem-se imprimir estas Obras do Doçtor Francisco de Sâ de Miranda, aos 5. de Julho de 614.

Viegas.

Podese imprimir este Liuro do Doçtor Francisco de Sâ de Miranda, visto a licença que tem do Sancto Officio, & do Prouisor do Arcebispado, & depois de impresso tornará para se taixar, al nam correrâ. Em Lisboa a 7. de Julho de 1614.

Francisco Vaz Pinto.

L. Machado.

TAyxão este Liuro das Obras de Francisco de Sâ de Miranda em oito vintêis cada volume em papel. Em Lisboa a 7. de Nouembro de 1614.

Francisco Vaz Pinto.

L. Machado.

ERRATA S.

Folio 6. Soneto 23 verso 1. cabe vn en boz, diga, cabe vna fuentē en boz.
Mondego.

F. 12. estança 11 vers. 10. ora, diga, aora f. 15. estan. 21. ver. 6. cantar, diga ta-
ñer. f. 21. estan. 42. ver. 5. quando, diga, que yuan, f. 21. estan. 42. vers. vlt. a la cen-
za, diga, a las cenizas, f. 22. est. 46. vers. 6. que buscandole a el, d. ga, poi q̄ estando
con el.

Celia.

F. 26. estan. 24. vers. 5. mal, diga, mas. f. 27. est. 27. vers. 2. ronco, diga, roco f. 31. est.
42. v. 1. ardiēdo, diga, ardiēte.

Anrdes.

F. 36. est. 24. v. 4. tristes, q̄ son años, diga, antes luengos años, f. 37. est. 31. v. 7. o por
otros algunos instrumētos, diga, o por diuersos acontecimiētos, f. 37. est. 32. v. 8.
justa, diga, injusta. f. 38. est. 36. vers. 7. y las mis, diga, ay las mis.

Diga ame

Gonçalo.

F. 46. na cantiga do cego, volt 2. vers. 3. pienso, diga, pienfas.

Epitalamio.

F. 67. no terceto q̄ começa, q̄ poquedad es essa, ha de estar o nome de Nuño, por
q̄ he o q̄ fala f. 74. Ramo 4. v. 2. tan armadas, diga, de ira armadas.

Aleixo.

F. 84. est. 2. v. 6. ya çãpoña, diga, la çãpoña. f. 87. na volta 2. v. 5.
quisiere, diga, siguiere f. 90. troua 82. luã, diga, Anton, por q̄ elle he o q̄ fala. f. 90.
volta 5. v. 1. enteados, diga, entre dos.

Basto.

F. 95. troua 14. v. vlt. meter versos, diga, meter verbos. f. 97. troua. 37. v. vlt. tem,
diga, tens. f. 99. troua 54. v. 1. em esta, diga, & nestra. f. 99. troua 60. v. 4. forças, dig,
forças. f. 100. troua 64. v. vlt. cantar, diga, bradar.

Carta 1.

F. 103. troua 20. v. 4. chamão poder, diga, chamão valer. f. 103. trou 23. v. vlt. en-
gano, diga, dano. f. 104. troua 32. v. 3. do amo longe, diga, o dano lōge, na mes-
ma troua, v. 4. o entēde, diga, & entende.

Carta 2.

¹¹²
F. 3. tro. 76. v. 2. às agoas, dig, às cegas. f. 3. tro. 76. v. vlt. & arte tē, diga, a arte tē.

Carta 3.

F. 112. troua 5. v. vlt. sciēcia, diga, sciēcias, f. 112. trou. 13. v. 1.
alumia, diga, alumea. f. 115. trou 54. v. 4. q̄ nos espāte, diga, q̄ não se espante.

Carta 4.

F. 116. trou. 5. v. vlt. cãpo, diga, tēpo, f. 117. trou. 20. v. vlt. vão.
& vão, diga, vão, & vem.

Carta 5.

F. 119. trou. 2. v. 4. q̄ nos vendeo, diga, q̄ vos vëdeo. f. 144. Esparfa 1. a nossa bulla.
diga, a vossa bulla.

DOMINGOS FER- NANDEZ LIVREIRO.

PROLOGO.



ENTRE As Obras do Doctor Francisco de Sá de Miranda, que se imprimirão o anno de 1595. & estas q̃ agora imprimimos, sendo as mesmas, ha tamanha differença, que parece forçado dar algũa razão desta dessemelhança, & variedade, constando particularmēte que se tresladarão aquellas do proprio cartapacio escrito da mão, & letra de Francisco de Sá, mas posto que nem faltão muitas, nem eu as julgo por desnecessarias de todo, acomodandome aos gostos deste tempo, que sō pelo nome condenão os Prologos, não darey mais q̃ duas naturais, & faceis com que acabaremos este.

Bem se mostra polos primeiros tres Sonetos destes papeis q̃ o Principe Dō Ioão filho del Rey Dō Ioão o III. os mandou pedir a seu Autor por outras tantas vezes, & q̃ elle lhos mandou assi divididos (quais de cada hũa não pude alcançar) & sendo assi, natural cousa parecerà a todos q̃ primeiro limou, pollio, & purificou o q̃ mandava a hum Principe mancebo, & curioso, & a hūs cor-
relações

refaões de cujas enuejas, calúnias, e murmurações
nessas mesmas obras tão engenhosa mente se qixa.

Pequena maravilha he logo, q diffirão estes
papeis, q são as copias daquelles, dos q se tresla-
darão do primeiro original, q nem se mostrava a
alguem, nem ainda se pode bem lèr, següdo està
de riscado, entrelinhado, & marginado. Em mui-
tas folhas, & cõ esta palaura Latina, polas mais
das entrelinhas, e margês vel, vel, q mostra bẽ, q
atẽ a seu proprio dono era duuidosa a escolha.

A outra rezão seja em contrario desta, & diga-
mos, q alcançando Francisco de Sã em vida ao
Principe por tempo de quatro annos (morreo
hum em Janeiro de 1554. & o outro no de 58.) a-
quellas entrelinhas, riscas, & margês que no seu
cartapacio se vem (o qual està em Saluaterra de
Galiza, em poder de Dom Fernando Cores So-
romayor) forão emmendas q lhe elle fez depois,
que com melhor discurso vio, ponderou, riscou,
& se arrependeo do que tinha mandado, & que
esta, & não a outra he a causa da desconformida-
de, que suas obras entre si tem.

E postas assi estas duas rezões, por cada hũ dos
textos o juizo deixo aos curiosos q os quiserem
conferir, aos quais offereço o trabalho q tiue em
recolher de muitos, q por varias mãos andauão
espalhados, este q aqui lhes presento.

Domingos Fernandez liureiro.

DOM MANOEL

DE PORTUGAL, AS

Obras de Francisco de

Sà.

S O N E T O.

Alma felice, a nos alto decoro
De virtude, por quem os Reys deixaste,
Ao som de teu espirito a que cantaste
Nunca assi respondeo ecco sonoro.
Indo desta região, donde inda moro
Saudofo de ti, que amando, voaste
A essa de luz: magino desque entraſte,
Que versos cantaràs no eterno coro.
Tua voz acordando, & teu conceito,
Com hum, & outro espirito, qu'em seu canto
Do que sempre assi vé, sempre se admira.
Recebe o que de ti sente este peito,
Por deuido louuor, & estima quanto
Ora te faz soar hũa culta Lyra.

VI DA

DOM MANOEL

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

OF THE ORDER OF THE

A

A

1711

VIDA DO DOCTOR

FRANCISCO DE SA DE MIRAN.

da, collegida de pessoas fidedignas que o co-
nhecerão, & tratarão, & dos liuros
das gerações deste
Reyno.



NASCEO Francisco de Sá de Miranda na
Cidade de Coymbra no Anno do Senhor de
1495. o mesmo dia em que el Rey Dom Ma-
noel tomou posse do gouerno destes Reynos,
foy filho de Gonçalo Mendes de Sá, & neto
de Ioão Gonçalves de Miranda, que viveo junto a Buar-
cos, & de Dona Phelippa de Sá sua mulher, que era filha
de Rodriguenes de Sá, & neta de Ioão Rodrigues de Sá o
primeiro que chamarão das Galês assas conhecido em tem-
po del Rey Dom Ioão de boa memoria. Despois das primei-
ras letras de humanidade (em que foy insigne) estudou leys
mais em obsequio ao gosto del Rey Dom Ioão o Terceiro, q̃
de nouo plantara então a Vniuersidade na sua terra, q̃ por
inclinação que tiuesse àquella maneira de vida, & com re-
do obedecendo a seu pay que lha escolbera, continuou nella
com felices porgressos, & sabio grande letrado, tomou o
grao de Doutor, & leu varias cadeiras daquella faculdade
em sua propria patria, porẽ conhecẽdo os perigos que o uso
desta sciencia tras consigo em materia de julgar, tanto que
lhe faltou seu pay não só deixou de todo as escollas, mas en-
geitou os lugares do Desembargo, q̃ por muitas vezes lhe
forão offerecidos ficando sò consumandose no estudo da Phi-
losophia Moral, & Estoyca a que sua natureza o incli-
naua.

E leuantandolhe ella o pensamento ao desprezo de todas as cousas de cá quis peregrinar pollo mundo, porque no repouso a que determinaua recolherse, o não inquietassem as nouas do que não vira, & assi se foy a Italia visitando primeiro os mais celebres lugares de Espanha, & tendo visto com vagar, & curiosidade Roma, Veneza, Napoles, Milão, Florença, & o milhor de Cicilia, tornou-se ao Reyno, & de-
teue-se algum tempo na corte del Rey Dom Ioão o Terceiro, que ja auia muito que reynaua, & alli co as calidades de sua pessoa, & boas partes q nelle concorrião, sem outra algũa ajuda das que costumão leuantar ainda os indignos, se fez tamanho lugar, que foy sem controuerfia, senão o maior hum dos mais estimados cortesãos de seu tempo, concorrendo cos milhores que este Reyno teue por ventura, & isto não só dos companheiros, mas del Rey, & dos Principes, & o que he mais dos vallidos com quem ordinariamente nam adiantão os amigos de antes quebrar, que torcer (como elle diz) tomando em desprezo proprio a estimaç. m albea, & sentindo como injurias particulares a detestação que os judiciosos, & discursiuos fazem dos vicios em geral.

Mas nam foy isto sempre, o bom acolhimento digo que achou no mayor poder, porque ainda que o nosso Poeta podera ser em seu modo mayor que a enueja. Como Quinto Curzio diz que o foy. Alexandre no seu, nam quis ella perdoarlhe, concitando em seu danno hũa pessoa muito poderosa daquella era em desprazer de quem se interpretaua mal polla mesma enueja hum lugar da sua Egloga de Aleixo, o que sentindo elle, nem querendo declarar-se milhor, nem esperar à vista os effeitos da ira declarada, tendolhe el Rey dado hũa Comenda do Mestrado de Christo, que chamaõ as duas Igrejas no Arcebispado de Braga junto à Ponte de Lima, recolheose a hũa quinta que tambem tinha abi perzo chamada a Tapada, deixando o mimo da Corte, a conuer

saga m

façam dos amigos, a esperança de mayores merces assegura
da no fauor do Principe Dõ Ioão, q̃ em muito tẽra idade, co
meçaua a fazerlbe grande, è do Cardeal Dõ Henrique, q̃ cõ
mostras de particular affeição assistia a suas cousas, è estan
do alli logrando quietamẽte o fructo de seus estudos, & pere
grinações, casou com Dona Briolanja Dazeuedo filha de
Francisco Machado senhor da Louzã de Crasto Darega,
& das terras de entre Homẽ, & Cãuado, & de Dona Ioa
na Dazeuedo sua molher, com a qual viueo annos em gran
de conformidade sendo ella taõ pouco fermosa exteriormen
te, & de tanta idade q̃ quando a pedio a seus irmãos Ma
noel Machado, è Bernaldim Machado, por ser seu pay já
morto, não quizerão elles diffirirlbe ao casamento, sem q̃ pri
meiro visse bẽ a noyua, & sendolbe mostrada pollos irmãos,
disse para ella, castigayme senhora cõ esse bordão, porq̃ vinz
tam tarde, mas parece q̃ como Francisco de Sã viueo em to
das as cousas do mundo quasi abstraydo do mesmo mundo, q̃
assi soy tamẽ nisto, naõ lbe faltando algũ Philosopho aquẽ
imitasse, estimando sobre tudo os dotes dalma daquella ma
trona, q̃ foram excellentes, cõforme a seu estado por testemu
nho de homẽs daquella comarca, que inda oje o dam do cui
dado q̃ tinha da honra de Deos, do descanso de seu marido,
da criaçam de seus filhos, da doutrina de seus criados, & do
prouimento de sua casa, com que o marido a amaua de ma
neira q̃ faltandolbe ella faltou elle breuemente entre estre
mos de sentimento senam dignos do animo de hũ tam gran
de Philosopho, deuidos pollo menos á estimaçam que com
seu profundo juizo fez daquella perda.

Tecue dous filhos desta molher de q̃ o primeiro se chamou
Gonçalo Mendez de Sã como seu auõ, o qual ainda muy
mancebo, mas de tam boa indole, & partes (como o elle pin
ta na Elegia, que acerca de sua morte respondeo o Doutor
Antonio Ferreira) mandou a Africa servir hũa comenda

(a onde quasi todos os moços daquelles tēpos biam cengir a primeira espada) & chegado de poucos dias a Ceyta succedeo a perda de Dom Pedro de Menezes filho do primeiro Conde de Linhares Dom Antonio, que era Capitam do lugar onde Gôçalo Mendez també acabou cō muitos outros, entre os quais foy Dom Antonio de Noronha sobrinho do Capitam filho do Conde Dom Francisco q̃ deu cō sua morte occasiam àquella lamentauel Egloga de Luis de Camões de Vmbrano, & Frondelio. Chamouse o outro filho Hieronymo de Sà Dazeuedo, o qual casou despois da morte de seu pay cō Dona Maria de Menezes filha de Francisco da Silva de Menezes o Galego irmão inteiro de Diogo de Sousa, q̃ foy pay do Conde Ruy Mendes de Vasconcellos, que oje viue, é de Dona Lianor de Mello sua molher filha de Dō Aluaro de Mello Abbade, q̃ foy de Refoyos de Lima, dos quais he filho Francisco de Sà de Menezes, que viue de presente neto do nosso Francisco de Sà, é o foy també hũa irmã sua q̃ casou cō Dō Fernando Cores Sotomayor, q̃ viuia em Saluaterra de Galiza o anno de 1593. já viuuo della, & he rezaõ que digamos aqui q̃ quando aquelle fidalgo casou com esta neta de Francisco de Sà, quis que no dote q̃ lhe deram entrasse em hũ grande preço o Liuro Original de suas Poesias, o qual tē, & estima como ellas merecē, a mayor parte das quais elle cōpos naquella sua quinta da Tapada em estylo Lirico, & Pastoril, & todas, ou as mais dellas sobre casos particulares que succederam na corte em seu tempo, introduzindo pessoas conhecidas daquelles q̃ entam viuiaõ, de que ainda temos algũas tradições, é vestigios deriuados a nòs dos contēporaneos que o venceram em dias, & se ouuera algũ que fizera bũa anotaçam disto, por ventura que fora bem agradauel historia, porque nam ficaramos só pendētes cada hum de seu juizo na especulaçam destas causas, ainda que o engenho, & arteficio Poetico cō que as elle dispos he

pos he bastante materia pera ocupar, & deleitar a toda a curiosidade, porque de maneira se aproveitou da doutrina, & preceitos de todos os Philosophos, & Poetas que se concorrera cõ elles em hum mesmo tẽpo, mal se poderão determinar os homẽs q̃ lerão as obras de hũs, & outros quẽ imitara a quẽ; que assi leuanteou Francisco de Sá, & sobio em muitos lugares as cousas daquelles que milhor se pode affirmar, que são nelle proprias, que imitadas.

Tratou antes de conceitos, & substancias, que de termos vãos, & pōposos, spanto de principiantes, rediculos, & inuteis aos que milhor entendem, guardando todavia com tamanho rigor as regras da arte, que os que attentamente o passarẽ não lhes ficará necessidade de lẽr em as Poeticas de Aristoteles, & Horacio, que elle parece, não largaua da mão.

Foy o primeiro que compos versos grandes neste Reyno, bastante desculpa das miudezas q̃ se tachão em algũs seus desta medida pera aquelles homẽs, ao menos que attendẽdo ao que se diz, não curão muito do modo, & tambem o he não pequena pera os muy obseruantes da lingua Castelhana, se no que compos nella acharem que calumniar (em re-
zum de palauras) auer escrito em tempo que os Portugueses senam entendiam tambem co ella, como com elles, & as linguas vulgares que nam pendem de preceitos coartadamẽte nunca se sabem bem senam co vso continuo, & tratto ci-
uil, & sempre os estrangeiros que as nam tiuerem praticado muito fallaram, & escreueram com grande perigo nellas de maos ascentos, & piores significacões, de que poderamos appontar exemplos, senam ficaram mais em escandalo de algũs, q̃ em utilidade de nosso intento q̃ ha mister menos, porq̃ na substancia, è medureza de Francisco de Sá são isto accidẽtes de nenbũa importancia, o qual não sòmẽte foy inculpanel na granidade das sentenças, na agudeza dos concei-

Lingua

propria haue erro senão hũa vez 3 tos,
e Certo? Ceyda Das linguas barbaras nã terem gramatica

tos, na propriedade dos termos, na moralidade das figuras, na imitação dos Poetas, na observação das regras, senão inimitavel tãẽ na pureza cõ q̃ fallou em materias amorosas; q̃ he de maneira que até as duas Comedias q̃ fez em prosa, q̃ por rezaõ do estilo Comico são mais licenciosas, o Cardeal Dom Henrique que despois foy Rey destes Reynos, tam pio tam zelador da Fè, & dos bõs costumes, reformador das Religiões, Legado à Lattere, Inquisidor Mór; não só lhas mãdou pedir pera as fazer (como fez) representar diante de si por pessoas que despois foram grauißimos ministros, a que se achou presente entre outros Dom Iorge de Atayde Bispo de Viseu, meritissimo Abbade d' Alcobaca do Conselho do Estado, & Capellão Mór del Rey, senão pouco despois de Francisco de Sá morto, porque se ellas nam perdessem as fez imprimir ambas em Coymbra na forma em que andam, & as tinha, & lia muitas vezes.

Foy tam particular mestre do tratto da nossa Corte do nosso modo de conuersar dos termos com que entre nõs se de claraõ os que milhor sabem declarar-se, que passando ha tantos annos ainda oje os bem lidos nelle se vallem de sua doutrina, como de Apothemas argutissimos em toda a variedade de materias tocantes a estilos de Corte, & costumes politicos, & ainda os Pre'gadores nos pulpitos.

Morreolhe sua molher o Anno de 1555. com o q̃ elle começou a morrer logo tambem pera todas as cousas de seu gosto, & antigos exercicios, tanto que viuendo ainda tres annos despois della, nam se acha que compoßesse mais que hum Soneto, que fez á sua morte, que começa. Aquelle espirito já tam bem pagado, & affirmão pessoas que o conheceram, que nunca mais sabio de hũa casa, senam pera ouvir os Officios Diuinos, nem apparou a barba, nem cortou as unhas, nem respondeo a carta que lhe alguem escreuesse. azê que acabou de todo.

Foy homem grosso de corpo, de meã estatura, muito al-
uo de mãos, & rostro, com pouca còr nelle, o cabello preto,
& corredio, a barba muito poucada, & de seu natural cre-
cida, os olhos verdes bem assombrados, mas com algũa de-
masia grandes, o naris comprido, & com cauallo, graue na
pessoa, melancolico na apparencia, mas facil, & humano na
conuersaçam, engraçado nella com bom tom de falla, & me-
nos parco em fallar, que em rir, & porque pode servir pera
melhor intelligencia de algũas figuras, termos, & sentenças
destes seus papeis o conbecimento de seus particulares exer-
cicios, direy aqui o que pude alcançar delles.

Era inclinado á caça dos Lobos, & exercitava muitas ve-
zes, indo a ella foteado todo, & á gineta jugaua o tabolei-
ro, & nenhum outro jogo, donde parece que tirou a meta-
phora de que vsa nas Eglogas de Basto, & na de Nemoro-
so, & alguns outros lugares, como [Si licet sacra miscere
profanis] fez o Propheta Amos, que do exercicio do cam-
po em que se criou tomou os termos com que escreueo a sua
prophecia, tangia violas darco, & era dado à musica, de
maneira que com nam ser muy rico tinha em sua casa me-
stres della custosos, que ensinauam a seu filho Hieronymo
de Sá, de quem se diz que foy estremado naquella arte, &
contaua Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita par-
te disto) que quando o hia a ver viuendo em Ponte de Li-
ma patria sua, lhe mandaua tanger o filho em diuersos in-
strumentos, & o reprimia algũa vez de algum descuido,
foy sobrio, & austero consigo, & largo com algum excessso
cos hospedes que indifferentemente agasalbaua com gosto
particular, costumando a dizer, que o liurauam de si o tem-
po em que os conuersaua, & cõ rezam, porque se conta del-
le que estando sem gente de cumprimẽto (& ainda cõ ella)
se suspendia algũas vezes, & muy de ordinario derramaua
lagrimas sem o sentir; porque quando lhe acontecia à vista

d'alguem, nem as enxugava, nem torcia o rosto, nem deixava de continuar no que hia fallando, parece que como outro Heraclyto com a magoa do que lhe revelava o espirito dos infortunios da sua terra, de que nestes papeis seus se vêe quam grandemente se temia.

Soube tanto da lingua Grega, que lia a Homero nella, & acotava de sua mão em Grego tambẽ, & no anno de 1584. tinha este livro que fora seu, Gonçalo da Fonseca de Castro morador em Lamego fidalgo curioso, & bem instruydo na lingua Latina, ao qual, & a Gomez Machado Dazevedo, que ainda oje vive na comarca d'entre Douro, & Minho, & vivia entam em Villa Real, sobrinho da molher de Francisco de Sá, filho de Bernaldim Machado seu irmão, & aos Doctores Hieronymo Pereyra de Sá, & Anrique de Sousa Desembargadores que foram do Paço pouco ha passados estreitos parentes seus, é ao senhor Dom Manoel de Portugal digno por seu admiravel espirito deste, & doutros mayores titulos, com os mais que nomeamos seguimos nesta Relaçam.

E sobre tudo o que mais soube Francisco de Sá foy ser pio, & Catholico Christão, deuotissimo em particular da Virgẽ nossa Senhora, em cujo louvor compos as duas Canções que nestes papeis se vem em seu nome. Morreo com todos os Sacramentos de idade de 63. Annos no de nosso Saluador de 1558. está enterrado na Igreja de Sam Martinho de Carracedo Arcebispado de Braga com sua molher, & cunhados na Capella de Sancta Margarida.

E Martim Gonçalvez da Camara varam grauissimo fello do Capitam da Ilha da Madeira do Conselho do estado del Rey grande vallido de Dom Sebastiam o primeiro, & muy estimado de sua Magestade, que Deos guarde auendo resistido as dignidades Ecclesiasticas que lhe foram offirecidas, & retirado se no fim da idade a viver priuadamẽte cas

Padres

Padres da Companhia em Sam Roque de Lisboa, não lhe pareceo que encontrava os intentos com que se alli fora, nem as calidades, & circumstancias que nelle concorriam em tratar da honra que se deuia à memoria de tam grande homẽ, & assi se occupou os ultimos meses de sua vida em lhe mandar lá melhorar a sepultura, & pôr este Epitaphio em lingua Latina, polla qual obra será sempre tam louuado dos bõs espiritos, como he rezam que o seja de todos os homẽs pollo zelo da justiça, & bem publico que mostrou em todos os estados, & fortunas, &c.

EPITAPHIUM

FRANCISCI DE SAA

De Miranda.

Rustica quæ fuerat solis vix cognita siluis
Aulica Miranda Musa canente fuit
Maturosq; iocos, & ludrica seria ludens
Diuina humanum miscuit arte Melos
Cum posset gladio transcendere nomen auorum
Maluit arguti melitiam calami
Post habuit fasces, & inertis laudis honores
Ac docuit plectro pro meruisse decus
Omnia Mirandus Mirandus puluère, in ipso est
Puluère in hoc patriæ gloria escripta manet.

T A B O A D A

DESTE LIVRO.

Eglogas.

D	D E los nobles Floyais. Fol. 53
E	Derecho successor, firme columna. 65
F	El congoxoso llanto, el temerario. 32
I	Estas nuestras camponas las primeras. 77
P	Filho daquelle nobre, & valeroso. 41
S	Inclito Rey que de vno al otro Polo. 9
	Polas ribeiras de hñs rios. 93
	Serenissimo Iffante a quien se deu. 22
	Cartas.
C	Como eu vi correr pardaos. 107
	Cuidando em vos senhora no alto engenho. 125
D	Dos nossos Sâs Coloneses. 115
E	Em quanto de hñã esperança. 111
	Esta branda Elegia, esta tam vossa. 132
G	Guadalquivir arriba a rica praya. 121
M	Monte Mayor, que a lo alto del Parnaso. 128
N	No lugar onde me vistes. 118
R	Rey de muitos Reys se hum diz. 102
	Elegia.
O	O Principe Dom Ioam de Portugal. 134
	Can.

TABOADA.

Canções.

D	<i>Dia gracioso, & claro.</i>	141
V	<i>Virgem fermosa que achastes a graça.</i>	138

Sonetos.

A	<i>A Principe tamanho.</i>	1
	<i>A do se boluerà.</i>	6
	<i>Ah que diré que es esto.</i>	5
	<i>Alma que fica por fazer.</i>	3
	<i>Amor que nam farà.</i>	3
	<i>Amor tirando vâ.</i>	6
	<i>Aquella apresurada.</i>	5
	<i>Aquella fé tam pura.</i>	2
	<i>Aquellas esperanças.</i>	2
	<i>Aquelle espirito já.</i>	7
	<i>Assi que me mandaucis.</i>	8
	<i>A vossa verdadeira penitente.</i>	7
C	<i>Cabe vna fuente.</i>	6
D	<i>Del Tibre embuelto.</i>	4
	<i>Desarrezgado amor.</i>	2
E	<i>Em pena tam cruel.</i>	2
	<i>Entre Sesto, y Abido.</i>	5
	<i>Este retrato vosso.</i>	7
I	<i>Inda que em vossa Alteza.</i>	1
	<i>Yo no entiendo bien que.</i>	4
L	<i>Llenada al sacrificio.</i>	5
N	<i>Nam ou saram tégora.</i>	8

TABOADA

	Nam sey que em vos.	3
	Neste começo de anno.	7
O	O Sol he grande.	3
Q	Que es esto Philis.	6
	Quando eu senhora em vos.	4
	Quien darà a los mis ojos.	4
S	Soem as vezes ser.	8
T	Tantas merces.	8
	Tardey, & cuido.	1

Esparfas.

	A vossa bulla do amor.	144
A	Como nam quereis que seja.	144
C	Serra a serpente os ouvidos.	145
	Do passado arrependido.	144
D	Mandar em tal tempo luvas.	145
M	Nam vejo o rosto a ninguem.	144
N	Porque pudera abafar.	147
P	Quando nos meus erros cuido.	145
Q	Que la mi vida se assuele.	145
	Todas as cousas tem cabo.	144
T	Tornouse me tudo em vento.	144

Cantigas.

A	Ay que el alma se me sale.	150
	Alma tam sem affossego.	148
	Até quando me tereis.	151
G	Cego deste meu desejo.	146

Comigo

TABOADA.

	<i>Comigo me desauim.</i>	145
	<i>Como no se desespera.</i>	149
D	<i>De quem me deuo queixar.</i>	151
E	<i>El agrauio que recibo.</i>	148
	<i>En toda la Tramontana.</i>	150
	<i>Entre temor, & desejo.</i>	151
F	<i>Foy me grande agrauo feito.</i>	146
H	<i>Hũa morte cy de morrer.</i>	149
	<i>Huye el tiempo, està el mal quedo.</i>	150
L	<i>La que yo tengo no es prision.</i>	149
	<i>La bella mal maridada.</i>	150
	<i>Ledo em meus males sem cura.</i>	149
M	<i>Mal de que eu me contentey.</i>	149
N	<i>Nacido, & criado em meo.</i>	145
	<i>Nada do que vèz he assi.</i>	146
	<i>Naquella alta serra.</i>	151
O	<i>O coração que vos vee.</i>	146
	<i>Olhay a camanha estreita.</i>	147
P	<i>Pois meu mal com quanto he.</i>	147
	<i>Por estes campos sem fim.</i>	147
	<i>Puede se esta llamar vida.</i>	148
Q	<i>Que he isto onde me lançou.</i>	145
	<i>Quanto mal me hão ordenado.</i>	148
R	<i>Rezão, & tempo seria.</i>	146
S	<i>Senhora oyd la mi suerte.</i>	148
	<i>Se me este cuidado atura.</i>	147

Sortes,

TABOADA.

Sortes, & venturas são. 145

T Toda a esperança he perdida. 147

Tudo passa como vento. 147

Vilancetes.

A Acostumeyme a meus males. 157

C Coração onde jouuestes. 153

D Deixayme as minhas tristezas. 153

Desenganey hum cuydado. 155

Dime tu señora di. 156

E Em pago daquella dór. 152

En mi coração os tengo. 155

En las tierras de do vine. 154

Esperanças mal tomadas. 152

Este mal. 155

Estes meus olhos que assi. 154

N No pergunteis a mis males. 152

O O meu mal pudeo sofrer. 154

Os meus castellos de vento. 154

P Pois os meus olhos sam vossos. 153

Pollo bem mal me quisestes. 156

Por malos emboluedores. 158

Pusiera los mis amores. 158

Q Que posso de vos dizer. 156

Que mal anindos cuidados. 152

Que vos farey meu cuidado. 155

Quem cuidar, & quem differ. 155

Quem

TABOADA.

	Quien te hizo luan pastor.	156
	Quien viesse aquel dia.	157
S	Saudade minhã.	154
	Secaronme los pezares.	157
	Se meu tormento me desse.	153
	Sola me dexastes.	155
T	Taño os yo mi pandero.	157
	Todos vienen de la Villa.	152
	Tu presençia desseada.	156
	Epitaphios.	
A	Alma que em tam breues dias.	158
D	De quam pouca terra satisfeita jaz.	158
	Sextina.	
N	Nam posso tirar os olhos.	143
	Redondilhas.	
A	Ay razon que tal consciencia.	143
I	Inda que me en ria, & cale.	158
P	Partio o Francisco florido.	159
	Grota.	
N	No se porque me fatigo.	160

O que vay acrescentado nesta segunda impressão.

Hũa Elegia ao Principe Dom Ioam de Portugal.
O Principe Dom Ioam de Portugal.

Canção.

TABOADA.

Canção.

Dia graciosô, & claro.

Sonetos.

Neste começo de anno em tam bom dia.

Aquelle spírito ja tambem pagado.

Este retrato vosso he só final.

Espaiſas.

A vossa bulla do amor.

Mandar em tal tempo lunas.

Serra a serpente os ouvidos.

Cantigas.

Como no se desespera.

Entre temor, y deſſeo.

Atè quando me tereis.

Vilancêtes.

Quien viesse aquel dia.

En pago daquella dór.

No pergunteis a mis males.

Redondilhas soltas.

Partio o Francisco florido.

Inda que me en ria, & cale.

O principio da Egloga de Aleyxo.

Em varias Cartas algúas Trouas.

F I M.

AS OBRAS DO
DOCTOR FRANCISCO DE
Sã de Miranda.

SONETO PRIMEIRO.

A Principe tamanho cujo rogo,
E mais aos seus, inda he mais que mandar,
Que posso eu al fazer senam passar.
Polla agoa, pollo ferro, & pollo fogo.
Se me firo, ou me queimo, ou se m'afogo,
Se dou de mi ao mundo em que fallar,
Facilmente se pode desprezar
Tal dano, & inda mal que não foy longo.
Era já tudo, como encomendado
A traça, ao pó d' Aldea, & sua rudeza,
Entre teas d' Aranha sepultado.
Iâgora gram Senhor, tudo despreza
Quem sae â praça por vosso mandado,
Bastalhe o nome só de vossa Alteza.

A

Soneto.

As Obras de

SONETO 2.

I Nda que em vossa Alteza a menor parte
 (Em quem Deos ajuntou tantas, & taes)
 Seja esta, todavia entre as reais
 Lá se ella contou sempre em toda a parte.
 Dar fauor aos engenhos, & a toda arte
 Das boas, faz os Reys aqui immortais
 Por fama, & passando inda auante mais
 Hús fez deoses de todo, outros em parte.
 A guerra leua o mór Scipião consigo.
 As Musas brandas de seu natural,
 Que assi sem armas são daltas ajudas.
 Ellas nos contam do bom tempo antiquo,
 Cayram as estaturas de metal,
 Que al se podia esperar de cousas mudas.

SONETO 3.

T Ardey, & cuido que me julgam mal
 Que emmêdo muito, que emmêdando dano.
 Ah Senhor, que ey grã medo ao mao engano
 Deste amor que a nós temos desigual.
 — Todos a tudo o seu logo acham sal
 — Eu risco, & risco, voume d'anno em anno
 Cum dos seus olhos só, vay mais v'fano,
 Phelipe, assi Sertorio, assi Anibal.
 Ando cos meus papeis em differenças
 Sam preceitos de Horacio me diram
 Em al nam posso sigoo em apparencas.
 Quem muito pelejou, como irá sam,
 Tantos ledores, tantas as sentenças
 — Cum vento vellas vem, & vellas vam.

Soneto.

SONETO 4.

A Quella fê tam pura, & verdadeira,
 A vontade tam limpa, & tam sem magoa,
 Tantas vezes prouada em viua fragoa
 De fogo, & hi apurada, & sempre inteira.
 Aquella perfeição que achou maneira
 Dencher de fogo o peito, os olhos d'agoa,
 Por quem ledo eu passsey por tanta magoa,
 Culpa minha primeira, & derradeira.
 De que me aproueitou; nam d'al por certo,
 Que dum nome sômente leue, & vam,
 Custoso ao rostro, & mais custoso â vida.
 Dey que fallar em mi ao longe, & ao perto,
 Consolarase já alma captiua
 [Pois piedade nam acha] achar perdam.

SONETO 5.

EM pena tam cruel, tal sofrimento
 Em dôr tamanha dôr, que nunca aliua,
 Chamar a morte sempre, & que inda viua
 Como se fora vida este tormento;
 E ver no mal (que todo entendimento
 Naturalmente fuge estranha, & esquiva)
 Iazer tão de vagar alma captiua,
 A quem nam fará crer que he tudo hũ vento?
 Bem sey hã's olhos que tem toda a culpa,
 E sam os meus, que a toda a parte vem,
 E aquillo que vem sempre isso os desculpa.
 O minhas visoês altas, meu sô bem,
 Quem vos a vos nam vee, esse vos culpa,
 E eu sou sô quem vos vee, outrem ninguem.

As Obras de
SONETO 6.

D Esarrezoado amor dentro em meu peito
Tem que guerra co a rezão; Amor que faz
Hi ja de muito tempo, manda, & faz
Tudo o que quer a torto, ou a dereito.
Nam admitte rezões, tudo he despeito,
Tudo soberba, & força, faz, desfaz,
Sem respeito nenhum, & quando em paz
Cuidais que sois, entam tudo he desfeito.
Dontra parte a rezam, tempos spia,
E espia occasiões, de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo, em fim vem o seu dia.
Entam nam tem lugar certo em que aguarde
Amor, & treyções trata que nam fia,
Nem dos seus, que farey quando tudo arde?

SONETO 7.

A Quellas esperanças, que eu metido
A tormento, lancey fora por vãs,
Que fazem ainda aqui co as minhas sãs
Contas, feito em pô ja tudo, & bebido,
Como? & será tam cego, & sem sentido
Amor, que hũas rezões claras tam chãs
Nam ouça, & que nam veja tantas cãs.
Tanto tempo baldado, & nam viuido?
Esta alma tantas vezes enganada,
Nam tornará por si, nam fará conta
Co a despesa, co Sol, & co a jornada.
Quem do mar escapou, quanto mal conta,
Que perigos sem fim, mas logo brada
Outra vez aos da nap, na terra afronta.

SONETO 8.

A Mor que não fará? fez-me engeitar
 Tão leuemente a mi, por quem me engeita,
 Castellos de speranza, & de sospeita
 Faz, & não sey que faz, tudo he no ar.
 Fez-me pedras colher, fez mas lançar,
 Apertase alma triste en si encolheita,
 A força que fará, & a ley estreita,
 Queira, ou não queira, em fim ha de passar.
 Ora tão cego era eu, que da vontade
 Tudo fíey, que tudo a trauez guia,
 Tamanha imiga minha, & da verdade.
 Que al se podia esperar de hũa tal guia,
 Cahi onde ora jasso, ó crueldade,
 Não sey quando he de noite, & quando he dia.

SONETO 9.

N Am sey que em vos mais vejo, não sey que,
 Mas ouço, & sinto ao rir vosso, & fallar,
 Não sey que entendo mais té no callar,
 Nem quando vos nam vejo alma que vee.
 Que lhe aparece em qual parte que esté
 Olhe o Ceo, olhe a terra, ou olhe o mar,
 E triste aquelle vosso sospirar
 Em que tanto mais vay, que direy que he?
 Em verdade não sey que he isto que anda
 Entre nós, ou se he ár como parecee,
 Ou fogo doutra sorte, & doutra ley.
 Em que ando, de que viuo, & nunca abrando,
 Por ventura que à vista resplandece,
 Ora o que eu sey tão mal como direy.

As Obras de

SONETO 10.

A Alma que fica por fazer, de fã' oje
 Na vida mais, s' a vãã minha esperança
 Que sempre figo mais, sempre me foge
 Por onde a vista alcança, & não alcança.
 Fortuna que fará? roube, & despoje
 Prometa doutra parte em abastança,
 Que já não hã que me alegre, ou que me enoje
 Quantos pezos tiver lance â balança.
 Chorey dias, & noites, chorey annos,
 E fuy de longe ouuido pollo escura,
 Gritando acrescentey sempre em meus dannos.
 Agora que farey? por Amor juro
 De tornar a cantar fora d'enganos,
 E por muito, do mal posto em segura.

SONETO 11.

O Sol he grande, caem com as aues
 Do tempo, em tal sazão que soe ser fria
 Esta agoa que d'alto cae acordarme bia
 Do sono não, mas de cuidados graves.
 O cousas todas vãs, todas mudaueis;
 Qual he o coração que em vos confia,
 Passando hum dia vay, passa outro dia,
 Incertos todos mais que ao vento as naues.
 Eu vi já por aqui sombras, & flores,
 Vi agoas, & vi fontes, vi verdura,
 As aues vi cantar todas d'amores.
 Mudo, & seco he já tudo, & de mistura,
 Tambem fazendome eu fuy doutras cores,
 E tudo o mais renoua isto he sem cura.

SONETO 12.

Quando eu senhora em vos os olhos ponho,
 E vejo o que não vi nunca, nem cri,
 Que ouvesse cá, recolhe-se alma em si,
 E vay tresfualhando como em sonho.
 Isto passado, quando me desponho,
 E me quero affirmar se foy assi,
 Pasmado, e duvidoso do que vi
 Me espanto ás vezes, outras me envergonho.
 Que tornando ante vos, senhora tal
 Quando auia mister tanta outra ajuda:
 De que me valerey, se alma nam val.
 Esperando por ella que me acuda,
 E nam me acode, está cuidando em al,
 Afronta o coraçam, a lingua he muda.

SONETO 13.

Quien dará a los mis ojos vna fuente
 De lagrimas, que mane noche, y dia,
 Respirará, si quiera, el alma mia
 Llorando, ora el passado, ora el presente.
 Quien me dará apartado de la gente
 Sospiros, que en la mi luenga porfia
 Hagan, que sienta fuego aquella fria
 Causa, de que nascio tanto accidente.
 Quien me dará palabras con que yguale,
 Quexandome, al mal que Amor me há hecho?
 Pues que tan poco el sufrimiento vale.
 Quien abrirá por medio este mi pecho
 A do yaze el secreto que no sale,
 Con tanta cuyta mia, y mi despecho?

As Obras de
SONETO 14.

DEl Tibre embuelto, al nuestro Tajo, v^o sano
De sus arenas d'oro, y rica playa,
Enchi todo de quexas, venga, o vaya
Llamando por la muerte sorda en vano.
Fragua, no coraçon, no pecho humano
Quanta de torre, quanta de atalaya,
Alças cada ora, a fin que todo caya
Por tierra, y metan todo a sacomano.
Que Sesipho quereis mas embebido
En su trabajo vano, en su porfia,
Eislo arribado al monte, eislo boluido.
Noche tras noche v^a, dia tras dia,
No pido Amor piedad, remedio pido,
Boluerme he. a loquear como solia.

SONETO 15.

YO no entiendo bien que, mas esta fuente
Habla conmigo, y oras se me antoja
De tantas quexas mias que se enoja,
Oras que me consuela, y que las siente.
Amor que aqui me truxo, no consiente
Que yo me vaya a otra parte, y que me acoja.
De los sueños en que ando, juzgue, y escoja
Sies verguença el tardar tan luengamente.
Grande fuerça s'a hecho v los mis ojos,
Grande al entendimiento andando assi.
De veras ocupado en mis antojos.
No se' lo que me vi, ni que no vi,
Quien puso tal sabor a mis enojos
A pezar, que es peor, sonçis de mi.

SONETO 16.

A Quella apresurada rueda bina
 De sobresaltos que mudā tan presto,
 Tantas vezes cada ora este mi gesto,
 Nunca la voluntad tanta á captiua.
 Esta llama cruel la pena esquiva
 Que no reposa Sol nascido, y puesto;
 Señal de como os veo manifestō
 Turbada siempre, desdeñosa, y altiva:
 Sino me dexan (como digo) el dia
 Y no la noche, antes me es tormento
 Contino, y crueldad, que culpa mia.
 El tiempo passa en vano, ha hecho asiento
 En mi alma abrasada, y luego frio
 Un ser, que es menōs ser cada momento.

SONETO 17.

E Ntre Sesto, y Abido, el mar estrecho
 Lidiando con las ondas sin sosiego,
 Noche alta el buen Leandro prueua el ruego,
 Prueua lagrimas tristes sin prouecho
 Viendo que es todo en vano, pone el pecho
 De nueuo al mar yrado, ojos al fuego,
 Que en la alta torre luzē, ay Amor ciego.
 Quanta de crueldad has visto, y hecho.
 Nadaua mientras pudo, hazia la playa
 De Sesto deseado, y dulce puerto,
 Porque siquiera allā, muriendo caya.
 En fin ondas vanceis (dixo) cubierto
 Yā dellas, mas no bareis que allā no vaya,
 Bino no querreis vos, mas irē muerto.

SONETO 18.

Leuada en sacrificio Policensa
 Al sepulchro de Achilles: yà que vido
 De Pyrrho el cruel braço en alto erguido
 Por la berir, boluio toda serena.
 Y dixo, a quanto mal, y a quanta pena
 Pondras fin luego, ô golpe bien venido,
 Dexando el cuerpo muerto aqui tendido
 En desierta, pero vexina arena.
 Y luego la real cara animosa
 Boluiendo a todos, mas clara que el dia,
 Aun de su cuerpo muerto recelosa.
 Trocame a ruegos de la madre mia
 [Les dixo] con sus hijos desdichosa,
 Que a oro os los comprô, quando podia.

SONETO 19.

AH que diré, que es esto, que ansi engaña
 Tan dulcemente, en lo que tanto duele,
 Tan en contrario a todo lo que suele
 D'acontecer en quanto offende, y daña.
 Vemos [y es cosa clara] que se ensaña
 Quanto se mueue en tierra, o en ayre buele,
 Vna vez engañado, y que se vele
 Aun puestô en seguro d'arte, y manha.
 Ora este coraçon mio offendido
 Tantas vezes llegado a la su muerte,
 Como lo pone ansi todo en oluido?
 Quanto al hado se dio, quanto a la suerte
 Quan poco a la raxon, poco al sentido
 Por verie sov no ta, bueluo a verte?

SONETO 20.

A Mor tirando vâ por cielo, y tierra
 Mil flechas de oro, mil de plomo elado,
 Há muerto, hà mal herido, hà mal llagado
 A muchos, y dize el, de buena guerra.
 Ojos yâ no tenia, oy dos cierra,
 Las manos malas solo le ban quedado,
 Cruel flechero, al mal tan auesado,
 Que a caso tira, y nunca el golpe yerra.
 (Dizele la su madre) de las queixas
 Quantas oygo de ti (burlando vn dia)
 Mal burlador, no quieres que algo crea?
 Besola el en los ojos, y madexas
 De oro, y respondiolo, ò madre mia,
 Como quereis si soy ciego que vea.

SONETO 21.

A Do se boluerâ, que no se espante
 De nueuo esta alma mia lastimada,
 A la presente cuyta, o a la passada
 Que esperança me haze ir tan adelante?
 Que aprouecha que llore, y qnè, que cante,
 Que grite noche, y dia, en fin que es? nada.
 Porfiar, y seguir la via errada,
 Antes es vanidad, que ser constante.
 No fuera mucho descuidarme vn poco,
 Mas ir perdiendo el dia pieça a pieça
 Quando yâ sobreviene noche escura?
 Que cosa puede ser, sino es ser loco?
 Ah de quien confiarè la mi cabeça,
 Que me aya de curar a locura.

SONETO 22.

Que es esto Philis, que estás tan turbada
 Tan sola, demudada, y sin color,
 Cabe esta fuente, tanto Ruysenior,
 Y tanta otra auezilla enamorada.
 Si lo que ves, y que oyes no te agrada
 Que te puede agradar, ni dar sabor,
 Vez tanta diferencia, y tanta flor
 De que la tierra está como esmaltada.
O Nise, Nise leda, y desseosa
 De caçar vine aqui a esta ribera
 Todo me hizo olvidar la fuente hermosa.
 No soy la Philis yá, que d'antes era,
 Salteome aqui vn cuydado, ab falsa cosa,
 Quan presto esta mi vida se perdiera.

SONETO 23.

Fuente

Cabe vna en boz alta, y sin tino,
 Se quexa el buen Salicio atormentado,
 De vn mas que vano amor, zagal cuytado,
 Ved de su mal a que remedio vino?
 Amor que nunca va por su camino
 A caso ende passaua a buelo alçado,
 Oyò el llanto que despedaçado
 El monte repetia alli vezino.

S Quien dio principio a mis cordejos. **A.** Ojos.
S Cierta crueles, y a mi destierro. **A.** Ierro.
S Desseos a que fin lleuanos. **A.** Vanos.
S Alagrimas, y enojos. **A.** Mas enojos.
S Pues que remedio a tanto de hierro. **A.** Hierro.
S Que muera assi a mis manos. **A.** Ya mis manos.

Soneto

SONETO 24.

A Diogo Bernardes.

Neste começo d' Anno, em tam bom dia,
 Tam claro, porque nam faleça nada,
 Me foy da Vossa parte apresentada
 Vossa composição boa a porfia.

De que espanto me encheo quanto alli via?
 E mais em parte cá tam desviada
 Sempre atégora da direita estrada
 De Clio, de Caliope, & Thalia.

O que enueja vos ey a effe correr
 Tolla praya do Lima abayxo, & arriba
 Que tem tanta virtude de esquecer.

O que estes tristes corações alivia
 Do pezar igualmente, & do prazer
 Passado, que nam quer que inda homem viva.

SONETO 25.

A Francisco de Sà de Menezes.

A Vossa verdadeira penitente,
 Quão bem que lhe guardais pontos devidos,
 Do sepulchro os Apostolos partidos
 Ella nam parte vede o que alli sente.

E assi mereço ver primeiramente
 A Deos, que fosse em babitos fingidos,
 Tudo amor vence, altissimos sentidos
 A quem tal ortelão se fez presente.

Gregorio a põe por hũa, outros Doutores
 Fazemna tres, apos Gregorio vam
 Despois os mais, com todos os pintores.

Aquelles direy eu senhor que sam,
 Aquelles outra vez que sam amores
 Tantos soffiros, & hum só nunca em vam.

SONETO 26.

A morte de sua mulher.

Aquelle espirito já tam bem pagado
 Como elle merecia, claro, & puro,
 Deixou de boa vontade o valle escuro
 De tudo o que cá vio como anojado.
 Aquelle spirito que do mar irado
 Desta vida mortal posto em seguro,
 Da gloria que lá tem de herdade, & juro,
 Cá nos deixou o caminho abalisado.
 Alma aqui vinda nesta nossa idade
 De ferro, que tornaste a antiga douro
 Em quanto cá regeste a humanidade.
 Em chegando a juntaste tal thesouro,
 Que para sempre dura, ab vaydade
 Ricas areas deste Tejo, & Douro.

SONETO 27.

Este retrato vosso he só sinal
 Ao longe, do que sois, por desamparo
 Destes olhos de cá, porque hum tam claro
 Lume, não pode ver vista mortal.
 Quem tirou nunca o Sol por natural,
 Nem viu (se nuvens não fazem reparo,
 Em noite escura, ao longe aceso hũ faro,
 Agora se não vee, ora vee mal.
 Para hũs tais olhos, que ninguem spera
 De face a face, gram remedio fora
 Acertar o pintor veruos dormindo.
 Mas inda assi não sey que elle fizera,
 Que a graça em vos não dorme em nenhũa ora
 Fallando que fará? que fará rindo?

SONETO 128.

De Pedro Dandrade de Caminha.

NAmousaram atêgora apparecer
 Estes versos de si desconfiados,
 Porque de mal compostos, & ordenados
 Affas tem, porque deuzm de temer,
 Vambos pedir senhor, que os queiraes ver,
 Eriscar, & emmendar, porque emmendados,
 Por vos possam andar mais confiados
 Do que por ueus puderam merecer.
 Vaybi Androgeo triste, Vay Serrano,
 Queixase este presente, aquelle ausente
 No Mondego por vos já celebrado.
 Queixamse Nymphas delle, abi do dano
 Que por Syluia se vê nelle, & se sente
 Triste, della, & de vos desemparedado.

SONETO 129.

Resposta do Author.

Assi que me mandaeis atreuer
 A versos já das Musas assellados?
 E áquella grande Syluia consagrados
 Hycaro me põe medo, & Lucifer.
 Os meus se nunca acabo de os lamber,
 Como vssa aos filhos mal proporcionados
 (Ah passatempas, ah vãos cuidados)
 A quem posso porem nisso offender?
 Tudo cabe no tempo, entregue ao dano
 Depois á perda, digame esta gente
 Qual anda & furioso assi emmendado.
 Deixo as cousas sagradas, que hum profano
 Leygo, como em tocallas tão sômente,
 Nambe de fiso saõ, mas aballado.

SONETO 30.

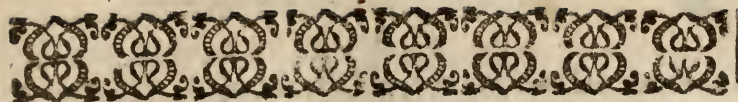
De Dom Manoel de Portugal.

Soem ás vezes ser mais estimadas
 As palidas espigas puramente
 Offrecidas, que o ouro resfulgente
 Descuberto por veas soterradas.
 Por isso ante vos vam tam confiadas
 Rarissimo Francisco, & excellente
 A rudeza do estillo differente,
 E as incultas estanças desornadas.
 O que brotou de si a natureza
 D'arte, nem d'arteficio ajudada,
 Colhido sem saçam senhor offreço.
 A vontade de vos seja estimada
 Porque em tam baixo tempo em que pureza,
 E em que obras nam ha deue ter preço.

SONETO 31.

Resposta do Author.

Tantas merces tam desacustumadas
 Como as posso eu seruir deuidamente
 Farey como ja fez hum innocente,
 Hum rustico pastor dentre as manadas.
 Que d'agoa offereceo por mãos lavadas
 A Xerxes, bebeo elle, & sanctamente
 Iurou que nam bebera tẽ o presente
 Com tal sabor por copas d'ouro obradas.
 Senhor Dom Manoel se a sã clareza
 De hum peito aberto, & limpo, & se lavada,
 Muito merece, muito vos mereço.
 A pedraria vãmente estimada
 Os vazos crystalinos de Veneza
 Ia se achão, eu aos meus palmos me meço.



AS OBRAS DO
DOCTOR FRANCISCO DE
Sà de Miranda.

FABULA DO MONDEGO.

A EL REY DOM IOAM O III.

I

INCLITO Rey, que de vno al otro Polo
De tropheos enchis, abriendo al Nilo
Desd'el Tajo, luz nueva, y nuevo dia.
Trocando en esto la natura estilo,
Dandoos Neptuno el mar, dandoos Eolo
Sus vientos, y armas Marte a la porfira.
Por la Zona, que ardiu
Bolando osadamente
Vuestra animosa gente,
Los Portugueses, a quien nada espanta.
En vòs, Senhor, los ojos, y en la santa
Empresa, y lealdad propria, y d'abuelos
Que a los miedos encanta
Gran denuedo venció, grandes recelos.

As Obras de

2

Mientras nel mar bermejo el Otomano,
Poder usado a tantos vencimientos,
Per culpa agena, mas que virtud suya
A la las llagas, trueca pensamientos
Tiembra pensando a vuestra armada mano
Como s'ampare, o como della huya,
Antes que lo concluya
Del todo, y buelva en nada
La victoriosa espada,
En el comun plazer ninguno quede:
Que no os venga a servir con lo que puede.
Yo tambien tropecando hasta que caya
Verè, si me concede
Nuestro estrellado Pan, con que a vòs vaya.

3

Viendo que baxais vuestros oydos,
Por essa tan humana mansedumbre,
Al canto pastoril, yâ hecho osado:
Quçà mouer è mas â la la cumbre
D'aquel alto Parniso mis sentidos:
Que del estaua yâ medio oluidado.
El bueno, l'alabado
Tyrrero Manuano
Alcando el cantar llano
Del campo, nos dexò sobrada escusa

De correr tras su leda, vana Musa
 Quanto las fuerças pueden sostener,
 Como vemos, que se vfa
 Reconociendo el tiempo, y su poder.

4

Entre el gran Tajo, y el Duero el buen Mondego
 Vn tiempo Munda (tal es su agua clara)
 Yendo se por sus campos passcando.
 Saliendo donde el monte le apretara
 El trabajo vencido, entra en sosiego,
 Y como vencedor va triumphando.
 A do agora cantando
 Juntas las nueve hermanas
 Del fauor vuestro vfanas
 Acordadas se mueuen, y en concierto
 Saliendo del nublado al ayre abierto
 Cantando el vuestro nombre, y subirle can
 Del cielo al alto puerto
 Do tales Reyes por tales obras van.

5

Riberas deste caudaloso rio
 Riquísimo de pastos, y ganado
 Vno vn noble donzel de nascimiento.
 En edad tierna huérfano dexado:
 Sin padre, o madre, sin hermano, o tio
 Libre señor de vn largo heredamiento.

As Obras de

El visto entre otros ciento,
Hermoso, apuesto, y tal,
Que a ser el principal,
No cuerpo, gesto, o gracia le faltava
Antiquissima fama le arrayava
De sangre de Gerion, que a tantas lides
Ante su grey se armaua
Fuerte en tres cuerpos contra el fuerte. Alcides.

6

Cuya venida a do aquella agua baña
Los campos de Coimbra, ay tal memoria
De vna alta torre de su nombre rica.
Por suya juntamente, y nuestra gloria
Como aquellas columnas, que a la Hespaña
D' Africa parten con distancia chica.
Tras esta multiplica
Una y otra señal,
Tanto arco triumphal,
Tantas las grutas, y edificios Romanos,
Tantos los aqueductos ya mal sanos,
Que la han de antigüedad ennoblecida.
Segun las nuestras manos
A sus obras dan mal años de vida.

7

Mas sobre todo lo que enriqueció
L'antigua tierra mia, es el thesoro

Del sancto cuerpo de su Rey primero
 Que en vn dia vencio tanto Rey Moro,
 Quando aquel Rey Mayor le aparecio
 Erguido qual estuuu en el madero,
 Por el padre primero
 Que con el bien no pudo:
 Por lo qual vuestro escudo
 Real llena pinturas tan diuinas,
 De tales Reyes, y tal mystério dignas,
 El buen Hijo cabe el quiso yazer,
 Que desplegó las Quinas,
 Y a Guadalupe sangre hizo correr.

8

Voluamos al Meandro, que en tal parte
 Tanto a su sabor và que no se siente,
 Bien como otro Meandro en sus rodeos.
 Ende al passar de vn bosque, de vna fuente,
 Rica de la natura y pobre d'arte,
 Viose vna Nympha tambien sin arreos.
 Diuina en sus meneos,
 Graciosamente estando,
 Graciosamente andando,
 Blando ayre respiraua el prado ameno,
 Ella cantaua, y juntamente el seno
 Enchiendo se yua de diuersas flores,
 De que el prado era lleno

As Obras de
Sobre verde variado en mil colores.

9

Que todo era ende, do se detuuiera
La Nympha hermosissima, cubierto
De arboledos floridos, que se alcanan;
Todos quasi en medida, y cuento cierto
Del rio de vna parte, y del monte era
De otra cercado, que lo rodeauan,
Las aues combidauan
Con sus blandos cantares
Tomar alli a pezares,
Puerto: quien a sazon mejor arriba
La fuente mana de vna piedra bina,
Escondida a pastores y a ganado,
Que dulcemente se yua
No se que murmurando por el prado.

10

— Nieve la Nympha, y el vestido nieve,
Entretexidas d'oro flores raras,
En las sueltas madexas d'oro fino,
Uencen sus ojos las estrellas claras,
Los delicados pies por flores muene,
Quanto se ve, y no vé todo es diuino.
Un cuerpo mortal digno
Nunca fue de tal ver,
Y quando vno de ser

Nunca

Nunca se acontecio sin graue daño,
 Exemplo es de Acteon el caso extraño,
 Que transformado en ciervo, corre el campo
 Un caçador tamaño
 Huyendo al su Pamphago, y al su Melampo.

11

Ella cantaua aquel cantar famoso
 De la blanca Diana, y roxo Apolo
 Hermosissimo parco de Latona
 Que no le dan con tales hijos, solo
 (Si quier por breue espacio) algun reposo,
 Afflica sin ayuda de persona
 Tuuieran la corona
 De crudos, y villanos
 Los Licios Aldeanos
 Ranas^a ora viles, que han tal hecho,
 Negando el agua de comun derecho,
 De vida a todos, que ella de merced
 Con sus hijos al pecho,
 Les pide muerte de cansacio, y sed.

12

Diego (que tal nombre el moço auia)
 A caso alli llegó busca sosiego,
 Viniedo de sus caças fatigado.
 Ay triste a donde vas? todo ende es fuego.
 El bosque, el rio, y essa fuente fria,

As Obras de

Son llamas biuas: buelue atras cuytado,
De su suerte llenado,
La Nympha en oſteando,
Como aqui vine, o quando,
(Dixo) yo donde eſtoy? ojos que veis?
Sentidos que tan alto os eſtendeis?
Ay Dioses inmortales, no me ſea
Contra todas las leys
Por culpa auida aqui coſa que vea.

13

La Nympha que ſintio de ojos mortales
Su beldad inmortal ſer offendida,
Cimio (dexando el canto) contra el Cielo,
Del geſto hermoſo la color perdida,
Y juntamente bueltos los ſeñales
Del plazer huydizo en pena, y duelo:
Y como hizo el moçuela
Troyano, no pudiendo
Sufrir ſu cuyta, ardiendo,
Echoſe al agua allà por lo eſcondido
A los ojos huyò, que no ſe vido
Deſpues acá entre nòs en parte alguna:
Diego eſuanecido,
Como vna piedra mira a la laguna.

14

Auia Amor diſpuerto a la ſazon
El pech. (d'antes duro, y çaharçño)

Aue-

Auesado a la caça de las fieras,
 Ya despreciar Amor dende pequeño,
 Por lo qual assechando la occasion,
 Vengatino qual es, diole de veras,
 Diciendo. Ora tu, que eras
 Tan atreuido y loco,
 Ternas en este poco
 Para toda tu vida, o corta, o luenga.
 Vengose el niño ciego, ora te venga,
 Si tanto puedes. Frio Diego està,
 Oyò la cruda arenga,
 Sintio el gran golpe, Amor burlando vò.

15

Despues (como de sueño alto) despierto,
 Los ojos buelue acà, y allà pasmado
 Al cielo, al agua, al monte, al campo llano,
 Y qual ir vemos vn desasísado,
 Ansi se mueue como por acierto,
 Ora corre, ora pàra, y grita en vano;
 Cozòse Amor villano,
 De como en poco trecho
 De Diego vn otro há hecho,
 Viendole por el agua entrar sin tino,
 Quanto entrar puede, que no sabe el mezquino
 Lo que hazer dena à quella cuyta suya,
 A quel furor diuino,

Donde, o como le atiendâ, o por do buya.

16

Dezia a gritos, Como, y pudo auer
 Lugar a do cupiesse vn bien tamaño,
 En todo este cercado acá del suelo?
 Aquel bien solo, que ygualaua el daños,
 La tanta claridad, como esconder
 Se puede por mi cuyta, y desconfuego?
 Quien me alçaria a buelo
 Buscando el arte todo.
 Quien me dar à algun modo
 De todas reholuer las aguas dentro?
 Quien me abrirá la tierra hasta su centro,
 Que siempre vaya, y nunca buelua atrás,
 Por fiero y duro encuentro,
 Hasta que llegue a dar donde tu estás.

17

Que podeis yá aqui ver ojos cuytados,
 Saluo ora baxo, ora mas alto el rio?
 Ora al amigo mal, ora al pariente?
 Ora grande calor, ora gran frio?
 Las roñas, los mas males de ganados,
 Las renzillas, que van continuamente,
 El luengo año, que miente,
 A tantos de sudores
 De pobres labradores,

No basta trabajados, mas hambrientos,
 Truenos, yelos, granizos, malos vientos,
 Humida, y graue niebla, ayre corrupto,
 Tantos desabrimientos,
 Del tiempo, o muy lluvioso, o muy enxuto.

18

Todo quanto este mundo en precio tiene,
 Riqueza, y flores, fuentes que ansi aplazen,
 Toda aquella beldad, nos es estraña.
 Por costumbre es la fuerça, que nos hazen.
 Que poco dello, o nada nos conuiene
 El fuego hermoso todo quema, y daña:
 Quien espera la saña
 Del agua quando crece?
 Allà riba apparece
 Tanta d'estrella, que la noche muestra,
 Mas estan altas: es rica la muestra,
 Estraña a nòs: pero no lo era aquella,
 Que vi: y assi tan presta
 Huyò, ay Dios! cierto, y no donzella.

19

A mi mismo soy hecho vna enojosa,
 Y muy pesada carga, en ygualdad
 Me falta ansi lo mio, como ageno,
 Pobre en mis bienes, que es d'auer piedad,
 Que basta al coraçon que no reposa.

As Obras de

Quien la mano metio dentro en mi seno?
Que se hizo el tiempo bueno:
Que me yua a las riberas,
Que me yua tras las fieras
A caçar, y pescar, con que porfia,
Partia ledo, ledo me boluia:
Como las cosas van mudando el ser?
Ora con que alegria
A casa bolueré? con que plazer.

20

Yuase Diego ansi deuaneciendo
Por sus locuras, que fin no tenían
Muchos cansacios sin ningun provecho,
Idos los vnos, otros que venian,
Configo de contino peleando:
Uâ batalla cruel dentro en su pecho:
D'amor, y de despecho
Acâ, y allâ lleuado,
Ora vence vn cuydado,
Ora vence otro, el triste hecho pedaços,
Con sus contrarios lidiando a braços,
No viendo que consejo dexe, o siga,
Confuso entre embaraços,
Riendose a la Fortuna su enemiga.

21

Un dia (vano aliuio de su mal)

Allivenido con la su vihuela,
 Que otro tiempo preciada ser solia.
 No como ser solia se consuela,
 Mas descordado el triste, y desigual
 Dexaua ora el ^{tan} ~~cantar~~, ora ~~can~~ta.
 Puesto en tal agonía,
 Uno de començar
 El lloroso cantar
 De Euridice, y de Orpheo antiguo cuento.
 Caen lagrimas vanas, lleva el viento
 Muchos sospiros, tiempos muy diversos
 Trayendo al pensamiento;
 Al fin soltó la lengua en estos versos.

22

Huyendo al atreuido de Aristeo,
 Euridice, en el prado ponçoso
 Mordida cae, cruel caso por cierto.
 Dexando al triste, dexando al quexoso,
 Al pobre, al lastimado solo Orpheo,
 Que entre muertos la busca antes de muerto.
 Nunca con tal concierto
 Las cuerdas mano humana
 Tan dulce, y tan liniana
 Mente tocò, como el su mal cantando
 Como el tañiendo: Euridice llamando
 Euridice, en repuesta el valle dà.

Quando

As Obras de

Quando se assienta, y quando
A las lagrimas buelue, y quando vâ.

23

De vna merced de Amor, dize, priuado
Si ante tiempo me auéis, como hizistes,
A vòs mismas juzgar, sombras, lo dexo
Si os mueue a pieda a los casos tristes,
Un solo coraçon a entrambos dado,
Quitar desme lo ansi: desto me quexa,
Si el Sol de quien me alexo
Que vio tanto, ver pudo
Tan feo caso, y crudo
No tengo en nada, ni sea nada el dañ
Amor me trae acá, traeme engaño
Deseo, que esperando se consuela,
No os parezca extraño.
Tiempo os pido no mas, poco, y que buela.

24

Todo se os deue en fi, corre a la muerte;
O cedo, o tarde, quanto allí parece
Y nuestro cedo, o tarde a vòs que es? nada.
A mi, que amaneciendo me anochece,
Fue me mostrada la mi rica suerte;
Y entre ver y no ver me fue quitada.
Ver vna flor pisada,
Primero que cogida:

Ver la fruta perdida
 Que al buen primero olor mal tiempo estraga,
 Miessees d'algún turbion, o d'arte maga
 Dañadas, cansa en ver la vista, y ciega
 Mirad la cruel llaga
 Que os muestra a mor por mi piadoso, y ruega.

25

Que no me trae aquí codicia estraña
 De los vuestros thezoros encubiertos
 No loco acreuimiento, ni mal lad
 De espiar los caminos, o los puertos
 Del Reyno, que el gran lago Estygio baña.
 Traeme solo Amor, busco piedad.
 Si tanta crueldad
 Acá so tierra se vsa,
 Que no me valga escusa
 Que no me valgan lagrimas, ni ruego,
 Sombras, que vais por ayre oscuro, y ciego,
 Que yà de mi la mejor parte vuisies,
 Decid, que es esto? os ruego,
 Porque vna no quereis, y otra quisistes?

26

No me lo echéis, por Dios, a presumpcion,
 Mas a gran cuxya, que me fue ca y guia
 Vença esta noche la mi llama buena.
 Si acá de Amor conosciemento auia

As Obras de

Como vimos allà nel gran Pluton
Que del mostrò tener no poca pena
Claro entre nòs se suena
De donde, como, y quando
Proserpina buscando
La madre, acà baxo: y satisfecha
Boluio: si quiera en parte desta estrecha
Ancia, respire triste, vn poco, aqui.
Mi mal que os aprouecha?
Del bien, que os cuesta mas el no, que el si?

27

Al son de las palabras piadosas,
Y de la lyra blanda, y boz diuina,
Que de su mano Amor todo acordara
Todo lo enternecio, por do camina
Baxaron las sus clines espantosas
Las tres hermanas; Charon lo esperàra;
Serenando la cara
De fea catadura
En su barca segura.
Por tres bocas huuiando el can Cerbero;
Oyendo el triste, oyendo el lastimero
Llanto, llorò, dexando aquella puerta,
De que era antes portero
Tan duro, de piedad al viento abierta.

28

Estuuo luego queda aquella rueda,

*(Del Centauro atreuido. Las hermanas
Nietas de Belo) ninguna acudió*

*Al vano officio. Quedas las mançanas
De Tancalo, y su agua estuuo queda,
Su sed, su hambre, todo s'aquietò.*

*El Buyere no royò
De Ticio las entrañas,*

*Vino a las soterrañas
Casas del gran Plucon (palacios reales)*

Tañió, cantò, llorò tambien sus males,

Que Euridice le fue dada con ley,

Que en Reynos infernales,

No mire atras. Ansi le plugo al Rey.

29

Todo promete Amor, todo lo espera,

Vencer pueda, o no pueda, buelue ledò,

Sigue callada Euridice tras el,

Ora aquel, que antes desto tanto miedo,

Tanto trabajo por Amor venciera,

Venciolo Amor, no se fie nadie del.

Boluióse: y solo aquel

Ayre escuro abraçando

En vano vâ llamando

Por ella, que esuanece, Amor ingrato

luega estos juegos? No puede el contrato

C

Real

As Obras de

Real quebrarse, no la ley firmada,
Dize de rato en rato,
Quanto fuera mejor nunca auer nada.

30

Echado de allá dentro, aquellas puertas
De firmes diamantes, luengamente
Maldixo muchas vezes, y a los muros
Arrojò la vibuela, impaciente,
Quanto mas reziò pudo, y aquellas muertas
Sombras, crudas llamò reynos oscuros.
Los dones mal seguros
En tal parte alcançados,
De Dioses nunca usados.
(Dezia) ni a merced, ni a piedad,
Ni saben que es firmeza, y que verdad,
Ni mirar la intencion si les offende,
Amor, y humanidad
Qual es, aquel cruel, que lo defiende?

31

Ansi cantaua Diego, y no pudiendo
Con la gran cuyra, que a desora crece,
A mil remedios vanos se acogia.
Oluida la sampoña, y no s'estrece
Que no viesse visiones, vâ corriendo
Como furioso de malencolia.
Niente le toda espia,

Nunca

Nunca cuenta concluye
 Del campo a caso huye,
 De casa huye por los campos llanos,
 Tomados tantas vezes a las manos,
 Mis engaños (dezia) o lo que es esto?
 Conozcoos por vanos,
 Y bolverme a engañar luego tan presto?

32

Bien veo que los Dioses offendidos,
 De mí se vengan como mas les plazze,
 No mediendo la pena con el yerro,
 Yo que puedo ende hazer? el alma yaze
 Como por muerta: yazen los sentidos
 Cargados deste mal como de hierro,
 A las sabiendas yerro,
 No lo puedo enmendar,
 Pudiera ya passar
 Todo el mal que entre dia se me ofrece,
 Mas ydo el Sol, que todo se escurece,
 Forçado buelvo a casa, y luego al lecho,
 Que buelta se recrece,
 Que sobresaltos van dentro en mi pecho.

33

Los mis ojos gran tiempo ha que pusieran
 El buen sueño en destierro, y si ende llega,
 Allà de fuera, el su reposo dexa,

Vàse bolando por la noche ciega,
 E en su lugar visiones succedieran
 Todas de miedo, que mucho me aquexa,
 El alma se me alexa.

A muy grandes jornadas,
 Seran presto acabadas
 Estas pendencias, diran los pastores,
 Unos que fue locura, otros que amores,
 Otros que maldicion, o assombramiento,
 Y si ay males peores
 Haran, triste de mi, cuentos sin cuento.

34

Quantos votos se hizieran, y que ayunos?
 Que estrañas deuociones deslissadas,
 Quantos cuerpos de cera se offrecieran?
 Quantos de tierra por encruzjadas?
 Mas los Dioses a ruegos importunos
 Sordos àzia otra parte se boluieran.
 Que alturas no subieran
 Por montes sin caminos?
 Los romances diuinos
 Cantando, do la nieue el suelo esmalta
 A todo tiempo, que en parte tan alta,
 Cren ser oydas mejor las sus preces,
 Nunca esperança falta,
 Falta lo que se espera muchas vezes.

Como el pino en el monte combatido
 Del impetuoso viento en la tormenta
 A quantos que lo ven pone en recelo,
 Los truenos amenazan, arrebieña,
 El fuego por las nubes exlo erguido,
 Exlo coruo que vâ cayendo al suelo,
 Hasta tanto que el Cielo
 Se abre en llama ardiendo,
 Entre viendo, y no viendo,
 El brauo rayo en bueltas mil descien-
 â quel postrero mal quien se defiende?
 Queda vn tronco quemado, y cuento breue,
 A quien passa por ende,
 O busca alli quiza que a casa lleue.

36

Los males que passando el tiempo cura
 Como vemos que el haze, pues que vâ
 A tal priessa (dezia) no son males,
 Esto si, que este es mal, que aqui se estâ
 Tanto â despacio, y del tiempo no cura,
 Un tan cierto remedio a los mortales:
 Y si las inmortales
 Almas de acá partidas,
 Del todo escaecidas
 Van de quanto acâ vieran por baldio:
 Este amor, o que se es este mal mio,

As Obras de

Do quiera que yo de aqui fuere lleuado,
De oluido el ondorio
Seguro passarà junto a mi lado.

37

Y si lo que esta tierra no fue digna
Tener mas luengamente, anda cantando,
Fuera deste ayre grueso, en oero claro,
Y por otras riberas passando
Que digan con la su beldad diuina,
A que estoy me aqui mas? a que me pâro?
Que no busco aquel raro
Lugar, que ella esclarece.
A do nunca apparece
Sombra, ni niebla, y siempre es claro dia?
Ella me sea pues mi buena guia
Partiendome de aqui se quier que vea
Que vna ora amanecia
Tras vna noche tanto larga, y fea.

38

Fueran oydos inciertos, y estraños
Sones, por el silencio de las noches,
Que el sueño de los lechas ahuyentauan,
Fueran vistas visiones de sonoches,
Que oyendo, y viendo niños tiernos d'años
A pechos de las madres se apretauan,
Alto dia bolauan

Las aues enemigas
 De luz, con sus antigas
 Desapazibles gritas, y alaridos,
 En las manadas Boyes dauan bramidos,
 Que era vna piedad solo el oyllo,
 Bauados, y transidos,
 Dende el Toro mayor, hasta el nouillo.

39

Los gruessos campos sembrados de trigo
 Bueno, y escogido, dauan vana auena,
 Y joya, que la gente embobecia,
 Quien sembrò mucho, y quien no tanto, apena
 (La fama que no muere, me es testigo)
 La su propria semiente recogia:
 Alcauase, y ponía
 El Sol sin claridad,
 Temiose aquella edad
 De vna noche sin fin, o mucho luenga,
 Quien quereis por seguro que se tenga?
 Entre tanto cuylado tan continuo?
 Entre vna tal contienda,
 En fin quando le plugo al hado vino.

40

Vete buen Diego en paz que en esta tierra
 El plazer de oy no dura hasta mañana,
 Y dura mucho quanto desaplaze,

As Obras de

Allâ acra no ves la vision vana,
Que acá viniendo te hizo tanta guerra,
Ardiendo el cuerpo que ora frio yaze,
Lo que allâ satisfaze
A tus yá claros ojos,
No son vanos antojos
De que ay por estos cerros muchedumbre:
Mas siempre vna paz buena en clara lumbre:
Contentamiento cierto te acompaña,
No tanta pesadumbre
Como acá vâ por esta tierra estraña.

41

El acontecimiento doloroso
Sabido por lugares conueezinos,
Ayuntò luego gente a nueuo llanto,
Y nuevas alabanças, los caminos
Eran llenos de madres sin reposo,
Temiendo de sus hijos, que aman tanto:
A todos hizo espanto
Que lo han visto, y oydo,
Vn mal no conocido,
Un mal que nunca viose entre los males,
Dizen como pasmados los zagales,
Diego es muerto, diuinos consejos?
Si ansi se van los tales,
Que será de nosotros zagalejos?

Aman

42

Auian ende erguido, de maderos
 Como vna tumba auianla cubierto
 Toda de rama obscura al derredor,
 Teas de pino por el campo abierto
 Quando fuego haziendo mil carreros, *q. i. v. ande fug. H.*
 Boltando vna mas breue, otra mayor,
 Passado aquel furor,
 Plañido assaz, y assaz,
 Estando vn poco en paz,
 De aquella obscura tumba el edificio,
 Al fuego diose, como en sacrificio,
 Leuantanse alaridos desiguales,
 Dixo vno que es su officio
 Ruegos a la ceniza funerales.

43

Las quales recogidas luego alli,
 Fueran puestas en alto, y fueran mas
 Cayado, honda, y viguela: puestas luego,
 Que el tirando dexaua el viento atras,
 Y todo junto vn verso dixo ansi:
 Despojos ante tiempo del buen Diego.
 Yâ que esto vno sosiego
 Porfiaran pastores
 A cantar sus loores,
 Condenando de Muerte, y Amor la saña,

C S

Mandò

Mandò los sus ingenios toda España:
 Vuo Epitaphios varios, y diuersos
 De la nuestra montaña
 Vino vn pastor, cañiò, puso estos versos.

E P I T A P H I O.

EL Enemigo Amor a tus postreras
 Honras, vino (buen Diego) y allí quemò
 Su arco, y las sus flechas lastimeras,
 Lloroso, y desarmado se partio,
 Secaranse laureles, y las eras,
 El ganado a pascer no se baxò,
 Todo te dà señal de su cristura,
 Plantas, hombres, ganado, y sepultura.

A E L R E Y.

Cantado os he Señor la vida y muerte
 De Diego luengamente allí plañido,
 Por las hermosas Nymphas Neyua, y Lima,
 Esta que yâ fue llamada agua de oluido,
 Estotra de su fuente hasta do viere
 Su vasillo en la mar de mucha estima
 La fama por encima

De montes, y de rios,
 A estraños señorios,
 Llenó bolando el caso sin sosiego.
 Ora del claro Munda, y del buen Diego
 Por su Lusillo alli tanto cercano,
 Trocò el nombre en Mondego,
 Que parte el vuestro Reyno Lusitano.

45

Por cierta prueva del antigo cuento,
 Conforme a lo que os he señor contado,
 Parece de Coymbra en el pendon
 Qual lo vemos al ayre desplegado
 La Nympha en forma de vn encantamiento,
 Que la guarda vn gran Drago, y vn Leon,
 Y con justo blason
 (Pues que el Reyno pregon
 Que es alli su corona)
 A la Nympha, corona fue añadida,
 Que por el agua và medio metida,
 Quanto mano pintar la pudo hermosa
 Pero como offendida
 Turbada toda, y toda desdeñosa.

46

Ceros dan tal pintura a la Donzella
 Que dio nombre a los montes Pirineos,
 De Hercules por amor despedaçada.

As Obras de

El cuerpo de las fieras, de desseos

El alma, mientras sola se querella;

Que estando con el no teme nada.

Otros âquella Hada

Que fue medio Serpiente;

Que el mismo en Oriente

De si en cinta dexó, dexole vn vaso

Rico, porque bebia, ora del caso

Vós sabeis todo, a quien nada escaece.

(Musas del gran Parnaso).

A nós el tiempo todo lo escurece.

CELIA,

A O I F F A N T E

DOM LVIS.

EGLOGA SEGUNDA.

1

Serenissimo Iffante, a quien se deve
Calor de Esmirna, o Mantua, a quien el mia
Quando mas arde es vna fria nieue
Del siempre elado Boote, y del cardio:
Mas gran Señor en partes do no llueue
La niebla se desseca, o algun rocío,
Y no se puede de continuo andar
Armado por la tierra, y por la mar.

2

*Las Musas, quando vuestra Alteza andaua
 Buscando las empresas de si dignas:
 Que remblando toda Africa sudaua:
 Quando del Real Guion las Sanctas Quinas
 Via, que a sus confines assomaua.
 A sus fuentes las vistas mas vezinas
 Entronadas mejor, y mas de veras
 Oyllas eis acâ como estrangeras.*

3

*Por ora callarse hà Tunes entrado
 A pura fuerça, y el tyrano huydo:
 Todo lleno de miedo arrabiado,
 Y solo de sus mañas socorrido:
 Por honra aquel ladron Caco afamado
 Tener deuiera ser de Hercol vencido,
 En fuegos se emboluia, y humos vanos
 Fiandose en los pies, mas que en las manos.*

4

*Lo que al Sancto Luis con tanta gente
 Cruzada, y a Carlos Quarto denegose
 No solos ellos, mas todo el Poniente,
 A nuestros Luis, y Carlos reseruese:
 La antigua, y gran Carthago impaciente
 De sus passados daños recordose,
 Temblauan Africanos coraçones,
 Viendo juntos venir dos Scipiones.*

*Mas ah juyzios ciegos de Christianos,
Ah furias infernales, ah peccados,
Que en vuestra sangre ensuziais las manos
A tan grande sabor d'arrenegados,
Auiendoos Iesu Christo hecho hermanos
Deshazeyuos crueles a bocados,
Tantas banderas, tantos capitanes,
Y dexais la Ciudad Sancta a los canes.*

*Quando serà aquel dia que a la vuestra
Mano armada se rinda la fortuna;
Que algo d'embidia a tanta gloria muestra?
Quando serà que yo vea vna laguna
De sangre infiel vertida deessa diestra?
Yo que lo cante al Sol, cante a la Luna
Triumphos quanto a vos mucho deuidos,
Deseos quanto a mi mucho atrenidos.*

*Finalmente (Señor) puesta de parte
Por vn poco la espada, el verdadero
Iuyzio nos bolued a estotra parte
Donde entra por la mar turbado el Duero,
Y donde con gran fé, mas con poca arte,
Cantan pastores al modo estrangero,
Corren lagrimas justas sin parar,
Mientras Neyua tambien corre a la mar.*

PASTORES

DA EGLOGA.

Aurelio.

Mauricio.

Amaro.

8

Aur. **Q**ue quiere (ò mi Mauricio) dezir tal
 Hauer de perros? Como a la porfia?
 No se que sean cierto es algun gran mal.
*Aves nocturnas buelan entre dia,
 Lobos tan brauos de su natural,
 Baxan a la Aldea de la Serrania,
 No vees el mal gusano, y que pesares
 Se hà hecho de las viñas, y pomares.*

9

*Una mula hà parido en nuestra Aldea,
 Y las vacas no paren, ayer cayò
 Del Cielo vn breue que no ay quien lo lea.
 Son crego, o frayle, que yâ Missa cantò,
 Con dos cabeças (cosa estraña, y fea)
 Un potro, y con seis pies (diz) que nascio,
 Como Gallos nos cantan las Gallinas,
 Y no se vieran ogaño Golondrinas.*

Vemos

Vemos muertos caerse los borregos,
 Caen las madres de otra parte muertas:
 Los ojos que tal ven, paranse ciegos,
 Que las causas del todo son encubiertas:
 Buelan de noche por los ayres, fuegos
 Que carreras atras dexan abiertas,
 Señales que de ver nunca pensamos
 Guarde Dios de peligro a nuestros amos.

Ca se dize, que hirio por la cabaña
 Del buen Alonso vn rayo (aquel pastor)
 Que apacienta lo mas de la montaña,
 Ah no nos tenga el cielo tal rancor:
 No parece, sino, que Dios se ensaña
 Amor con nos no vé, prueua el temor,
 No ves quantas de vezes se estremece
 La tierra? antes tan firme, ora enflaquece.

Aquel noble donzel, que aqui cercano
 Con tal nuestra esperança se crió,
 Quando el la boz diuina con la mano
 Tambien diuina, tañiendo acordò,
 Luego a bozes lo dixo vn viejo cano
 (Ah de lo por venir quanto que viò)
 Quan presto te arrepientes, cruel hado,
 Quando dás tanto bien de auello dado.

13

Por cierto que yo lo vi, que no quisiera
 Auello visto, llenolo el palacio
 Crecia en todo a ojo, quanto fuera
 Mejor, y mas seguro irse a despacio.
 Cuentan milagros del des que allà fuera,
 Mas a tal priessa cierto está el cansacio,
 Sea de sprito, o cuerpo, o de ventura,
 A cansar presto và quien se apresura.

14

Mas bolviendo a nosotros (pastor bueno)
 Quando aqui veo tantas de señales,
 Quando de tal maldad el mundo lleno,
 Que allà los viejos van, van los zagales;
 Estoy confuso, y mal duermo, y mal ceno,
 Temiendo a nuestras culpas desiguales,
 Es mucho el peccar nuestro, es sin enmienda
 Que himos siempre a correr suelta la rienda.

15

Maur. Agora Aurelio entiendo que tu solo
 Eres el que no sabe el graue daño
 Deste nuestro consejo, que asselolo
 Como por tierra vn caso duro, y extraño:
 Aquel todo su bien, muerte lleuolo,
 Quien pensó ver tã presto vn mal tamaño?
 La nuestra Celia es muerta, ay breue cuento
 Mas digno de infinito sentimiento.

D

Aur.

Aur. Como que es muerta Celia? y pudo Muerte
Hazer, aunque cruel tal crueldad?
Pues como? vâse todo ansi por suerte?
Sin orden, sin razon, sin igualdad?
Tan presto tanta gloria se conuierte
En humo, en nada, estado, y fresca edad?
Triste de mi, de vida yâ Celia es fuera?
Quien oye tal cambien que no se muera?

Dexemos la beldad (que ella tenia
Por cosa vana) (como cierto es vana)
De que a las otras tal cuydado via,
Mas en cuerpo tan sano, alma tan sana;
Que para nòs, no para si biuia,
Que pudo Muerte ser tanto villana?
(Cortó la tela ordiendose sañuda,
Dexando tanta gente acà desnuda?

D' Amaro, y que serâ? solo dexado
Por raro exemplo de vna triste vida,
Como por muestra, como por dechado
A nòs serâ ella corta, a el cumplida.
Quan presto tanto bien se hà trastornado?
Ay bienes falsos, ay muestra fingida,
Que ansi nos vá engañando de año en año,
Y siempre al recoger se buelue en daño.

19

Maur. Pues aun no sabes bien lo que passé

Con el en el combate desigual,

Era justo el dolor, empero fuè

El impeto primero irracional,

Y no de hombre, aunque barbaro, y sin fe,

Sin alma, sin razon, bruto, y bestial,

— Quiso bolverse a si como enemigo,

Mas vno de lidiar antes conmigo.

20

Quantas vezes que al alma del cuyrado

Visto he partir tras l'alma sancta della,

Dexando el cuerpo alli desamparado,

Solo tendido como que yua a vella,

Dende a buen rato el triste en si tornado

Buelto de nuevo al llanto, y a la querella,

Critos mil yua dando alto, y sin tino,

Unos tras otros siempre de continuo.

21

Cruel Celia (dezia) ansi me dexas?

Quien te me hizo cruel? no me responde,

Señal que yâ no las oye estas mis queixas:

Tan lexos la lleuaron, triste a donde

Celia te me han llevado? ansi te alexas

Sin mas piedad de mi? quien te me absconde?

Quien huyendo se vâ (dizime) ah quien,

Huyendo se me vâ con tanto bien.

Luego boluia, eis que mas piadosa,
 Como siempre mas blanda, y nunca esquiua,
 Me buelue a ver, mas como tan cuydosa,
 Dexadme allâ llegar, a ver si es bina,
 O se me engaña esta alma desseosa,
 Que es esto, a do se fue, mudada que yua?
 Y quanto (ò triste) toda de otra mente
 De la Celia que yo vi primeramente.

Quantos de desuorios? que sin cuento
 De desconciertos dixo? y que de antojos?
 Que de fantasmas via en vn momento?
 Tiesos, y siempre enxutos los sus ojos,
 Parece que del mucho sentimiento:
 El humor congelaran los enojos,
 Al fin dado del todo al dolor malo:
 Era el rezio furor sin interualo.

Aur. O Celia quantas lagrimas deuidas,
 Y quantas te eran, si lagrimas nos diessen
 Remedio alguno a las passadas vidas:
 Y si por otra parte ellas no fuessen
 De los que saben mal, mal recibidas,
 Y si a flaqueza no las atribuyessen,
 No digo mas de si, ni mas de no,
 Sencas causas ternâ quien no las dio.

25

25

Aquel dolor que vâ turbando dentro
 Del cuerpo, el alma, y todos los sentidos,
 Y passa al coraçon que es el su centro,
 Las lagrimas de allà manda, y gemidos,
 Que los caminos abren al duro encuentro,
 Sino que esfuerça siendo detenidos,
 Que allà encerrado el fuego, y las centellas
 Ardan las casas, y el señor con ellas.

26

Mas en quanto se van nuestras manadas
 Paciendô a su sabor, Celia, cantemos,
 Sino estân las çamponas acordadas
 Luego con breuedad acordar las hemos
 Que despues cantaran otras vegadas,
 Pastores de que nada aora sabemos,
 Cantarlean a la sombra destos pinos,
 De alto responderan montes vezinos.

27

Maur. Que podria yo Aurelio hazer por ti
 Que mas de grado hiziesse? aunque tan roffco
 Del llorar mucho, y poco que dormi,
 Que no me falta nada para loco:
 Mas cantemos, pues tu quieres ansi,
 Que el desso es grande, si el poder es poco
 Luego començaré sin mas escusas
 Con buena ayuda della, y de las Musas.

Sonriendose està Celia de quan ciega
 Es nuestra mortal vista, y quan enferma,
 Semejante âquel juego que se juega
 De ojos cubiertos que tan mal acerma,
 Ella vé todo, y juntamente ruega
 Por la su gente, y dizle que no duerma,
 De continuo amonesta que es pequeño,
 Que es vn no nada el plazo, y grãde el sueño.

29

Bien vé que los placeres, los enojos
 Nuestros, son vanos, pienso cierto, y creo
 Que a menudo âzia cà buelua los ojos,
 A do dixò de si tanto desseo,
 Y aquellos sus riquissimos despejos
 A su cuerpo, a sus hijos, y su arreo,
 Que ser ellos en vida (ella dizia)
 Y su tan fiel, y dulce compaña.

30

Y viendo quantas lagrimas por ella
 Se derraman acà sin ningun fruto,
 Enchiendo todo este ayre de querella
 Messandonos, y cubriendonos de luto.
 Sabiendo, si llegassemos a vella,
 Que luego todo bolueria enxuto,
 Buscarme allà tan baxo (dize) errais:
Do buscar me deveis, no me buscais.

31

Mi bien, ô que plañis? no la turbeis
 Amigos la mi paz, sola esta es vida,
 Muerte essa que por vida allà seneis,
 Un punto, vn no se qué, la mas cumplida,
 En vanas esperanças no os fieis,
 La estada incierta, es cierta la partida
 De muerte en muerte andais, è veis quã presto.
 Una la vida mata, olvido el resto.

32

Hasta quando sereis niños chiquitos
 Destos que andan burlando a su plazer,
 Tiñese vno la cara, eis que alcan gritos,
 Los otros vanle huyendo a mas correr,
 Lauàse el gesto, bueluen los loquitos
 Riendose hasta de risa se caer,
 De las rugas burlais, blanco el cabello,
 Mostrais miedo al morir, q̃ es como aquella.

33

Lo que de mi preciais es poca tierra,
 Que yá nada siente, es lo que siempre fue
 Lo menos cierto os haze cierta guerra,
 Isuos tras lo que veis, no tras la fè,
 Qual de vosotros sus, sueños aferra,
 Y jónais todavia no sé qué,
 Deseos vanamente así estimados,
 Que matan deseando, y alcançados.

Estés por siempre buena Celia en gloria
 Allá, y en fama qual dexaste aqui,
 Deuióse tal corona a tal victoria
 Del enemigo del Mundo, y de ti,
 Tales contrarios, que en nuestra memoria
 No se, vencidos, quien los aya así,
 Derechamente tu fuýste a la palma,
 Dexando el cuerpo atras, auante el alma.

Aur. Ay compañero, y con que medicina
 Ungiste la mi llaga honda, y cruel,
 Que breuage tan dulce, y tan diuina,
 Me diste por medida, y por niuel,
 El mal que así me vuiera muerto ayna
 Tu me libraste de las manos del,
 Hirierame el dolor que aya mal grado
 Ayas lo bueno tu que me has librado.

Ora (pues que es mi deuda) amigo escucha
 Quiero ver mi campona, si tambien
 Cobrado hà aliento de la angustia mucha,
 Que a las vezes se van el mal, y el bien,
 Cayendo, y lleuantando como en lucha,
 Las ondas con el viento van, y ven,
 En fin la nuestra Celia me lleuante
 Para que della taña, y della cance.

C A N T A.

37.

Alçose deste baxo Celia a buelo
 De todo de la tierra aborrecida,
 Passò las nuves, passò Cielo, y Cielo,
 Matò la sed en la fuente de la vida,
 Cessen los llantos, cesse el desconsuelo,
 Que ella a fiestas nos llama, y nos combida,
 No se oygan aqui mas, sino cantares,
 Dezidme los a cientos, y a millares.

38

Ohi pastores todos Celia nuestra
 De mortal que era, es hecha yà inmortal,
 Quien no lo vé? a quien no lo demuestra
 Claramente tal vida, y muerte tal?
 Quan differentes cosas que le muestra
 Allà su sancta guia Angelical,
 Boluamos todos pues en nuestras menguas
 A Celia el coraçon boluamos lenguas.

39

Socorre, ò sancta Celia a estos estremos
 Que van acá entre nos de temporales,
 No labramos las tierras, no tenemos
 Con que, ni para que, si tu no vales
 Todo quanto sudamos lo perdemos,
 Que por demas es todo, en tantos males,
 De Dios algun remedio nos alcança
 De todo nuestro bien cierta esperança.

Demuestranos de allá Celia aquel sancto
 Amor, que de los tuyos te encendia,
 Que tanto te amas, que tu amaste tanto;
 Que en ti el su mal, que en ti el su bien se via,
 Y con que angustia el mal, el biẽ con quanto
 Zelo de charidad? con que alegria?
 Como en la casa vese al grande espejo
 El que entra ledo, o triste, el moço, el viejo.

A quien iran de oy mas con sus clamores?
 Con las sus rogatinas, y demandas,
 Si a ti nõ sancta Celia, tus pastores,
 Y las pastoras todos en sus bandas,
 Cantandote vnos y otros tus loores,
 Texendote vnos, y otros mil guirlandas,
 Los vnos, y los otros tus devotos
 Empieça acostumbarte a nuestros votos.

Ergued aqui conmigo vn memorial
 A donde a cierto tiempo de los años,
 El buen viejo anciano, y el buen zagal
 Vengan Celia offrecerte sus rebaños,
 Para seren por ti libres del mal
 De malos ojos que hazen tantos daños,
 VERNAN buenas y honestas las zagalas
 Manda el bosque vedar (Celia) a las malas.

43

Que es esto? o se me engaña el gran desseo,
 O cierto que las aguas desseadas
 Caeran presto, que señales veo,
 Las Garças van bolando en alto alçadas,
 Muevese la floresta a lo que oíeo,
 Muestra la Luna manchas assombradas,
 Los altos van la niebla yà cobriendo,
 Y el Sol se vá en las nuues escondiendo.

44

Maur. Como quíe atrauessa vn monte erguido
 Sin sombras, y sin agua en las calores
 De Iulio, y Agosto, vn mes, y otro cumplido,
 Y quando en toda á parte hiernen ardores
 A tanto mal cansacio aun añadido,
 Falta el aliento, crescen los sudores,
 En fin por vna peña agua que caya
 La vida buelue luego al que desmaya.

45

Tanto tus dulces versos me pluguieran,
 Tanta fuerça tuuieran, y tal poder,
 Que otro me han hecho, ah como se perdieran
 Entre nós el cantar, como el tañer,
 Que tanta fama a los pastores dieran?
 Mas dizenme que allâ vienen a correr,
 Ciertos zagales de la estremadura,
 Que deste yre echaran la niebla escura.

Veni buenos zagales con fauor,
 De aquellas blandas Musas de Parnaso,
 Enchi nuestros collados del sabor
 De la lyra suaue hallada a caso:
 Cantando a nuestra Celia en su loor
 Cobrireis de yerua verde el monte raso,
 Y a las fuentes de sombras, y de flores,
 Y despanto el oydo a los pastores.

Aur. Oyes? o quiçà no, Mauricio hermano
 Aquellos gritos son del triste Amaro,
 Que con la muerte vâ peleando en vano,
 Passado del dolor de claro en claro,
 Hanlo como metido a sacomano,
 Amor, y Muerte, y hecho exemplo raro,
 De la fortuna auara, y codiciosa,
 Que no há dexado en el cosa con cosa.

Amar. A que parte se es yda esta alma mia?
 Quien me la enseñara? yo que hago aqui?
 Sin alguna de dos, que antes tenia?
 Que entrambas se ajuntáran contra mi?
 Solo dexado me han, ciego, y sin guia,
 Pareceos esto Amor? dexarme ansi?
 Consigo no quisieran allá lleuarme,
 Ni buelto me han a ver, ni a consolarme.

49

Como vna llama por el monte ardiente
 Que presto en alto buela, y no parece,
 De vista se nos pierde en continente,
 Y el humo turbio solo remanec,
 Otra tal claridad resplandeciente,
 Mientras mirando estava, en se escurece
 — Ansi tan presto? triste a donde yré?
 Sin ti y allà sin ti, triste que haré?

50

Cuyrado, los lugares do te via,
 Y donde me eras tu siempre presente,
 Y lo mas que contigo me solia
 Dar vida, ora la quita crudamente,
 Con ansia, y soledad en compaña,
 Huyendo vâse el coraçon doliente,
 Dexadme ir a buscallo, y si no viene
 Tenga tambien a mi, quien me lo tiene.

51

Maur. Sin rionos compañero, y no hà parado,
 Mas como parará quien de si huye?
 Ansi como si herido vâ el venado,
 Crece corriendo el mal que lo destruye,
 Que labra el hierro crudo auelenado,
 Y a mas correr la vida mas concluye,
 Caer, mas no pudiendo, al fin se dexa,
 Pone a la vida fin, pone a la quexa.

Mas vamos al lugar yâ religioso,

Que en este tiempo, y en el que hà de venir,

Venerado serà, donde en reposo

Yaze el cuerpo que no pudo subir

Con Celia al Cielo, mas ò que sabroso

Letrero, pàrate ora Aurelio a oyr

Veràs poner seyscientos por aqui

Tal desseo dexò Celia de sí.

EPITAPHIO. 53

Sancta alma, que este cuerpo acà dexaste

No pudiendo sufrir mas tiempo el peso

Suyo, con quien en bregas siempre andaste

De mi, piedad te mueua, que aqui preso

Al amor de las cosas que tu amaste,

Estarme mandas, ay no basta el seso

A tanta cuyra, todo prueuo en vano,

Estiendeme de allà Celia la mano.

54

Aur. Este sacolo Amor de las entrañas

De aquel tanpreciado, y gran pastor,

No pudieran las fuerças ser tamañas

En otro sprito, ni tan raro Amor,

Los pastores vendran de las montañas

Prouar de sus camponhas el valor,

Mas quiẽ quereis que yguale, o taña, o cante?

A quien amando a sí passa adelante.

55

*Al fin boluamonos para el abrigo
 Que yâ hurriar d'aquí siento las cabras,
 Y las ovejas ya Sancho, y Rodrigo,
 Otros vuelcan los Boyes, dexan las labras.*

*Maur. Tiempo es dir mas primero Aurelio amigo
 Digamosle estas vltimas palabras,
 Seate (ò Celia) la tierra liuiana,
 Nazcan lyrios aquí, nazca la grana.*

A N D R E S.

A O D V Q V E
 D' A V E I R O.

EGLOGA TERCEIRA.

I

EL Congoxoso llanto, el temerario
 Furor de nuestro Andres, la marauilla
 Que al hato lo boluio, todo al contrario
 Que dantes era blando, y sin renzilla,
 Tanto, que medio mudo, y solitario,
 Sin quexas mucho mas muene a manzilla,
 Mientras yo canto, cante aquí conmigo
 Amor, aunque cruel, aunque enemigo.

El

El primero amor suyo, el primer fuego,
 De quien con rabia huyera a los desiertos,
 Centellando los ojos d'ira, y luego,
 D'amarisimas lagrimas cubiertos:
 De crudos celos, y de furia ciego,
 Quando braços cruzados, quando abierres,
 Sin si quiera al comer dar vn pequeño
 Del dia, o de la noche, al dulce sueño.

Y vos señor no os sea en menos precio
 La çampaña de Pan Dios de pastores,
 Tenida antiguamēte en tanto precio,
 Tambien entre los Principes mayores,
 No podemos a Codro, a Mucio, y a Decio
 Todos cantar, los Reyes, y altos señores
 Vuestros antepassados, y presentes,
 Esforçados en guerra, en paz prudētes.

A vòs señor no os cupo en suerte guerra,
 Estamonos aqui como en vedado,
 Por el gran Rey q̃ en paz rige su tierra,
 Que a nòs es Numa, y es Romulo armado,
 A los infieles, que el lexos destierra,
 Temido dellos, de nòs mucho amado:
 Vos entre tanto abris largos caminos
 Por los libros humanos, y diuinos.

5 8

Entre los quales tienen su lugar

Las blandas Musas que alivian el peso,

Del siempre estar attento a especular,

Que sufrir no lo puede humano seso:

Mas alto buelue, que solia estar

Un ramo que algo yuso estuuo preso,

— Y puede se mejor boltando a trechos

A los altos subir, que por derechos.

6

Pudierades passar la juuentud,

Como otros grandes Principes, andando

A passatiempos, y a la multitud

De sus plazerres, onde, como, y quando,

Hizoseos mas hermosa la virtud,

Ansi qual ella vá de flaco bando,

Tan presto conoscistes los affeytes,

I el falso resplandor de los deleytes.

7

Bien vimos quanto os plugo la pintura

De Hercules quando moço en despoblado,

Por hierta via, de vna vicja, y dura,

Por llana de vna moça encaminado,

A quella espinas muestra, aspera altura,

Fuentes, flores, estotra, y verde prado,

Mas aquel coraçon que no desfmaya,

Por el monte agro vâ, dexa la playa.

E

Ora

Ora otra vez a Andres, que vâ sin mientes,
 Huyendo los apriscos, y lugares,
 Y a todo lo pisado de las gentes,
 Añadiendo cansacio a los pesares,
 Ah loco, y de quien huyes? no lo sientes,
 Que dâs mas vienzô al fuego sin pensares,
 Loco, loco vna vez, otra vez loco,
 Y â que vâs a tu mal, vâ poco a poco.

Tu mientras que los otros apascientan,
 A sus rebaños luan, Pedro, y Rodrigo,
 Mientras nel pedernal fuego arrebientan,
 Hurtados de las vientos al abrigo,
 Do sus passados casos se recuentan
 Tu debatiendo vas solo contigo,
 Mientras tañendo estan, mientras cantando,
 Tu vâste ansi, y ansi deuaneciendo.

Pascuala, cruel sierpe, no offendida
 (Alomenos de mi) toda inflamada,
 De su veneno, dà d'arremetida
 El cuello, el pecho, y la cabeça alcada,
 Siluando la su lengua en tres partida
 Como llama de fuego apresurada,
 Que es esto? que te he hecho? ah q. me quieres?
 Cruel, la mas cruel de las mugeres.

II 41

Querida sobre todas las zagalas,
 Que hechizo hà sido di? que encantamiento,
 Que dura fuerça de palabras malas
 Las que trocar te hizieran el pensamiento,
 Bien pintan al Amor ciego, y con alas
 Alçose presto, y tan liviano al viento,
 Yo tras el de assomada en assomada,
 Que no se tras que voy, voyme tras nada.

12

Nunca quiero entrar conmigo en cuenta,
 Que cierta sea (críste) ni saber
 La causa, porque esta alma ansi se affrenta,
 Que a nadie mas que a si, deve querer,
 Amor como enemigo, que consienta
 Me dize, y que podia yo ende hazer,
 Quien puede huyr (cuycado) a su ventura?
 Mal remedio locura a la locura.

13

Aun las fieras seluages como son,
 Vencerse dexan de humanidad buena,
 El Toro brauo, el mas brauo Leon
 Con tiempo muestran que no sienten pena,
 El vno en yugo, el otro en la prision,
 Si la boz conosciada al ayre suena,
 Del Halconero, luego desde el Cielo
 Aprenderse el Halcon baxa de buelo.

Todo lo vence el tiempo, y la porfia
 En piedra dura el agua, si desciende;
 Aunque ella es blanda, caua todavia:
 Es duro el hierro, gasta se por ende,
 Lo que no haze vn dia, haze otro dia,
 A las sus fuerças quien se le defiende?
 Durissima Pascuala, quanto en ti
 De amor trabajo, y fé, tiempo perdi?

Vemos la golondrina, buelto el pecho
 Al viento, como vn rayo irse bolando,
 Ora en cielo, ora en tierra, el cuerpo estrecho,
 Las alas pocas vezes meneando,
 Contra la vena d'agua vâ al derecho
 La trucha, las acudas trespasando,
 Aues ay que de dia nunca buelan,
 Y por la noche obscura se desuelan.

Ay animales que a los nuestros fuegos
 Se acogen constreñidos del mal frio,
 Otros nos huyen, son como vnos juegos,
 Unos al monte buscan, otros al rio.
 Bienen dentro, otros de la tierra ciegos,
 Unos del fuego, otros del rocio,
 No sé que condicion tienes Pascuala
 Cierito no de muger, no de zagala.

17

Mas antes de zagala, y de muger,
 Que debaxo de aquella vista hermosa,
 Tan llegada al diuino en parecer,
 Escondio la natura artificiosa
 El mayor mal que pueden ojos ver,
 Daño que haze la pena deleytosa,
 Ponçõa de gran fuerça mata el vellas,
 Mata el oyllas, mata el oyr dellas.

18

O que ayas mucho de mal grado Amor,
 Que ansi nos turbas el entendimiento,
 En lo que es mas dañoso ay mas sabor,
 Errado el peso, la medida, el cuento,
 Donde se sigue que de vn tal error
 Se vayan recresciendo ciento a ciento;
 Qual fuente auenida perenal, auenida
 Donde mana despues tanto de mal.

19

Suerte dura, y cruel, que tal consiente
 De monte en monte voy, de valle en valle,
 Huyendo lo pisado de la gente
 Para que solo grite, y solo calle:
 Amor viense tras mi porfiadamente.
 Que yo no se quien le enseña a que me halle,
 Y à tiempo ser deuria que dexasse
 Este Andres triste, y q otro Andres buscasse.

A quien como a zagal vano, y sandio
Mostrando con blandura los sus ojos
Turbasse juntamente el aluedrio
Enchiendole de mil vanos antojos,
De vn crer, de vn esperar mas que baldio,
Cozos inciertos, ciertos los enojos,
En fin (como se dize en viejos cuentos).
El ayre lleva los encantamientos.

Aquellas sus pinturas tan hermosas,
Aquellos muchos en puntos pequeños,
Las playas, las riberas deleytosas,
Las sus riquezas tantas, y sin dueños,
Tantas sin precio piedras preciosas,
Las naues viento a popa, vanos leños,
Las fuentes claras, verdes las verduras
A desora (no veis) son penas duras.

Mas eya que ansi manda aquel tyrano
Aquel niño, aquel ciego, aquellos celos,
Que vaya donde el mundo es siempre cano
De nieues blancas de perpetuos yelos,
Do presa el agua está aun nel verano,
Do suelen siempre ser turbios los cielos,
Auer si resfriaran llamas zamañas,
Como se alcanzan dentro en mis entrañas.

23

O por ventura si seria mejor

Irme àzia esta parte a donde vez.

El Sol anda, se siempre al derredor,

Que no se esconda, como que esto sea.

Sino remedio, alivio à quel dolor,

Con que el alma vencida deuanee,

D'cro quicà, pudiera triste huyr

De mi do me podré descabollir?

24

Si una ora no podia estar sin ti,

Como podrè passar por los ramaños

Dias, que aora vienen sobre mi?

Como las noches tristes, que son años?

Si todo, si a mi mismo aborreci?

Despues que supe mas de stos mis daños,

Ora desengañado aqui que atiendo?

Que me aconseja Amor que no le entiendo.

25

Con que viene de nuevo esta mal sanza.

No se si el alma la que me detiene,

De noche aniendo miedo a la mañana,

Y de dia a la noche quando viene.

Ora huye, ora a mi buelue liniana,

Ansi como el antojo sobreuiene,

A donde no quedò remedio alguno,

A que prouallos ando a vno a vno?

As Obras de

26

*Si mās me quereis ver muerto aluenga
Tanto tiempo mal dando a las querellas,
Dexame, y iré a ver Eluira, y Menga,
Que me embian dezir que vaya a vellas,
Las mis buenas amigas, que no es luenga
Iornada, harè lo todo antes de estrellas,
Mas no, no me dexeis, que Dios os vala,
Que no estā como suele ende Pascuala.*

27

*Mudo los passatiempos que solia
Tener la mi Pascuala, antes agena,
Antes toda otra cosa que no mia,
Quien la quisiera hallar busque Ximena,
Su nueva, y su agradable compaña,
La Sancha, la Toribia, y la Morena,
Enseñadas a hazer por mis peccados
De vn solo coraçon muchos guisados.*

28

*Mas yo de quien me quexo? el de culpar
Yo soy, que yo era el mismo que me andaua
Con tanta diligencia a me engañar
Yo era el que traya, y el que llenaua
(Qual dizen) al sabor del paladar
No via, no entendia, no escuchaua,
Que mas ciego, ni sordo puede ser
Que aquel que nada oyr quiere, ni ver?*

29

Dexadme ir a los montes, que vn Cingial,
 Un Oso, vn Lobo, mientras los persigo,
 Quiza vn dia daran fin a mi mal,
 Murio en el monte Adonis, de enemigo
 Colmillo herido, el triste (y que zagal
 De tan hermosa Diosa hermoso amigo)
 Ella lo tiene en brazos, quien los viere
 A penas juzgarà qual dellos muere.

30

Qual vida, qual salud se le pudiera
 Igualar a tal muerte como aquella?
 Que oyendo, y respondiendo se partiera,
 Los ojos (al quebrar la vista) en ella,
 Que dellos recogia la postrera
 Y à muerta luz, que antes cegaua en vella,
 Vete buen moço en paz con sus despojos,
 Y no buelvas atras nunca los ojos.

31

Y quando fuesse, que en los montes frios
 Peligros, ni cansacios me venciessen,
 Ni me anegassen impetuosos rios,
 Que hinchados de las sierras se cayessen,
 Quiza seria que los canes mios
 De rabia, o hambre, a caso me comiessen,
 O por otros algunos instrumentos. *a por diversos albedos*
 De aquellos que se cuentan en viejos cuentos.

E s

Quien

Quien me sabrà dezir que cierto sea,
 En que parte del mundo en agua, o tierra,
 Me desafia la Muerte a la pelea,
 Que siempre amenazando a vn punto cierra,
 Mas si ha de ser, mejor serà que yo vea
 Preuenida por mi su dura guerra,
 Vamos, que traerà despues la suerte
 Iusta vengança a la mi iusta muerte.

Allà me llama Amor d'aquella altura
 A bolar tras el voy, veré si ansi
 Pondré fin a la vida, y a la locura:
 Passaran los pastores por aqui
 Cantando mi cruel corta ventura,
 Cruel llamando Amor, cuyado a mi,
 Apriessa por salir del val priado,
 Por la muerte de Andres mal estrenado.

Los vnos a los otros gritaran,
 Huye del valle a do yaze el zagal,
 Y los otros tambien responderan,
 Huye el valle a do yaze el zagal.
 Y todos juntos mas añadiran,
 Que por amar tambien murio tan mal,
 Que por amar tambien tan mal murió,
 Dessa peña alta Amor le despenò.

35

*Y quizá cantaran por las florestas
En tiempos por venir buenos pastores,
El criste cuento mio, y mis requestas,
Los falcos de ventura miñ amores:
En las fuentes sombrías por las siestas
Al Sol despues, passadas las calores,
Que refrigerio auran los huesos frios
Sintiendo renouar los casos mios?*

36

*Los quales en su tiempo no tuuieran
Tal suerte, antes corridos de fortuna,
A quien mas los cansó menos dolieran,
Dura zagala sin piedad alguna,
Mas de quantas seran, de quantas fueran
Hago testigo al Sol, hago a la Luna,
A las miñ esperanças lisongeras
Passais a mengua d' otras verdaderas.*

Dixo, y teñido de color de muerte

A subir empecò la braua peña,
 Amor aqui los mis versos concierte,
 Si a los suyos, y a mi versos enseña,
 Aunque seria bien de aquella suerte.
 Que dizen, al mar agua, al monte leña,
 En versos añadir mas a las cosas,
 Y a las obras de Amor maravillosas.

Agora que me haré? que me aconsejas,
 Mi campona yâ tanto ida adelante
 Las Musas vergonçosas zagalejas
 Todas se me demudan en el semblante,
 Todas los ojos baxos, y las cejas,
 Mas Apolo el mayor quiere que cante,
 Por fuerça es que se cumpla su mandado,
 Sino que mal me tiene amenazado.

39

Una cueua en la peña se escondia,
 No de manos humanas, ni exercicio
 Humano alli labrada, hecho la auia
 De natura la industria, y el artificio,
 Para quando vn tal caso acontecia
 Como el de Andres, que al proprio sacrificio
 (Como dixè passaua) eis que acontec
 Tal vez creciendo el mal que se guarece.

40

Fuesse verdad, o fuesse sueño Andres
 Vio claro, o pensò ver dentro en la cueua
 Satyros que cantauan Cabripies,
 Y Faunos, y Syluanos, cosa nueva,
 No vista nunca d'antes, ni despues,
 Crean los por venir, que es harta prueua
 Vello de loco sano, y ver que alguna
 Noche cantaua, assi solo a la Luna.

41

Cantauan, y baylauan en las sus fiestas,
 Nuestros rusticos Dioses, yo atordido,
 De lo que via, con mi mal acuestas,
 Cahi por tierra, sermehà mal crido,
 En derredor boltauán las florestas,
 Boltauá juntamente mi sentido:
 A reuezes cantando vnos dezian,
 A reuezes los otros respondian.

Satyros. *Pasiphe* (ah que verguença) vâ buscando
 El Toro hermoso váse a las manadas
 De las vacas a solas suspirando,
 Teneis me acà el mi amor tan mal miradas
 Que no me lo enseñau, y veis qual ando,
 Dezia (de mil lagrimas regadas
 Sus hermosas mexillas) ah cruel,
 Que se anda tras vosotras, yo tras el.

Faunos. Rodeaua las aguas vna a vna
 (Del blanco *Cyne* enamorada) *Leda*,
 El se alça a buelo, ella sin ninguna
 Color de biua, vn blanco marmol queda,
 Mirando fixo, como la laguna
 Traspone, y el rio, quanto aturar pueda,
 Despues que no le vé desecha en lloro
 Embia el coraçon tras su thesoro.

Syluan. A quien darâ su amor la grã guerrera
Simiramis? a quien? saluo al ardiente
 Cauallo, que en la lide conosciere
 De mas furor al freno obediente,
 A quien los pies calçara, a quien abriera
 Un blanco la orgullosa, y alta frente,
 Aquella que por si no hà miedo a cosa
 Por el en la batalla entra medrosa.

45

Satyros. *Fueran las nietas de Belo cincuenta,
Y cincuenta los nietos, ajuntò
En casamiento a todos: de tal cuenta
Las manos limpias, sola vna guardò.
Desastrada, cruel, noche sangrienta
Que tanta crueldad vio, y encubrió,
Tardaua el Sol en ver el caso indino,
Quando vno de venir, cubierto vino.*

46

Faunos. *Beldad, sangre, thesoros, arte estrellas
Todo lo ruo en su fauor Medea,
Perdonen aora aqui nobles donzellas,
Si del su Amor se cuenta obra tan fea,
Buen remedio por cierto a vnas querellas
(A vn mal que no ay lugar de que se crea)
Ayrada en sus hyuelos tiernos puso.
Manos, denidas mas a rueca, y huso.*

47

Syluan. *Un pastor fuerte, mas de flaco aniso,
Delante quien huyan los Leones
A Valida maluada el bien que quiso
Causa le fue de injurias, y prisiones,
De muerte al fin, passaualo ella en riso
No se como asi son sus coraçones,
Quiere en por el bien mal, por el mal bien,
Sin saber como, ni por que, ni a quien.*

48

Satyros. *La joya de Eriphyle, que escondia
Tan grandes daños en la su riqueza,
Por cima de los mas que hechos cenia,
Hizo aquella infamada, y gran crueza,
La muerte de Amphiarao, que todo via,
Mas que aprouecha contra la dureza
Del hado, la prudencia, ni el saber?
Y que contra codicia de muger.*

49

Faunos. *Esta nuestra riqueza, aunque Aldeana,
Offrecida, pero quien la desecha,
El don hermoso de la blanca lana
Bien sabe el nuestro Pan quanto aprouecha,
O que ella fuesse, o parecio Diana,
Era alta la floresta, vno sospecha,
No burlo, mas de veras, como es esto?
Quien mas cargado vá, llega mas presto?*

50

Syluan. *Aquel Galo pastor, aquel que tanto
El Tytero alabò por su Lycorès,
Como (zagala ingrata) en cuyta, y llanto,
Muerto quedado se hà matando amores?
Ella sigue las armas, que ni tanto,
Ni quanto mira a llores de pastores,
Socorrese el cuytado a la çampoña,
No remedio à quel mal, antes ponçoña.*

Faunos.

51

Faunos. Las dos Ioanillas canricas zagalas,
 De pastos, de ganados, de thesoro,
 (Que en cada parte se ay de las Pascualas)
 Colgò vn su amigo Andres de vn cordon d'oro
 Que ella labrara por sus manos malas,
 La mayor dellas, la menor en llero,
 Y en sangre rematará el su Amor breue.
 El Sebetho lo sabe, y quien lo beue.

52

Syluan. Junto del turbio Tybre, que rebaños
 Ay de zagalas, mas que deuen sueltas;
 Que bienen de doblezes y de engaños,
 Palabras dulces en ponçoña embueltas,
 Con que a los moços, con que a viejos años
 Hazen que ciegos van dando mil bueltas,
 Isla de Circes mala, alli vereis
 Unos tornados puercos, otros Bucis.

53

Todos. Quien bastará a contar cuentos sin cuento,
 Lo sin medida, quien cansa en medir,
 Quien coger en las redes, quiera el viento,
 Quien sembrar en la arena, y quien cubrir?
 Ciertó que es mas que loco pensamiento,
 Las leyes comunes han se de sufrir,
 Mas que en mendar, mil cosas se sostienen,
 Porque unas van a sí, porque otras vienen.

F

Nasció

Nascio deste gran mal, grande provecho;
 Que Pascuala nombrar oyendo, y Andres;
 Boluiendo en mi alceme, y con despecho,
 Y maravilla dixee, esto como es?
 Si sueño vanamente, o si sospecho?
 Besé la tierra, y di luego a los pies,
 Fuy-me a vna agua corriente, ende lauado
 Bolui sin queixa al hato, y sin cuydado.

A DOM MANOEL DE PORTUGAL.

EGLOGA QVARTA.

I

FIlho daquelle nobre, & valeroso
 Conde mais junto â gram casa Real,
 Que abastara dizer do Vimioso
 Senhor Dom Manoel de Portugal:
 Lume do paço das Musas mimoso
 Que certo vos daram fama immortal,
 Quando homem cuyda que no cabo estais
 Tornando olhos a vòs, por vòs passais.

En

2

Em que vos seruirey cà deste monte
 Tal merce nesta terra pouco usada,
 Mas muyto noutra alli logo defronte,
 Aquella Egloga vossa me foy dada,
 Encostado jazendo à minha fonte,
 De versos estrangeiros variada,
 Parecia que andaua a colher flores
 Co as Musas, co as Graças, cos Amores.

3

Entam tornando em mi, dixe comigo
 Certamente eu trazia errada a conta,
 Que inda hã quem nos renoue o tẽpo antigo,
 De que tanto se escreue, & tanto conta,
 Agora me reprendo, & me castigo,
 Que fiz á nossa Lusitania afronta,
 Cuidey que sò buscava prata, & ouro,
 Buscastesme no meu escondedouro.

4

Andando apos a paga, ouue aos sifos
 Medo (que assi o confesso) & a hũs pontosos,
 De rostros carregados, & d'hũs risos
 Sardonios, ou mais claro, maliciosos,
 Quem tantos tentos, quem tantos auisos
 Terã, que empare os golpes perigosos,
 Em fim Senhor, pastores se adiantem,
 E quanto mal vier cantando espantem.

As Obras de

Quêrem-vos por senhor, não por juiz,
Rigores a de parte, que são dignos
De perdão os começos já que fiz
Aberta aos bõs cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquelle hum sò dos Lyricos Latinos,
Ora prouemos já a noua linguagem,
E ao dar a vella ao vento boa viagem.

PASTORES DA EGLOGA.

Gonçalo.
Bicito.

Ines.
Beatriz.

*Toda esta Egloga
é de L. de L. e
L. de L.*

Gonç. **Q**uantas cousas (Ines, madrinha, & ria)
Se me vão descobrindo de ora em ora,
Inda que eu faça en po, gesto, & ria,
Polla alma de quem mais não pode, afora
Outros respeito, cumpre ter paciencia,
Tè que seja da vida, ou da dór fora.
Aos erros he devida a penitencia
Por conta, por medida por balance,
Seja juiz a propria consciencia.

E porem quando ao contrario da esperanza
 Em vez de galardão acode pena
 Quem terá sofrimento em abastança?
 Amor que por antolhos tudo ordena
 Bem pouco se lhe dá de que a fé sancta
 Se quebre com grão culpa, ou com piquena.
 Faz hũa, & outra poussa o Callo, & canta
 Eu eisme aos pés, ora eisme à cabeceira,
 Tè que o mesmo trabalho me levanta.
 E vou me ao meu fozil, & à pederneira
 Em fogo aceso o fogo ascendo, & ando
 Do quente ao frio, do frio à fogueira.
 Assim vaãmente triste porfiando,
 Dou volta à cama, abrolhos me atormentão
 De claro em claro o coração passando.
 As que nos berços sangue nouo auentão,
 Vieraõ ter ao meu, chamaõlhe Estrias,
 Que a tantas de crianças arreffentão.
 E disserão por mi, viua algũs dias,
 Que assim h'apraz aos fados, & tiuerão
 As mãos quedas em si, & as vnhas frias,
 Mas que falsa (de mi) piedade ouuerão,
 Quanto melhor me fora, que num ponto
 Em paz deffoutra parte me puserão.
 Depois seguiu-se hum conto, & outro conto
 Tempos cam desuayrados, que assemelhão

As Obras de

Mais da fortuna os jogos que não conto.
Os fracos corações logo ajoelhão.

Desmayão logo, vendose em tal laço
Em poder da mã dôr, mal se aconselhão.

Ines. Afilhado, & sobrinho, juras faço

Que disse mais nam sey certo que seja

Sò que perdeste muito em pouco espaço.

Quem nam morria por aqui de enveja

De ti sobrinho em tudo o que fazias,

Que em tudo manha, & graça te sobeja.

Todos nas festas onde apparecias

Hum còr, outro cenzão logo mudava,

E somasse outro entre as companhias.

— Onde cantava, ninguem mais cantava,

Onde tangia, mais ninguem tangia,

Onde eu te despias, quem lutava?

E lembrame que estando ora qual dia:

Comigo Grimanesa, & Beatriz,

Tinhamos entre nós certa porfia.

Como vez que hũa diz, & que outra diz,

Naquelle proprio ensejo eis que passava,

Passando disseste also, Eu que lhe fiz?

Parece que contigo peleyavas,

Como acontece às vezes bracejando,

Que nam davas vagar, nem o comavas.

Vice, avice, caleyme, senam quando

Disse

Disse hũa contra mi, qual vay Gonçallo,
Vay (disse eu) como muitos fãdejando.
Tudo aquillo sã mimos, jã fez callo
(Disse ouera) nũs affanhos de mimoso,
Ou se olho mao lhe fez algum aballos.
Quando eu aquillo vi jã perigoso
Achaſtes vòs (lhe disse) ouero zagal
A quem chamardes vãõ, a quem pontosos?
A primeira ficou como hum corral,
A segunda de todo deſcòrada,
Parece que ambas otomaram a mal.
Mas tudo iſto ſobrinho he pouco, ou nada,
Saluo que às vezes eſtes nadas ſam
Muito ao miolo que jã traz pancada.
Gonç. Quantos ſonhos que vem, quantos que vam,
Coyrado do dormente, que aſſi jaz
Ora corcendose, ora rindo em vam.
Quanta conta ſe faz, quanta deſfaz,
Erradas as piquenas, & as mayores,
Ou feitas com queixumes, ou com paz.
Ines. Certo mal comedidos ſam poſtores,
(Aja eu de ti perdaõ) ſempre queixosos,
Nam nos poſſo entender em ſeus amores.
Tam maos de contentar, tam raiuihoſos,
Nam ſabem eſtreimar o mal do bem,
Sempre aggrauados, ſempre ſoſpeitosos.

As Obras de

Gonç. Mal te saberia ora por ninguém,
Nem por mi responder, seja o que for
Corrão ventos dá quem, corrão dàlem.
Mas dize tia pollo meu amor
Isto das mais gabadas desta terra,
Quanto hà que foy, renova a minha dôr.

Ines. Por certo se a memoria me nam erra,
Voltando: o Sol despois nam se escondeo
A nós dez vezes, dez deu vista à terra.
Inda te digo mais que aconteceo
O que te disse alli naquelle logo
Onde tu já cantaste, outrem gemeo.
Dia de muito riso, & muito jogo,
Venceste à luta ao pario, & ao cajado,
E despois nos cantaste a nosso rogo.
O teu cantar tam brando, & tam gabado,
No som, & nas palavras tam quixoso,
Onde me acolhercy, tudo he tomado.

Gonç. Como este Sol dà voltas tam trigoso
Quanto que já folguey de ouvir cantares,
E quanto de os cantar fuy cobçoso.
De todos me esqueci, tantos a pares,
Até as vontades muda, & tudo leua
Consigo, & do prazer faz maos pesares.
Elle he o em que vax tudo o que releua,
Elle faz, & de faz as agonias,

Não olhes mais se choue, ventra, ou neua.

Mas quanto ao meu cantar, que antes dizias
 Isso me lembra bem, que era em Setembro,
 Quando dão volta as noites sobre os dias,
 De mais quero provar se inda me alembro.

C A N T A.

I

Onde me acolherey, tudo he tomado,
 Nam parece esperança aqui nenhũa,
 Sombras feas, & negras mal peccado,
 Estas si que apparecem, cousa alguma
 Não ficou por fazer, como o passado,
 Será o que he por vir, ouçame a Lua
 Delgada, que trassẽ polo alto monte,
 Seus trabalhos cos meus coreje, & contẽ.

2

Que se os velhos Solaos fallam verdade,
 Bem sabe ella por proua, como Amor
 Magõa, & auerã de mi piedade,
 Endimiao tam fermoso, & tal pastor,
 Entre as flores dormia em fresca idade,
 Olhando ella do Ceo perdia a cõr,
 Tẽ das flores ciosa, & dagoa clara,
 Que o seu fermoso Amor lhe a dormentara.

As Obras de

3

Cantão, & conção mais que ouue hum tyrano,
De grande poderio, & grande auer,
Que vendo a bella moça em corpo humano,
Que andaua a colher rosas a prazer,
Salteoua, rouboua, foyse vſano,
Por força, ou por vontade ouue de ser,
Riquezas más, injusto senhorio,
Que ajuncais á vontade o poderio.

4

Ora amay preguntando longamente
Por hum só bem que tinha, onde o acharã,
De hũa gente passando em outra gente,
Tambem aos Deoses culpa, ah sorte mã,
E justiça mayor que tal consente,
Buscando por demais tudo o de cá,
No Reyno a achou de sombras vãs cuberto,
Exco genro cruel vem a concerto.

5

Partem o tempo entre si, que era deuido
De todo amay roubada, a que dos Reys,
Que dalli veo o nome de partido,
Que sempre forçado he, & contra as leys,
Mas que fará quem tudo tem perdido,
As vossas lagrimas que as enxugues,
Triste quem poderã fogir ao fado,
Onde me acolherey, tudo he tomado.

Incs:

Ines. Nam te deixaram hũa, & outra fonte

Dos teus olhas cantar mais por agora,

E os meus ja aqui tambem punhamse a monte.

Andamonos aßi de foz em fora,

De noffo porco sempre em differenças,

Sempre esperando em vam ver milhor ora.

Para o corpo se acharam mil doenças,

E para alma cem mil outras piores,

Tantos acordos, tantas desauenças.

A mocidade vaã gouernão amores,

Estendemse inda às vezes tẽ a velhice,

Quando ja tudo he presa, tudo dõres.

Que cousa falta alli para doudice,

As mãos, os olhos desaffossogados,

(horos, & gritos como em meninice.

Aquelles seus sospiros apressados,

Aquelle ir, & tornar, que nada attina,

Aquelles seus inimigos, seus cuidados.

Gonç. Passou ora qual dia hũa comphonina,

Polla Aldea cantando, elle era cego,

Guianao louro, & bella hũa menina.

Tambem aquelle nam, tinha affosso,

Chegamonos a ouir certos pastores,

Pelayo, Pedro, Ioam, Gil, & Diego.

Parece que suava inda suores.

Mortaes, & que do peito lhe sahiao.

As Obras de

Sospiros mil, cantou males damores,
Fez nos entristecer quantos ouviaõ.

Cantiga do Cego.

Un tiempo mirò me Helena,
Sospechè que eramos mas,
Juré no miralla mas,
Nunca cosa hize tan buena.

Amor anda en sus consejas,
Mas bien seria yo loco,
Si en sus malas mañas viejas
Mucho fiasse, ni poco.
Alma de lastimas llena,
A que vienes, y a que vas?
Que puedes negar Helena,
A quien los tus ojos das?

Enemiga suerte triste,
Hazme la vida quitado,
Y a quien piensas que la diste
Quicà que nada le has dado.
Harto mal, peor se ordena,
Mas que debato yo mas,
Que tu misma, aun apena,
Pienso que lo negaras.

Y estos ojos de mis juras
Si se burlan, a la fè
No se fien en locuras,
Caren que los quebrarè,
Esta culpa sea agena,
Que otras son mias affas,
Por razon và que en la pena,
Vença aquel que pena mas.

Ines. Palavras cheas d'imperu, & payxão,
Não quero mais dizer cheas dengano,
Que ellas mesmas por si dizem o que são.
Nam faças suspirando longo o anno
Temte como aruore aos ventos em pé,
Dà tempo dà lugar ao desengano.

Gonç. Não me diras madrinha Ines atè
Quando esperar me mandas hum ingrato,
Que dizem que não ouue, & que não vê?
Esperey, & sofri, fiz mao barato
De mi, & quem mal cac, diz que mal jaz,
Exemplos velhos são, tornome ao facto.

Ines. Quiser ate dizer, vayte ora em paz,
Porem com que esperança: mas quem vejo
Là vir, que em queixas todo se desfaz?

Gonç. Este vos he Breito, & bom varejo
Dizem que ouue elle o gano, ora anda à caca.

As Obras de

Triste de mi nam sey, outrem correjo:
Neste mundo d'escarneo tudo he graça,
Nam sabemos o quando, o como, o quanto,
E às vezes muyto bem, mal te ameaça,
Offercese cada hum tia a bom sancto.

Bieito. Quem deu a Amor quebranto, & o fez cruel?
Quem tornou tudo fel quanto aprazia?
Que se fez deste dia o je tam claro?
Como se comprão caro neuos, ventos?
Que incertos fundamentos d'esperanças
Trocadas as mostranças de hora em ante?
Mandame Amor que cante a frauta branda,
Passatempos em que anda à custa alhea?
A Deos por sempre Aldea até que cayr
Debayxo desta faya, ou deste freixo,
Por onde me ora queyxo andando em vão,
Entam se acabaram tantas contendas,
Uayse agoa pollas fendas, feita he conta,
Hum pouco mais que monta de tal vida?
Queixa da razão tida sem razão
Que as cousas todas dão de seu perigo
Sinal, como de imigo, por que seja
Aviso a quem o veja, que não tarde,
Vemos ao fogo que arde, ir lhe diante
Fumo escuro que espante: ante a tormenta
Pollas deffesas venta leuemente,

Ameas

Ameaçando a enchente, vem soando
 Vem de brava escumando, abate, estronca,
 O mar primeiro ronca, alça-se inchado,
 Logo algum abrigado junto à terra
 O pescador afferra com gram pressa,
 Pollo monse atraueſſa o mao faminto
 Do Lobo, & por deſtinſo o gado entende,
 Ajuntaſe, deſendeſe, agasalha,
 Ordenaſe em batalha, ao uſo erguido,
 Vay diante o appellido, ſae ſem cor
 Da cabana o paſtor, que todo treme,
 Do dano o medo opprime antes do dano,
 Ora eſte Amor humano, que aſſi apraz,
 No começo que em paz alma repouſa,
 Hũa tão branda couſa, como empece
 Iſto como acontece à natureza,
 Que de certa ſe preza? quem diria
 Onde triſte trazia iſto eſcondido?

Ines. Traſſos em vento, he ido como tudo
 Como ſoar fazia o rio bem,
 Parece que ficou todo eſte ar mudo.

Gonç. Ues alli o que faz: mas eu com quem
 Eſtou tia fallando. Ines. Inda lhe ouui
 Saudades do meu mal, todo meu bem.

Gonç. E tu nam cuidaras que he aquillo aſſi,
 E a noſſas queixas vãs todas chamais?

As Obras de

Prouvera a Deos madrinha fora assi.

Ines. Tambem vosoutros todos vos queixais
(Como já disse) muito, & por costume,
E não razão, nem causa que tenhais.
Cada hum se chama facha ardente, ou lume;
E fragoa onde se proua sua fineza,
E destes tais, queixume apos queixume.
Quisera nos amores mais simpreza,
Quero dizer, quiseraos mais singellos,
E mais dissimulada esta tristeza.
Não vos quisera assi tam amarellas,
Nem tam achacadiças, este gemo;
Destoutro choro sempre os olhos bellos.
Outro por julho, & por Agosto creme,
Arde em Dezembro, foga á claridade;
Sospeitoso, de si proprio se teme.
Mas emprendia ora eu boa vaydade;
Deixemonos destar mais nestas chaças,
Cuido em fazerte mal, bem à vontade.

Gonç. Assi tenhas prazer tia que o faças
No que poderes, sempre sem trespasso
A mi não olhes, nem que me desfaças.

Ines. Hum pouco nos vay sendo o tempo escaço
Por isso cumpre pôr peito à montanha,
Não ves como o sol foga, estende o passo.

Gonç. Que estenda o passo eu como? olha camanha

Passa.

Passada que aqui dou: logo outra perio,
Ora vejamos quem mais terra apanha.

Ines. Eu sospeitey que andauam em concerto
De certa romaria as mais louçãs,
Pode ser que seja erro, ou seja acerto.
Mas posto que as passadas sayão vãs,
Nam seram as primeiras meu sobrinho,
Nem dizem sempre as tardes co as menbãs.

Gonç. Melhor fruto espero eu deste caminho,
Porque, ou mal vejo, ou vejo bom sinal
Tanta fayxa de cõr, tanto saynho.

Ines. Olha que em tudo o sofrimento val,
A cabeça nam corra mais que os pes,
Seja a razam a guia principal.

Gonç. O minha tia, & boa amiga Ines,
Tu me guia, & gouerna, que eu nam vejo,
Nam sey; tu sabes, nam vejo, tu ves.

Ines. Pois olha, nam te empeça o ser sobejo,
Que se hũa ora aproueita muitas dana,
Benzete do diabo, & do desejo.

Cada hũa destas moças anda vfanã,
Cuyda que o Sol lhe bayla sam gabadas,
E nam, hã já quem cuide que se engana.

Nam tenham aqui poder oras mingoadas,
Que se nos sentem logo ham de dar cõr,
Que eu sou a que ando nestas espreitadas.

As Obras de

Gonç. Se soubesses o frio, & o pavor
Que me tomou madrinha, esforçarmehias,
Tanto ao contrario de porme temor.

Ines. Em verdade que tões moço as mãos frias,
E branca a boca mais que esta toalha,
Possas sofrer o bem, se o mal podias.

Gonç. O tamanho aluoroço a tudo atalha,
Muito mais o prazer, que a paixão, toma
Poder do coração nesta batalha.

Ines. Esforça, que Beatriz o aduse toma,
E começa a tanger com tanta graça.
Que hũa ora o som traspõem, outra ora a assoma.
Ora eu por fiador que a alguém prol faça
Se ella tambem cantar como parece,
E como soe, que inda oje nos faça
Parecer esta tarde que amanhece.

C A N T A.

Beatriz.

Dura necessidade quando engrossa,
Como agua na ribeyra,
Quem não foge, podendo, vendo a vir;
Quem hà, porem que possa
Cumpre de ter maneira,

Ou de pòr peito à agoa, ou de fogir,
 Forçado a mi me he ir
 Buscando pollos vãos contos passados,
 De que cante, que ey medo ao mao ensino,
 Mayor, que a cantar mal versos rimados,
 Em fim, direy d' Amor cego, & menino,
 Por desastre malino,
 Como lhe aconteceo,
 Mas se Amor foy vencido, Amor venceo.

2

Em tempo antigo, longe em terra estranha,
 Hum Rey, & hũa Raynha
 Ouuerão filhas: a primeira veo
 De belleza tamanha,
 Que algũa igoal não tinha,
 Sómente a que despois foy a do meo:
 Mas logo sobreueo
 Inda outra, que a estas faz como às estrellas
 Faz o Sol claro tanto que apparece.
 Fallauão caualleiros, & donzellas,
 Como nas cousas raras acontece,
 A gente se lhe offrece
 Como a Deosa immortal
 Tẽ do bem o sobejo sempre he mal.

3

Não soffreo tal offensa Amor altiuo,

G 2

Que

As Obras de

Que fôsse aos Deoses feita,
Seu arco toma, os tiros apurou,
De chumbo, & douro viuo,
Voando ao ar se deita,
E num momento tudo attraueffou:
Mas enleado ficou,
Quando tal fermosura ante si vio,
Fogiolhe o coraçam a setta cae,
E no pé que diante hia o ferio.
Chora o menino, & grita polla mãy,
Com tal conselho sae,
Faz hum bosque encantado,
Alli geme, & sospira magoado.

4

Jâ dantes disto àquella grande fama
Da fermosa Princesa,
A bellissima Venus receosa,
Os seus Archeiros chama,
Em secreta deffesa,
As mostras são pore m destar ciosa,
Quando polla amorosa,
E delicada praya rumor corre,
Primeiro sem autor, & sem certeza,
Que o poderoso Amor damores morre:
Mas logo se affirmou já com clareza,
Co a qual a mãy despreza,

Todo o respeito, & ceia,
De brandosono a moça, & lâ lha leua.

5

Cae a noite do Ceo, mas he dos lumes.

Vencida, & fica di-
Com que (acordando) vio ricas pinturas,

Ardem rícos profumes,

Os cantares que ouuia

Erão para abrandar as pedras duras:

Poem-se á mesa, & figuras

Correm, com vasos rícos, & sem conto

Atansamente ordenadas sem peleja,

Tudo se faz alli prestes num ponto,

Que banquete quereis que o d' Amor seja,

Nam acha alli a enueja

Que possa desdanhar,

Nem o appetite mais que desejar.

6

Mas perque me vou eu ora detendo

Em cousas que o sentido,

Deixam p'r hum tam longo espaço atraz,

Respeito ao Sol auendo,

Direy de hum só partido

Que Amor logo tirou, mas duro affaz,

Disse, nam me verás,

Contentete o que vés: ah sorte esquerda,

Cruel, & cobiçoso pensamento
 Representouse ao Amor a grande perda
 Do par que esuaecido num momento,
 Hâ mister sofrimento
 O mal, & o bem,
 Pouco estimado sò de quem e tem.

7

Promete do por vir ousadamente,
 Fazemse comprimentos
 Que depois se cumprirão muito mal,
 Deseja ella a sua gente
 Para assoalhar seus ventos,
 Querlhe mostrar andando o tal, & o tal,
 Causa que tanto val,
 Cos nossos coraçõeszinhos piquenos:
 Ora indo assi crescendo estes desejos,
 A fermosura cada vez he menos,
 Quanto dos mimos mais, mais dos encejos,
 Em fim (diz) bês sobejos
 Sem as minhas irmãs,
 Não sois riquezas não, mas visões vãs.

8

Ouvio, estremeceo Amor, porem
 Ouue de dar licença,
 Dizendo de vagar, pois assi quer
 Razão he que tambem
 Agora nisso vença

Quem

Quem sempre em tudo se de vencer
 Vem na as irmãs a ver,
 Evendo hi tanto de que ter enueja,
 Confusas (dizem) tristes malfadadas,
 Co que se perde aqui, co que sobeja,
 Foramos todas bemaventuradas,
 Nadas, menos que nada
 Nessas ricas riquezas
 Como esta as chamarão pobres pobreza?

9

A moça amostra cá, & amostra lá
 Do que nam vem lhes conta,
 Toda de face andava, ellas de enueza,
 Nam sofrem ver mais já,
 Nam podem co afronta
 Com tudo he cedo irão dar a traueza,
 O Sol anda de pez,
 Os prazeres tambem co elle desandaão,
 Tambem as que fingiaão sospiravaão,
 Quem sabe os corações alheos que andaão
 Fazendo? se quereis, inda choraão,
 Mas onde se entornaão
 Aquelles vasos dagoa,
 Parecia ir mandade, ella era magoa.

10

Nam se podem ter mais, era em tal vida

Que gosto podes ter
 (Disse) hũa criste irmaã nossa enganada?
 Choramos te perdida,
 E vindote aſſi ver,
 Tornamos te a chorar por mal achada.

A outra mais ousada
 Tomando a mão (lhe disse) quem seria,
 Que outra cousa cuidaſſe? ſe elle tanto
 Te amaſſe, & ſe tal foſſe moſtrarſchia,
 Reſpondeſ, que nam quer, diſſo me eſpanto
 Ora eu nam no leuanto,
 Mas diz que neſte lago
 Se vee às noites vir voando hum Drago.

11

Nam diſſe mais: os olhos nam ſey mais,
 E os geitos, que diſſeram,
 Fazendo caſos: a moça enfraquece,
 Vão ſuores mortais:
 Todas em fim vierão,
 Que quando ha tempo o dilatar empece:
 E a barca apparece
 Em que ſe ham dir, deixam lhe lume aceso,
 Ordenam lhe o que faça antes que vamiſe,
 Vejase em todo caſo o tam deſeſo,
 E tam gabado eſpoſo entam deſcanſe:
 Outra vez as mãos damſe,

Soltão ao vento a vella,
Fogem ellas co barco, co a praya ella.

12

Ora já noite, chega Amor cansado,
Lança-se no seu leito,
A boa fé descansa, & dorme quedo,
Da infantie o delicado
Singello, & brando peito,
Vence-se, ora da mar, ora de medo:
Descobre-se o segredo
D' Amor (cousa diuina) olhos humanos
Como ter-se podiam ao resplandor?
Malina inueja, que causou taes danos:
Deix-o dormir, ah durma sempre Amor:
A simples com temor
Os passos desconcerta,
Deulhe o fogo no peito, elle desperta.

13

Quantos, & que sospiros dà de nouo
Os gritos amenda,,
O jardim deleitoso num momento
Em brejo escuro, & couo
(Quem o crer â) se muda,
Que se fez de tam rico apparcamento?
Cousas sem fundamento
Sempre em nada se tornão assi a desora:

As Obras de

*As mãs irmãs, mãs furias infernais;
Como affanhada bicha lança fora,
A mesma paga sempre ajam as tais;
A moça que errou mais
Com singelleza, jouue
Chorando em terra hum tempo, & perdão ouue.*

14

*Esta Canção que eu fiz,
Cantando, minha em parte,
Tá algum ascena, & d. z,
Nam sey que eu disto ouui já noutra parte;
Perdam de parte a parte,
Vos Musas me ensinastes,
Que do que outra ora ounistes nos cantastes.*

NEMOROSO.

A ANTONIO PE

REIRA SENHOR DO BASTO.

EGLOGA QVINTA.

I

DE Los nobles Floyais
En Pereiras mudados,
Derecho tronco, sin algun contrasto,
Que por nombre contaís

Todes

Todos vuestros passados,
 Del tiempo del buen Rey Alfonso el Casto,
 Tan biuo se halla el rasto
 De succeßion derecha,
 Y noble antigüedad,
 Hasta esta nuestra edad,
 Si esto al gran coraçon algo aprouecha.
 Oyed vuestros pastores
 Que riñen, y otros cantan sus amores.

2

Espero que algun di
 Aun si oyga en lexos parte
 (Sino que el gran deßseo siempre engaña)
 Otra çampaña mia
 Labrada con mas arte,
 De fino box, y no de flaca caña:
 Agora en mi cabaña
 A donde al importuno
 Tiempo me vine huyendo,
 Que mal si estoy tañiendo
 Rusticamente, y no offendo alguno?
 Que abrigado esté fuera,
 Sino que entran acà vientos de fuera.

3

Quanto tiempo per di,
 No se por donde andue,

Vi tierras, vi costumbres diferentes,
 Ya tarde buelto en mi,
 Un poco sobre tuue
 Arrimado, y dexé correr las gentes;
 Por los inconuenientes
 Ver con ojos mejores,
 Segura, dulce, y santa
 Vida del monte; ah quanta
 Vana fatiga vi, quantos sudores,
 Y ansi cansado, y muerto,
 De poluo llegue aqui todo cubierto.

4

Bien pudiera jugar
 Todo el dia al tablero,
 Con la suerte engañosa porfiando,
 Pudiera trasfegar,
 Los ojos al dinero,
 Por el jurando siempre, y perjurando
 Mas fuyme soñacando
 A peligros de Villas,
 Y embates del consejo,
 Busca abrigo el Buey viejo,
 No estanto el mal acá, no las renzillas:
 Embiañtesme el buen Lasso,
 Can el passando iré mi passo a passo.

5

El qual gran don, yo quanto
 Por os pagar ardia
 Sabeis, mas recelaua juntamente:
 No me atreuiendo a tanto,
 Que el son que me aplazia
 Por mi hiziesse a plazer a nuestra gente,
 Aqui junto a mi fuente
 Jugaua solo el juego:
 Sacaisme allà a la clara,
 Lo que antes no acabara
 La soberuia amenaza, o el blando ruego:
 En compañía tal,
 El bien será mas bien, menos el mal.

PASTORES

DA EGLOGA.

Pelayo.
 Salicio.

Sancho.
 Bras.

Rodrigo.
 Serrano.

Pelayo. **D**lme pastor de cabras alquilado,
 (Y no te enojas con la tal demanda,
 Que me echas vn mal ojo atraueffado)
 A quien embió Toribia la guirlanda
 Que ella traya sobre sus cabellos?

Can-

As Obras de

Cantando, con que boz, clara, y quan blanda?
Y a quien embiaua juntamente aquellos
Sus ojos que d' Amor son corredores,
Que se yua el mismo Amor embuelto en ellos.
Mañana de San Iuan, quando a las flores,
Y al agua todos salen, quien tal gala
Vio nunca, y tal donayre entre pastores.

Ora que parecia alli Pascuala?
Y Menga que? Costança, y la Perona?
Aquellas que a su ver quien las yguala?
Que gracia, que blandura, y que persona,
Que color de vna Rosa a la mañana,
Que al despuntar del Sol s' abre, y corona.

Sanch. Soldada tuya fue (cabeça vana)
Todo esse cuento, sirues años, y años,
Y al fin poco ganado, y poca lana.
Simple, que no percundes los engaños
Dessas demostraciones apparentes,
Vestidas por defuera en verdes paños.
Tu duermes, y no duermen los parientes,
No los amigos, no, quien cada dia
A tus claras locuras para mientes.
Pelado, oh, oh, que errè, Pelayo, es mia
Una ora, es otra tuya, otra vernâ
Dotros, que ansi se truecan a porfia.
Quando el tiempo sereno, y claro estâ

A veces se recoge, y luego assuela
 Todo con gran tormenta por do vá.
 El feo turbion, obscuro, buela,
 Todo llena consigo quanto afferra,
*A*menaza la villa, y el *Aldehuela*.
 Mudado aquel sosiego en tanta guerra
 Tomete descuidado el temporal,
 Ni quien eres sabras, ni le que tierra.
 Correr no puede siempre el rio ygal,
 Ni soplar puede siempre vn viento quedo,
 Mas durar (mal peccado) suele el mal.
 Vá ledo, vá seguro, vá sin miedo,
 Soberuio, todo inchado vá, que ansi
 Se viene a ser mas triste de mas ledo.

Pelay. *A* vos gracias mis ojes, con que vi
 Uno que anda por ser yá del consejo,
 Y yaze sin saber parte de si.
 En el lazo se estâ como vn conejo
 Sin poderse de alli descabellir,
 Para si no lo tiene, y dá consejo.

Sanch. Que locura podeis mayor oyr,
 Oy dos pacientes? que vn baboso
 Crer que fortuna siempre le aya a reyr.
 Siempre le ha de star queda, por donoso?
 Por el sabido mas de nuestra *Aldea*,
 No, no, mas por mas lindo, y mas hermoso.

En fin

As Obras de

En fin pro te haga, por tu bien te sea
Zagal nascido en ora tan plaziente,
Si tu confiança el mal no te acarrea.

Toribia, ò que dirè? braua Serpiente,
Puede tener amor? antes tendrâ
El rio inchado, queda su corriente.

Y en seco a sus rices dexarâ
Cada vno de los dos, el Tajo, y el Duero
Destemplotse el relox, quantas que dà.

Pelay. Todo se muda, vaya al ventisquero
Bolando el Galapago, y ponga boca
A la gayta el nouillo plazentero.

Bayle el Buey pereçoso, y viejo, en poca
Plaça, pues q̃ ay vna lengua tan osada,
Tan atreuida, tan dañada, y loca.

Mas muerde sierpe mala arrabiada,
Seas quien sueles: que serâ quien fue.
Toribia, siempre hermosa, y siempre amada.

El perro, por costumbre a quanto vee,
Y no vee, ladrar vâ sin dilacion,
Corre acà, corre allà, no sabe a que.

Mas eis aqui que pongo el mi çurron,
Tomo el cayado, salga al campo quien
Defenderme quisiere esta question.

Toribia: (ay quien lo niegue?) es quanto bien
Tenemos; (ay quiçà quien contradiga?)

En bondad, y en beldad digo tambien.

Sanch. *Tus palabras (parlero) vna hormiga*

Al viento alçallas hà, no pesan mas:

La tu locura propria te castiga.

Pero, por que loquillo inchado estas,

Solamente diré, que essa perjura,

Pensar, ni hablar mas della, es por demas.

No tiene de muger mas que figura,

(Con que engaña los ojos, vn bien tiene,

Que sea mucho el mal, mucho no tura.

La tan liuiana cosa no sostiene

Reposo alguno; mas viene Rodrigo,

Orro dia serà que te lo apene.

Rodri. *Yo voy huyendo, y và solo conmigo*

Este enemigo Amor, siempre riñendo.

Que no le entiendo, aunque harto le he tratado,

Siempre enojado, siempre murmurando,

Siempre causas buscando a sus sospechas,

Cuentas estrechas, celos tan pesados,

Por mis peccados (como a el le pluguiera)

Un bien me diera en que pensar pudiesse,

Si quiera fuesse acompañado, o solo:

Luego turbolo aquel plazer tamaño,

Un caso extraño, que en el pecho trayo,

Era por Mayo el tiempo, y mis amores

Llenauan flores, vino vn cierço frio

Que en daño mio todo lo hâ quemado,
 Ah bien passado, quando alcè mis ojos
 Secos abrojos vide, que otro no,
 Quien lo mudó así todo d'otra mente?
 Quien mi fuente turbò tan limpia y clara?
 A donde hallar à aquella gloria mia,
 A quella mi alegria en tal sabor,
 Mientras que pluga a Amor, y a mi ventura
 Poco segura, huydiza, y vana,
 Suerte villana: mas yo quien oísteo?
 Zagales veo, Amor crudo enemigo,
 En buen abrigo me faltò el reposo,
 Menesteroso aqui, y en toda a parte.

Pelay. Rodrigo guarte, no te ay a traydo
 La mala suerte quando yuas huyendo
 Los hombres, donde el Orago era escondido.
 A donde con la su lengua esgrimiendo,
 Ni a los vivos, ni a muertos no perdona.
 Ora pensando mal, ora diciendo.

Sanch. El mismo es, que por Orago se pregona.
 Hablando a si, que bien hablar no sabe,
 Su gesto lo descubre, y su persona.

Pelay. Ah, ah, no cale mas que así se alabe,
 Ni que desprecie a otro, que oy tal dia
 Se puede todo ver antes que acabe.
 Si manda que partamos la porfia

*A cantar, y baylar, si quiere a lucha,
 O si a puñadas, mas que plazer me hia.
 Sino canta, no bayla, y sino lucha,
 Ni tiene manos, que no tenga boca,
 Quiere atañer, tu juzga, y nos escucha.*

Rodri. *Ohla, teneos, que discrecion poca
 Es esta vuestra? tiempo no tuuistes
 Sin mi a la locura que ora os toca?
 Y si adrede esperando me estuistes
 Iusto será tambien que de vos sepa,
 Porque causa, o razon ansi reñistes.*

Sanch. *Yo me estava arrimado à questa cepa
 Pensando a la verdad nel refran viejo,
 Que cada vno, en el su pellejo quepa.
 Vinosse este loquillo zagalejo
 Hablò como quien es de buena entrada,
 Y no cupo por cierto en su pellejo.*

Rodri. *El mal se vaya al mal, dèse passada
 A toda furia, a todo encendimiento,
 Que la passion es ciega, y no vê nada.
 Tu denieras tener Sancho mas tierno,
 Que eres mayor de dias, y tu es bien
 Que le tengas Pelayo acatamiento.
 Mas oygo vna campaña, y no se quien
 Cantando la acompaña, Blas parece,
 Y Salicio el que canta, entrambos bien.*

As Obras de

Salicio. Quando se pone el Sol, quando amanesce,
 Siempre anochesce en este valle aqui,
 Triste de mi, de doze, o treze Estios,
 Los ojos mios quando enxutos vistes?
 Ojos tan tristes, de lagrimas ciegos,
 Que tantos fuegos acendeis llorando,
 Cuytado, y quando, pensé que eran muertos,
 Siendo cubiertos con tanta, y tanta agua,
 En la gran fragua alçòse mayor fuego,
 Dezime os ruego de que pedernal
 Se enciende tal hoguera, y que tanto arde?
 Tan tarde yâ, que quando todo falta
 Llama mas alta sube, y mas se esfuerça,
 Toda otra fuerça, o mengue, o vença el dia,
 Esta congexa mia solo atura,
 Ay como la ventura vâ burlando,
 Como esperando vâ, si yerra, o no yerra,
 Huyendo, o por la tierra, o por la mar,
 Nunca aportar a parte fuy tan estraña,
 Nunca a tamanha d'ayrè differencia,
 Que esta dolencia, Amor, locura, o que era
 Alli primeramente no arribasse:
 Y me mostrasse, que era por demas.
 Boluerme atras, o escabollir por pies,
 Pronè despues, la mi paciencia luenga
 Mas a la luenga, todo a saltar viene.

Rodrigo.

Rodri. Acá se vienen mis buenos hermanos,
O quantas queixas ay de stos amores,
Que nunca vanas son, y ellos son vanos.
Duelen mas que de veras sus dolores,
Mas sea en ora buena la venida,
Llegaos mas acá buenos pastores.

Salic. Sea la voluntad vuestra cumplida,
Rodrigo estes con bien, Sancho, y Pelayo,
Todos plazer tengais, y larga vida.

Rodri. Y a vos amigos el cumplido Mayo
Corto os lo hagan los plazerres buenos
Con que el tiempo nos huye como vn rayo.
Acá nuestros amigos estan llenos)
(Ansi lo digo a entrambos de consuno)
De celos arrabiados quando menos.

Salic. Dexemos los pastores que ninguno
Sin queixas de Amor vá, dadme las Aues,
Dad peces, y animales vno a vno.
Todos yazen debaxo de sus llaves,
Y los Dioses cambien por este Apolo,
Al ayre derramò cantos suaves.
Pobre pastor de Admeto, oyolo, y vislo
Con curron, y campona el rio Amphrifo,
Arrimado al cayado criste, y solo.
Quancos los llores son, quan poco el riso,
Antes no nadás, mas son queixas viejas.

As Obras de

Guay de quien por señor le quiere, o quiso,

Blas. O sino me engañassen las orejas,

No me engañan por cierto, este es Serrano,

Balandando le responden sus quejas,

Que campona, que voz, que suelta mano.

Serran. Arrayad ojos ya por las alturas

Destos montes, mostrad vuestro luzero,

Huyan de cy mas daqui sombras oscuras.

O buena Delia, nazca el verdadero

Sol nuestro, nuestra luz, y nuestro dia,

Y nuestro resplandor claro que espero.

Hermosa Delia, alza seña, y guia,

Apparece a los tuyos que desmayan,

Amenazados ya de muerte fria:

Los ojos tuyos socorriendo vayan

A quien d'otro no bine, ni otro espera,

A todos dà remedio antes que cayan.

Si amaneciesses seria Primavera,

Y llenaria flores quanto alcanza

Aquella claridad relampaguera.

La qual que quiera, o no, por donde lança

Su rayo, a todos vâ la vida dando,

Todos los bienes dà, salvo esperança.

Por donde assomaran? que en assomando

Essos tus ojos, que sus fuentes frias

Las Nymphas por los ver no van dexando?

Luego

Luego las Drias, y las Amadrias,
 Passeando se saldran por las florestas,
 Como las vimos yà quando nos vias.
 Versehan Oreas por sus montes puestas,
 A ver los ojos quales no se vieran
 Jamas en tierra, estarseha todo en fiestas.
 Mas yo que veo aqui? oh que me hirieran
 Subito de vna luz, como de rayo
 Con que mis ojos yà su luz perdieran?
 O Delia, mientras los aueso, y ensayo
 A tanta claridad, que no sostengo,
 Detente que me muero, y me desmayo:
 Ah paz, paz, con tus ojos, que no tengo
 Aliento yà, que todo desbaratan,
 Sino te vengo a ver? triste a que vengo?
 Ojos son essos tuyos, que arrebatan,
 Comiençan alegrar, quitan sosiego,
 Comiençan a dar vida, y luego matan.
 Cubre, ah cubre essos ojos, que tal fuego
 Alcan al su boluer, que todo enciende;
 Quien no se le desuia, al ora es ciego.
 O Delia, que el poder tuyo se estiende
 A mas de lo que piensas, no los abras,
 Tienen trato con Amor que no se entiende.
 Que puedo mas dezir, si mis palabras
 Me dexan yà? si fuego se derrama

As Obras de

Por los montes, por prados, por las labras?
Que no son ojos no, mas biua llama
De fuego, que siempre arde en sus meneos,
En ellos Reyna Amor, ama, y desama.
Quien espera estos ojos Meduseos?
Que en piedras nos transforman con su brio,
Por mucha, y desusada beldad feos,
Si se puede dezir tal desuario.

Rodri. O buen Serrano, a buen tiempo arribado
Sea por suerte buena, y no por vana,
Dáme la mano acá de bien llegado.
Por effos mismos ojos, mas que humana,
Beldad, y con razon tan alto erguidos,
Delante quien no pâra alma villana.
Ayudanos, que somos repartidos
Contigo asî a cantar como aqui estamos
A pares, lo demas juzguen oydos.
Defienden nos del Sol los verdes ramos,
Del agua clara, el dulce son combida,
Y la occasion a que gozajo ayamos.
Del dia (pienso) la mayor partida,
En queexas se hà passado, y en renzillas,
Sea agora en paz si quier la despedida.
Dexemos las questiones a las villas,
Cantemos, y tañamos los pastores
Entre tanto d' Amor las maravillas.

Serran. Cantando vn tiempo fuy, los mis amores
 Quando todo este Cielo el Sol cubria,
 Despues la Luna con los Ruysenores.
 Ay buenas auezillas, que a porfia
 Unas con otras, en pendencia vana
 Cantastes, yo tambien de compaña.
 Hasta que de color de roxa grana
 Abriendose los Cielos al nasciente,
 Las aues saludauan la mañana.

Rodri. Los milagros de Amor quien no los siente?
 Quien no es escarmentado? y no quexoso?
 Mas no se ha de cantar del al presente.
 Cumplido el año del buen Nemoroso,
 Que solos nos dexò (y tan ayna).
 Yendose al desseado su reposo.
 Que cosa se podria hazer mas digna
 Del, y de nos, sus buenos naturales,
 Que cantar del agora ya la continua?
 Quedar à por exemplo a los zagales,
 Que de los semejantes hagan fiesta,
 Y que tambien trabajen por ser tales.

Salic. No puede ser la causa mas honesta,
 Uno taña, otro cante, a quien la suerte
 Cupiere, sin escusa, y sin respuesta.

Serran. Ora que sea ansi, sin mal, sin muerte,
 A quien la mas cumplida, esse nos taña.

As Obras de

Y cante aquel a quien la corta acierte.

Rodri. *La mayor cupo a Blas, como es tamaña,*

La pequeña a Salicio. Blas. Artes vsas?

Rodri. *Engañado se vea el que te engaña.*

Pelay. *Suso, suso, a cantar, sin mas escusas.*

Salic. *Taña Blas, que yo dirè del Lasso nuestro,*

Con buena ayuda suya, y de las Musas,

Con grande perdon suyo, y grande vuestro.

SALICIO.

EN LA MVERTE

DEL PASTOR NEMOROSO

Garcilasso de la Vega.

I

R *Ezien subido al Cielo
Pastor tan raro acà,
Entre los mas que aqui pascen la sierra.*

Que ansi te alcaste a buelo,

A tien sazon quicà

A nos por cierto no, ni a la tu tierra,

Temor el seso afferra,

Y flaco entendimiento,

Que sin ayuda d'arte,

Si dispone a loarte,
 Solos sospiros derramando al viento,
 Y espedaçadas queexas,
 Que en memoria de ti solas nos dexas.

2

El nuestro Nemoroso,
 Que las Musas de España
 Auian con regalos mil criado,
 Dexado el buen reposo,
 Llenolo a tierra estraña,
 O fuesse el fiero Marte, o fuesse el hado,
 Con su çampona al lado
 Con que fuerças tuuiera
 De a la Muerte poder
 Cantando enternecer,
 Si ni a la Muerte suplicar supiera,
 Mas antes quando viola
 Ayrada, y toda fuego acometiola.

3

No fueran los ganados
 Dignos, no fuymos nòs
 Pastores de la tierra, ingrata gente,
 Por los nuestros peccados,
 Que nos dexasse Dios
 Gozar de tanto bien permaneciente,
 Que tan suauemente

Del Tajo a la ribera,
Y por do quiera que yua
A toda cosa biua,
Con la su dulce boz enternesciera,
Y mientras el cantaua
Apolo el su pastor d'alto escuchaua.

4

Las Nymphas por las manos
Nayades, y Napees,
Al son andauan, al son desandauan,
Los Faunos, los Syluanos,
Satyros, Cabripies,
Las bastas sobrancejas enarcanan:
Las aues que bolauan,
Rompiendo el ayre puro,
Por do sobia el son,
Baxauan de rondon,
Dexando el Cielo por el suelo duro,
Cercandolo al redor
El Merlo, la Calandria, y el Ruyseñor.

5

Mas aquel claro pecho
A do tanta vista vuo,
Que todo en esta obscura noche via,
Todo tuuo en despecho,
Todo en nada lo tuuo.

Saluo dos llamas en que su alma ardia,
 Una de que el cañia
 La su dulce çampoña,
 Otra de su valor,
 Aquel, y a queste Amor,
 A la su corta vida vna ponçoña,
 Y ansi se parciol luego,
 Que siempre gran virtud se acabò cedo.

6

Allá por effos altos
 No van los coraçones
 Siempre en dubdas, y en nuevos pensamiētos,
 Allâ no ay sobresaltos,
 No vanas opiniones,
 Pagadas siempre d'arrepentimientos,
 Y no torres de vientos,
 Que amenazan cayda:
 Mas cierta, y buena suerte,
 Segura de la muerte,
 Y de cansacios desta estrecha vida,
 Y tiempo aparejado,
 A boluerte a quitar quanto te ha dado.

7

Por otros frescos Myrrethos,
 Y sauzes mas crecidos,
 Otros mas verdes prados, otras fuentes

Entre

Entre raros spritos,
 Que adelante eran ydos,
 Destos que acá dexaste diferentes,
 Que nuevo gozo sientes,
 A ti gozoso viendo
 Venir el Sanazaro,
 Que el Sebetho mas claro,
 Haze ir por sus orillas discurriendo,
 Con el su Meliseo,
 Del Reyno resplandor Partenopeo.

8

Quanto pastor Toscano,
 Que Arno en la deleitosa
 Ribera suya, oyó como han cansado,
 Veran aquella mano
 Tocar tan venturosa,
 Que honraua ora la espada, ora el cayado,
 Vos que agora han alçado
 Sena, y Florencia tanto
 Por noble sangre, y lengua,
 Daño tan grande, y mengua,
 Que igualalla no pudo nunca el llanto,
 Aunque fuera de ley,
 Iuan Ruscula, y Lactancio Tolemey.

9

Que daño incomparable,

Ingenios tan subidos,
 Embiados acà tan raramente,
 La suerte inenitable
 A todos los nascidos,
 Lleua, sin perdonar con la mas gēte,
 Suerte que tal consiente
 Quan poco há que los viera,
 Agora, agora, agora,
 Tan subito a desora,
 Nos son de vista, y de esperança fuera,
 Ay huydiza, y vana,
 Que huyes dende la noche a la mañana.

10

Pero buen Nemoroso,
 Mal por los tus pastores,
 Sin fiestas, sin plazer, sin cantares,
 Dexados sin reposo,
 Quien cantarà d'amores?
 Quien de las Nymphas, quien d'otros cãtares?
 Quien los nuestros lugares
 Aurà que venga a ver:
 Quien las nuestras majadas
 Antes sin ti, no nadas?
 Pudiste nos hazer, y deshazer:
 Pues nos sin ti que haremos?
 Sino se puede mas, que suspiremos.

Alcáste

Alcaste el tu Toledo,
 Correr mas claro hiziste
 El noble Tajo al gran padre Occeano,
 Mostrarscha siempre al dedo
 El lugar do cayste,
 Ah, ah, golpe cruel, b̃arbara mano,
 Que se yua el Tajo vfano
 De su naturaleza
 Mas que del gran thesoro
 De las arenas d'oro,
 Cō que al mar llega embuelto en su riqueza,
 Que de Numancia abona
 Hasta la antigua, noble, y gran Lisboa.

Al tan antiguo aprisco
 De Laffos de la Vega,
 Tuyo, el nuestro de S̃a viste ayuntado,
 Si cae el mal pedrisco,
 Al abrigado llega
 El pastor, canta alli, huelga el ganado,
 Elysa el tu cuydado
 Que acà tanto plañiste,
 Quexoso de la muerte,
 Cruel, ay dura suerte,
 Quien no plañiò? despues do la subiste?

*Ora ella en alto erguida,
Dexas la muerte acras, vâste à la vida.*

13

*En lo demas, Pastor, que te vá a ti,
Todo el mal es de España,
Si enriquecen tus hueßos tierra estraña.*

EPITALAMIO PASTORIL,
A ANTONIO DE
SAA, NO CASAMENTO
De sua filha Dona Camilla
de Sâ.

EGLOGA SEXTA.

I

D Erecho successor, firme columna
Desta casa de Sâ, que siempre entera
(Edades discurriendo a vna a vna)
Los mouimientos tan segura espera,
(Que ria, o que no ria la fortuna,)
Cogida, o desplegada su bandera,
Quanto esperar se puede, y en vos sobra
En quien corren apar deßseo, y obra.

I

Y no

Y no qual por aqui pechos vfanos
 De sus blasones, y escudos pintados,
 (De cuentos viejos quizá, algunos vanos)
 (Y por poder passar) mucho ha passados.
 Quien hizo diferencia de villanos
 A canalleros blandos, y enseñados?
 Saluo esfuerço, valor, buena criança?
 Y el saber abaxar, y erguer la lança.

Vós, aunque abuelos tantos os contaís
 Nobles de toda a parte (como aqui
 Bullicio algun se siente) allà bolais,
 Testigo puede ser Ceuta, y Safi.
 Con quanta diligencia, que buscaís
 Grandes afrentas, y a la buelta ansi,
 Porque en reposo todos los recelos,
 No os dexan bien dormir vuestros abuelos.

Buelto de aquella empresa valerosa
 Contra los Turcos que van desmayados,
 Dais oy la hija al yerno por esposa
 Cercano en deudo, cercano en estados.
 Quien puede dio licencia graciosa,
 El gran Pastor de los siete collados,
 Vernan niezos a vós, ojos alcando,
 Y a los suyos de ledos alagando.

3
Cuentase de las fiestas con espanto

Acâ entre nos, mandadnos dar la puerta,

O ireis nuestra gente allâ entre tanto

Que otra fiesta mayor se os concierta.

Aunque al palacio no conuenga tanto

La musica Aldeana, a vn mal abierta,

Cantaran a su fuero los pastores,

Ah de los mios Amores, Amores.

PASTORES

DEL EPITALAMIO.

Nuño, y Toribio.

Ribero, y Gil.

Zagales, y Zagalas.

Nuño.

A Do te lleuan Toribio los pies?
Mas yo que digo? ni se si eres esse?
Ni si te veo se, ni si me ves.

Ni de mi sé tambien? si te parece

Otro tanto, quicâ, pero pariente,

En ti poco de ti yâ remanece.

Tori. Piensas que con los pies, y no otra mente.

Acâ somos, y allâ Nuño llenados,

Como piensa lo mas de ssotra gente?

As Obras de

Eres en grande error, y si guiados
Piensas que himos tambien de nuestros ojos,
Los que nos guian son nuestros cuydados.

Que de antojos nos llevan en antojos,
Como plumas que a buelo lleva el viento,
Si vna vez con plazer, mil con enojos.

A mi lleuauame ora assi sin tiento
No (como dizes, pies) mas no se que
Que a pocas no me sobra entendimiento.

Nuño Lo que pariente yo diria que fue,
Es, que essa alma yâ tuya en fuerte punto
Passose a cuerpo ageno, y de allà vê.

De allà responde a lo que te pregunto,
A ti mismo eres hecho como extraño,
Biuiendo en otro, en ti yazes defunto.

Mala dolencia, peligroso engaño,
Antojadizo, sin juyzio, o rino,
Oy mal, al mes, peor, peor al año.

Yo no soy escolar, mas adiuino
Desse mal cuyo la carrera errada,
Que al crego que indilgar suele el camino.

Mas es fatiga vana, y mal tomada,
Por vn yerro comun de los zagales,
Que por rodeos van, dexan la estrada.

Atente, si me cres, a las señales
Mas que a palabras destos transportados,

Que

Que mucho mas que el bien precian sus males.
Dize en general, que enamorados
A todos los demas juzgan por ciegos,
Y al contrario ellos son d'ojos quebrados.

Tori. Bien veo (si esto es ver) a queffos juegos,
Dixe juegos, o que? antes locuras
De los pastores, y aun de palaciegos.
No sé darme a consejo, voy me a escuras,
Hasta que estos antojos yuzo cayan,
Y a plaça vengan sueños, y solturas.

Naño. Ciertos breñajes sé, con tanto que ayan
A ti en ayuda, con beuer dos tragos,
Yo fio que la puerta al quicio trayan.

Tori. Quien sabe que podrá? son cuencos largos
Los mios, vâ mi mal muy de rondon,
He miedo de añadir cargos a cargos,
Que poquedad es essa? eres varen, Naño
Vé, la verguença que es peor que el mal,
Llevantate a pesar del coraçon.

Cana a la soledad odio mortal,
No te engañen las partes deleitosas,
Abrigados al cierço, y al ventaual.
Los prados con las sus flores hermosas,
Las fuentes, y arroyuelos, discurriendo
Con las sus ondezillas bulliciosas.

Abejas, que andan dulce miel cogiendo,

As Obras de

Con el zano sordo por las flores,
Y no vès que allí falce, ellas pariendo.
Y luego buelues sospirando, Amores,
Quanto sin costa vuestra, me podreis
Hazer el rico mas de los pastores.
Tiene Amor en verdad estrañas leys,
Mas con paz de vosotros dicho sea,
Pues lo tomastes tal, tal lo teneis.
Auisote tambien quando alborea
Los oydos attapa al cantar blando
Del Merlo, y Ruysenior que al bosque arrea.
Mucho te ruego, y si puedo, mando,
Que arrojes de ti lexos la çampaña,
Ni vayas los tus versos recordando.
Trae cada cantar su carañña,
Que ajunta sobre el alma vn graue peso,
Es musica a tu mal, clara pønçña.
No confies te auiso del tu seso,
Y busca a tus peligros compaña,
Que te ayude a librar de do estàs preso.
Del buen amigo todo lo confia,
Descargate seguro en sus oydos,
Que en noche tan obscura cumple guia.
Vé pidiendo prestados los sentidos,
Que los tuyos yâ vez que los perdiste,
No te pierdas tambien tras los perdidos.

Mas peccador de mi, que no me oyste,
 Estoyte hablando, pero que aprouecha?
 El cuerpo aqui se està, tu trasposiste.

Tori. Conuieneme passar la puente estrecha,
 Y (como dizen) beuella, o vertella,
 En fin que fue verdad la tu sospecha.
 El alma mia á questa parte, y á quella
 En vn punto lleuada, mal podria
 Estar queda, segura, y sin querella.

Nuño. Toribio contra el mal de fantesia
 (Que es ligero, y acomete hombre a desora)
 Cumple vela, atalaya, escucha, espia.

Y no dexarte trasportar cada ora
 Ay como yua Pascuala tan loçana?
 De tales ojos quien no se enamora?

Dime, si es fresca, apuesta, y tan galana,
 Como no es tal a Diego, y es lo Helena?
 Y a Pedro Helena no, es lo luana?

Esse tu cuerpo grande como ascena
 Cada passo a caerse, arde el pauilo,
 Vese la llama, la candela apena.

Ayudate zagal, ayrado dilo,
 Contra ti mismo, y ten de ti verguença,
 Como bouo no estès preso de vn hilo.

Vés que Amor al peor siempre enderença,
 Despierte la razon, lidien los braços,

As Obras de

Ayudala, si quier que vna ora vença.

Torib. *Que cuentas son las mias, que embaraços?*

Aqui estoy mal, peor si la mi tierra

Me dexo, haziendo el coraçon pedaços.

Que mirando despues d'aquella sierra

Azia esta, pienso, con que ansia diria

Quien me aparta de ti, quien me destierra.

A do melleua Amor? que es la mi guia?

El fuesse, el buen juez, pesasse el huerro,

El pesasse el tormento, y cuyta mia.

Ansi passando mal de cerro en cerro,

Ora mirando acà, ora acullà,

Todo se es aguçar huerro con huerro.

Nuño. *Por demas son remedios, mi fè yà*

A quien no quier oyllos, ni aun vellos,

Quien echa el olio en vazo que se vâ.

No se saca del mal por los cabellos,

Sino a quien se ayuda, y aun con fatiga,

Quien remedios quisiere ande tras ellos.

Date, date al trabajo, el cuerpo obliga,

Sabe que reyna Amor en ocio blando,

Luengo, y duro trabajo lo castiga.

Toma el açada, vee despedaçando,

La dura tierra, labra, inxiere, y planta,

Vee la siebe, pared, y el valo alçando.

Dasuelate la noche, el lobo espanta,

Articialle los perros, qual si vieses
Yà la oueja afferrar por la garganta.
Y si cansares vela, y nunca cesses
De trabajar al fuego en tu cabaña,
Que mejor de trabajo es que muriesses.
Nunca falca al pastor, que bien se amaña
En que passe la noche obscura, y fea,
Aluiase cantando, y el tiempo engaña.
No cantos que el pezar triste acarrea,
Mas descuydados sueltos, y vazios,
Si es verde la ribera, verde sea.
No te combido a los breuajes frios,
Echizos suzios, magicos cantares,
Que remedios no son, son desuarios.
Yeruas de allende de los nuestros mares,
Cogidas a la Luna, en las montañas
Buenas a quitar vidas, no pesares.
Cuentan las viejas entre sus patrañas,
De cierta encantadera, que boluia
Los que arribauan ende, en alimañas.
Era vna isla en la mar, y alli gruñia
El puerco, huuiava el perro, el osso espanto.
Daua, erguiendose en pie, el leon rogia.
Torib. O buen amigo, tu no vès que en quanto
Nòs, departimos, sube vna auezilla
Cantando al Cielo, ò mas parece llanto.

As Obras de

Yâ vâ tan alto, que no aturo a oylla,
Ni ella, son de quando en quando â pena,
Digo en buena verdad que vus manzilla.
Parecia espertillo que anda en pena
Por effos ayres, Nuño si lo oyeras.

Nuño. Dizen por esso tal, hija sey buena.

Tori. Ora Nuño, ora di, cuenta de veras,
Que de veras te escucho, y estoyte a tiento,
Parece que me hablabas de hechizeras.

Nuño. Contar dellas serâ tener el viento,
Que no huya, con la mano, mas si has gana,
Otro te contaré, dexo aquel cuento.

Tori. Perdona, que esta mi cuyta villana,
Cada passo arremete, y sobresalta,
Al alma, yâ mal cuerda, y quasi insana.
Y hazeme caer cad' ora en falta,
Mas cuenta en fin, que attento escucharé,
Aunque del pecho el coraçon me salta.

Nuño. De Ribero has sabido bien quien fue,
Quanto pudo en tañer, quanto en cantar,
Del, y Gil otro tal te contaré.

Y quando otro tal digo, has de pensar
Que no fuesse el peor de nuestros hattos,
Pues que ambos los pusieran a la par.
Acuerdome a la sombra de vnos larcos
De sauzes altos, verdes, y graciosos,

Dose juntan pastores muchos rattsos.

Como vez que acontece a los ociosos,

Hablar de sto, y de aquello, y mas zagales,

Parleros por natura, y porfiosos.

Concluyeran al fin, que estos dos tales,

Nos cantasse cada vno su cancion,

Los bienes de Amor vno, otro los males.

A Ribero que andaua en su prision

Se encargò que las queexas nos cantasse,

Y las dulçuras Gil al mismo son.

Tori. Ay mi buen compañero, no trespasse

Esta buena occasion al desseo mio,

Darmehas la vida que anda al passe, passe.

Nuño. A la ribera de vn gracioso rio

A quantos desta vez fuymos presentes,

Ribero todo demudado, y frio,

Temblando nos cantò versos siguientes.

CANTA RIBE RO LOS MALES DE AMOR.

M Andisme ora que cante,
Triste que cantaré,
Y mas de Amores, que enemigos son?

Man-

Mandame que lleuante
 Sospiros, que esto haré,
 Conformandome al tiempo, y a la razon,
 Pues atinando al son,
 Quexoso de mis daños,
 Dirè mis desconciertos
 O que seran mas ciertos
 D' Amor, mas como quier, por cierto estraños.
 Que me han este mal sano
 Pecho, todo metido a saco mano.

2

Esto que Amor llamaís
 (Del qual me aueis forçado
 Cantando ora tratar) mas razon fuera
 (Si a sus obras mirais)
 Que el fuesse antes llamado
 Enemigo cruel, sino que yo muera.
 Bien sabeis la manera
 Que en bosques solitarios,
 Nos llena dando gritos,
 Suspiros infinitos,
 De que son nuestros pechos tributarios,
 Si aquella es la su cura,
 Bien muestran los remedios, que es locura.

3

Mirad pues a sus fuegos,

Sus mudanças tan prestas,
 Sus gestos, sobressaltos, y meneos,
 En verdad que son juegos,
 Que corren sobre apuestas,
 Llenadas de los locos sus desseos.
 Viejos demonios feos,
 Teñidos, no teñidos,
 Los gestos traSPORTados,
 Los pechos ora inchados,
 Ora del todo en vista consumidos,
 Muerde se vno arrabiado,
 Otro estatua de piedra, anda pasmado.

4

Viene otro murmurando
 Configo, y no se entiende,
 Todos se burlan del, y el no lo vè,
 Otro versos rimando,
 A la vihuela ariende,
 Siempre esto assi ser á, siempre assi fué:
 Como me ayuntarè
 En vn tan breue espacio,
 Tantas diuersidades
 De sus liuiandades,
 Que aun pensar mal se pueden sin cansacio:
 Diré solo este poco,
 Que a todos estos locos, manda vn loco.

Tambien yo mal peccado

Allâ voy de consuno,

Que ni lo que hago sé, ni lo que digo.

Tambien desacordado,

Quicà mas que ninguno

Doy fuerças contra mi a mi enemigo,

Quando se siembra el trigo,

Quando ando por las eras,

Passa vno, y passa otro año,

No sientes el engaño,

Sino quando del todo desesperas.

Sin yâ triste en ti ser

Ir adelante mas, ni acras boluer.

Que valles no corri?

Que bosques no busqué?

Que peñas, que escondrijos de animales?

Para me hurtar a mi?

Qual destos cerros fue,

Que no oyesse mis queixas desiguales?

De que rios caudales,

No rebolui riberas?

Ora arriba, ora ayuso, *a baxo*

Qual monte no repuso

A mis finales bozes lastimeras?

Tan claro, que yo boluia

Ojos atras, por ver quien respondia.

7

Engaño poderoso,

Meter yo mismo en seno

Un fuego, que ende alçò llama tan brava?

Amor tan gracioso,

Amor tan blando, y bueno,

Como en si tanto mal disimulava?

Que cada ora me lava

De lagrimas el gesto,

De tal color teñido

Que es trabajo perdido,

Esperallo lavar nunca, o tan presto,

Onde esperança pone

Corriendo allà me lleva, ella tras pone.

8

Del infierno, ay quien cuenta

Que por vn monte arriba

Un canto a cuestas sube vn condenado,

Nunca el triste se asienta,

Y quando a lo alto arriba

Resnala, y buelue el peso atras priado:

Prestamente el cuyrado

Torna a la su demanda,

Eis lo sube del hondo

Con el canto redondo,

As Obras de

Eis lo que otra vez cae, y en balde anda
Igual embaymiento
Llena, y trae el amante en su tormento.

9

— Que he de dezir d' Amor que no sepais?
Enemigo cruel,
Que los mas suyos, mas se queixan del.
Nuño.

Ansi cantò Ribero, y vimos claro
Mientras cantaua, que lo interrumpian,
Tristes sellos del su pecho amaro.

Tras lagrimas, mas lagrimas cayan
Sin parar por el pecho, y barba ayuso, *abaxo*
Con harta compassion de los que oyan.

Torib. Yo vi algunos versos que el compuso,
Quasi todos llorosos, tuuo ven-
Blandissima, y aun mas blanda con el uso.
Mas de Gil, que me cuentas? fue tan buena.
La respuesta que alli vino arguyendo:
Pues que no te faltò gracia, ni lena:

Nuño. Primero vno que hazer, vnos diziendo
Que el su mal proprio cantara Ribero,
Y no de Amor, los otros defendiendo.
Affirmauan que aquel que paga el fuero
Es quien mas siente el mal, y la manera
De perder al afan, tiempo, y dinero.

Con todo Gil, bien vimos que quisiera
 Descabellirse al reto porfiado,
 Y por su voluntad no falleciera.
 Al fin tomò el rabel como forçado
 Y afinando lo estuuo cuerda a cuerda,
 El arquillo bolaua, y ansi afinado
 Acudia apuntando con la izquierda.

CANTA GIL

LOORES DE AMOR.

N O veis como al cantar
 O' Amor el Sol se aclara?
 Como a buelo los paxaros se erguieran?
 No veis regozijar
 Peces nel agua clara?
 Y como acá, y allâ se arremetieran?
 Mas ah que me huyeran
 El aliento, y la lengua,
 Dubdando a la empresa alta
 A tal tiempo, tal falta,
 A quien boluerme deuo en tanta mengua:
 Sino al fresco moçuelo,
 Que aqui siento cercano andar a buelo.

Amor que en vn momento
 Visita este ayre puro,
 Del nombre solo quien no se enternece:
 Comun consentimiento
 Le dio deydad de juro,
 Y niñez, que jamas nunca enuejece,
 Todo desaparece,
 Y todo apriessa huye,
 Para no boluer mas,
 Y à fuera todo atras.
 Sino que solo Amor lo restituye
 De nuevo a nôs boluiendo
 Aquello con que el tiempo se yua huyendo.

En primavera ufana
 Mirad que se enamora,
 La misma tierra, vé como se arrea
 D'oro, de plata, y grana,
 Viene Pomona, y Flora,
 Y cada vna la viste a su librea:
 Verâ quien quier que vea
 Toda cosa criada
 D' Amor fauorecida,
 Cobrando nueva vida
 Los rios, y la tierra, y mar salada.

Saltean peces tan altos,
Que mas parecen buelos, que no saltos.

4

Las Aves, y las fieras,
Que nascen ~~en~~ armadas,
Luego en poder de Amor se pàran blandas,
Mas antes halagueras,
Las sañas olvidadas,
Roncèando se van en sus demandas:
Señor que todo mandas,
Nuestros pechos visita,
Tu buena merced sea,
Entra por nuestra Aldea,
Abraçala de Amor, los odios quita,
Que por dichosa suerte
Todo eres vida Amor, de amor muerte.

5

Entre flores suaves
Si estàs contra tu grado,
No te podran tener fuertes cadenas,
Pesadas son, y graues
Las fiestas al forçado,
No son plazer para el, antes son penas,
Malas cosas, y buenas
Haze Amor, y desbaze,
De absoluto poder,

As Obras de

Quereislo claro ver?

No llamamos plazer, sino al que aplaze,

Quanta noche esclarece,

Y quanto dia Amor claro escurece.

6

Ciertos emboluedores

Falsos, y fementidos,

Entran hurtados (siendo Amor ausente)

El arrayal de Amores,

Y ansi desconocidos,

Toman a engaño el simple, el innocente

Causa que tanta gente

Vaya con boz llorosa

Demandando piedad,

Tornad en vós, tornad,

Que aun trabajos de amor, son dulce cosa,

(atad que essos moçuelos,

Que por Amor teneis, son malos celos.

7

Amor nunca alabado

(Por mucho que sea) assaz,

Si a lo que se le deue se mirò,

Quien al mal prolongado,

O fuesse en guerra, o en paz,

Venció con sufrimiento, si Amor nõ?

Quera el palacio enchiò

De ricos arauios?
 Aquellas opiniones,
 Las galas, y inuenciones,
 Que serian sin el? son desuorios?
 El puso ende las damas
 Arde el palacio todo en biuas llamas.

8

Y a nòs quien nos sostiene
 Entre tantos sudores,
 Desta vida cansada acá de fuera?
 Saluo este Amor que viene
 Con los sus lamedores:
 A esforcar vno a vno que no muera?
 Templad de vna manera,
 En sus yguales modos
 Estos nuestros Rabees,
 Tocad vno despues,
 Sin tocar los demas responden todos,
 Amor que no podrà,
 Si tanta fuerça a los conciertos dà.

9

Es trabajo sin fin que me aueis dado
 Que alabança mayor
 No nos pide Dios mas, que solo Amor.

Nuño.

Ansi nos cantò Gil, y a nos boluide,

As Obras de

*Dixo esto, fue cumplir vuestro mandado,
No cantar, no tañer, que no lo ha sido.*

Toribio.

*O mi buen compañero, ah que me has dado
La vida con tus dos dulces canciones
Todo tambien tañido, y bien cantado.*

Nuño.

*Si tan alto Toribio así las pones
Oyendolas a ellos, lo que hizieras:
No pude mas, conuiene me perdones.*

*Atas, ò no sé si vez las cantaderas
Que allà aparecen? que frescas zagalas
Vestidas como a guisa de estrangeras.
Dos Mengas, dos Eluiras, dos Pascualas,
Semejan entre mil como escogidas
En cuerpos, gestos, gracias, y en las galas.
A fiestas deuen ir tan guarnecidas,
Y tan acompañadas, abalemos.*

Toribio.

*Ah Nuño, Nuño, y a fiestas me combidas?
Vayanse a su plazer, no las turbemos.*

Nuño.

*Otros tantos zagales respondiendo
Como a porfia vienen, ah no dexemos
Huyr lo que razon está ofreciendo,
Anda vamos a ver, no nos paremos.*

I

Zagalas. *Ay razon que tal sufra vna donzella
 Criada a mil regalos, en el seno
 De su madre, çahareña, hermosa, y bella,
 Flor no tocada, que venga vn ageno,
 Y que la coja mientras se querella?
 De lagrimas el gesto hermoso lleno,
 Que cosa succeder podrà mas fea?
 Entrada de enemigos el Aldea?*

2

Zagales. *Padres, madres, y hermanos, son vencidos
 En sus propios amores verdaderos
 Destos esclavos que llamais maridos,
 Vuestros cautivos mas que compañeros;
 Todo dexan por vòs embouecidos,
 Porque no os contentais con menos fueros,
 Con vna muestra blanda, vna terneza
 Venceis vigor, constancia, y fortaleza.*

3

Zagalas. *Ay zagalejas nuestras tan preciadas;
 Y vòs que lo pensais por ende altinas,
 Andais (al parecer) glorificadas,
 Que no semejais quasi a cosas biuas,
 Perdeis lo todo como sois casadas,
 Passaisnos de señoras a cautivas,
 Quien lo puede negar? y en tanto daño
 A pesar de razon vence el engaño.*

Zagales. No se puede negar que todo huye,
 Quanto mas las linianas voluntades,
 Este tiempo gloton todo destruye,
 No paran peñas, pararan beldades?
 Mas quien los daños del nos restituye
 Sino solo el Amor por sus bondades,
 El solo nos defiende a la fortuna
 A las bueltas del Sol, y de la Luna.

Zagalas. Essa restitucion de que ascenais,
 (Que son los hijos,) ay las sus fatigas,
 Ah los trabajos grandes que callais,
 Disimulando cuytas tan antigas.
 Que vosotros sabeis que les causais
 Dias crueles, noches enemigas,
 Desigual parçaria, juzgue Amor,
 La parte flaca mas, llena el peor.

Zagales. Passais dezid, ingratas como en juego
 Tantos suspiros de los seruidores,
 Oyame el turbio Duero, oya el Mondego,
 Y cada vno en la su fuente de Amores,
 No sabeis como vâ derecha al fuego,
 Arbol sin fruto, aunque lleue flores,
 Y dize el que la cria, y que la esiaua,
 Que quiero mas aqui de sta arbol brau z.?

7
Zagalas. O dulce libertad como te vas

Embuelta en nombres vanos, y pintados,
Que nunca buelues, ni pareces mas?
Corre el engaño todos los estados,
Si pudieffen bol uer tiempos atras
Como no sufren, ni consienten hados,
Tendrian su lugar buenos consejos,
Siendonos nós, a nós mismas espejos.

8

Zagales. Relampaguean fuegos, que nos ciegan,
Veys quanta gente, veis quanta señal?
Y todos de alegría, acà se allegan
A nós, que no serà soncas por mal,
Lo que estas mas dessean, esso mas niegan,
Por esso esposos, no les creais tal,
No os engañen los falsos sus enojos,
No lagrimas fingidas de sus ojos.

Sà, Sá, por Cielo, y Tierra, y Mar se suena,
En comun alegría, y buena estrena.

F I M.

K S

A A N.

A A N T O N I O

PEREIRA SENHOR

Do Basto.

E G L O G A S E P T I M A .

A L E I X O .

I

E Seas nuestras camponas las primeras,
Que por aqui cantaran bien, o mal,
Como pudieran Rimas estrangeras,
Embialas el nuestro mayoral
Que a ver os vengan, en todas maneras,
Que a mas de ser el dia festiual,
Supo por ser venido el mayor hijo,
Que anda toda esta casa en regozijo.

2

Teneis mil bienes en que os emplear,
No andeis tan pesaroso en vuestros danos,
Que el vado es alto, y ciego de passar,
Tratad vuestros pesares con engaños.
Boluio quien vuestra casa ha de heredar
Tan grande capitan en tiernos años,
Los Turcos vencedores por el mundo
Peleando vencio el hijo segundo.

3

Del qual caso espantoso dicho sea
 Solamente de vna Aue que yua a buelo,
 Acà, y allà por la mortal pelea
 Sin tener de algun mal, algun recelo,
 No siendo nunca vista tal relea
 Todo Agua, todo Fuego, todo Cielo,
 Seas pues bien venido hermoso aguero
 Bueluan nuestros milagros de primero.

4

El mas moço que està como en el nido
 Antes de tiempo ser sus alas prueua,
 Con el desseo grande en alto erguido,
 Que apenas le teneis que no se mueua,
 De dentro quanto assi està cumplido,
 Pero de fuera aun la pluma es buena,
 Esto todos lo ven, que no son cuentos,
 Abrid el pecho pues a los contentos.

5

Un rayo que desciende en sus desuios
 Hierre los altos (que la baxa gente,
 No tiene cuenta) dize estos son mios,
 Y luego el primer trueno que arrebieñe.
 Dexad los charcos turbios llouedios,
 Beued de pechos en la pura fuente,
 Poned la confiança toda en Dios,
Lo que ha de hazer el tiempo, hazeldo vos.

Entrar

Entrarsehà aqui vn zagal muerto d'amores,

Sin que el lo sepa bien, mas no os turbeis

Que a mas há succedido que a pastores,

Nunca de Amor, ni con Amor burleis.

Quando no lo pensais se alça a mayores

Desobligado de todas las leys,

No ay caso tan dubdoso, é incierto a ser

Que ayudado de Amor no se haga creer.

P A S T O R E S

D A E G L O G A.

Alexo.

Sancho.

Iuan.

Anton.

Toribio.

Pelayo.

Nympha de la Fuente.

Alexo.

Y O vengo como pasmado,	Ualame Dios, que peccado
I no sé lo que me diga,	Pudo ser mio tamaño,
Que el mi coraçon letiga.	Yo no soy el que era, año
Entre cuydado, y cuydado.	Han me como barajado.

Dias

2

Dias hà que no me entiendo,
 No penetro este mal mio,
 Al sol muerome de frio,
 A la sôbra estoy me ardiendo.
 A ninguna parte atiando,
 No sé dar con lo que fuesse,
 Como si d'otren huyesse
 Ansi de mi voy huyendo.

3

Heme aborrecido el ható,
 Los apriscos, y majadas,
 Ando tras vnos no nada,
 Que no sé que ende me cató:
 Que buena ganancia, y trato
 Sospirar noches, y dias,
 Vanas esperanças mias,
 Que me engaña a cada rato.

4

Quiçá de los mis cabellos
 Debaxo del mi portal
 Me los pusieran, por tal
 Que vaiesse a passar porellos,
 Y emboluer me hian con ellos
 Del pan de los mis bocados,
 O passe sobre finados,

No hize oracion por ellos.

5

A caso de tal dolor
 (Que en buẽ jayzio no cabe)
 La benzedera si sabe
 Lo quellotrará mejor?
 Mas vamos a lo peor
 No se que se me affigura,
 Quiçá puede ser locura,
 Quiçá puede ser Amor.

6

Soncas si he sido assombrado
 De los cuerpos huydizos,
 O me dieran benedizos,
 Que todo me hã trastornado
 O quiçá si fuy aojado
 En las bodas de mi tia
 Quando cantaua, y tañia
 Buclue acà pastor cansado.

7

Pero pues que me acordè
 D'aquel dia de plazer,
 Quiero a cantallo boluer,
 Quiçá que descansarè.
 Oias hà que no cantè
 Con el coraçon no puedo,

Encom.

Entonces cantaua ledo,
Ora como cantaré.

8

Que fantasia tan loca
Bien es de zagal perdido?
El rino adolo, y el sentido?
Do la boz cansada, y roca,
Ay la mi ventura poca
En poder todo de enojos,
Quando ansi lloran los ojos,
Como cantarâ la boca.

CANTA.

Buelue acà pastor cansado,
Buelue, que a peligro vâs,
Corres tan desatinado,
Que ayna te perderâs.

VOLTAS.

De quien huyes? o por què?
Buelue acà, buelue al rebaño
Cye, sino vez tu daño
Quien te auisa, y quien lo vé.
No te acuerdas del ganado,

Ni de ti: si ansi te dàs
Tal priessa, soncas priado
A la tu fin llegarâs.

2

Porque ansi te acustias di,
Las mentes enagenadas,
Cata, que a pocas passadas
No aurâ memoria de ti,
Buelue, buelue, ah porfiado,
Que sino buclues atras,
Solo en ver a do has llegado
De miedo te morirâs.

9

Lua aquel dia loçano,
Fue si me acuerdo por Mayo,
Luché, corri, como vn rayo,
Era moço rezio, y sano,
Luego me vino vn affano,
Que apocas muerto me tiene,
Bien dizen q̃ el mal se viene
Como de suyo a la mano.

10

Si aq̃ estuuiera mi hermana,
Que nos la lleuò su esposo,
Con ella vuiera reposo
Esta mi cuyta villana.

Que

Que tantas vezes liuiana
Se altera, y muda tan presto
De la mañana al Sol puesto
Del Sol puesto a la mañana.

11

Quantas vezes me dezia,
No me parece mi hermano,
Que es hablar cosa de sano
Tanto desto noche, y dia.
No sé que contado auia
Ciertas zagalas loando,
Lo boca abierta escuchando,
Siempre alli boluer querria.

12

Ay que locuras pensé,
Quãto aquel cuẽro me plugo,
Aora yà atado al yugo
Ararè, o rebentarè.
Mas ò que fuẽte, echarme he
Cabe ella, en yerua tan fresca
Puede ser que me adormezca
Sino que descansarè.

Sancho viejo.

13

En vano el viejo afanò,
La vista se me esvanecè,

El muchacho no parece
Antes desapareciò,
Quantas vezes sin provecho,
Que esto hecho,
Aqui vá, por alli vá,
Desq̃ he corrido vn buẽ trecho
Otro lo vido acullà.

14

Con el hijo juntamente
Nascen cuydado, y fatiga,
Pero costumbre es antigua
Andar tras su mal la gẽte,
Buena vida en vejez fue
Por misè,

Ochenta años quando menos
Mal con hijos que engendrè,
Mal con los hijos agenos.

15

Vn Lunes por suerte estraña
(Aun no me dexa aq̃l dia)
De la lluvia me acogia
Por el pie de la montaña,
Ende de vna espessa breña
çahareña,
Una cabra que perdiera
Por el bucco de vna peña.

Vide

Vide que se me acogiera.

16

Fuyme allà, vi que plañia
Un niño tierno alli dentro,
Por lo que tras ella me entro
Que contra si me fue guia,
Que mas me auia yo de star,
Sino entrar,
Como yua por ver lo que era,
No pude allà diuisar,
Saquelo en los braços fuera.

17

Cierto que es cosa deuila
Tener al ganado amor,
Y que auenture el pastor
Por el, mil vezes la vida,
Que el su buẽ entendimiento
Es sin cuento,
Passa assi, y es caso extraño,
Tras mi la mi cabra sienta
Recelosa de mas daño.

18

Mas piadosa que el padre,
Mas que deudo, ni pariente
No hablo de la otra gente,
Y aũ quicã mas q̃ la madre,

Digos en mi consciença

Vue verguença,

En vna causa tan digna
De piedad, que nos vença
Una cabra montesina.

19

Era embuelto en ricos paños
El niño, y todo era tal,
Que harco alli dezia mal,
Y esto hà sus dezisiete años,
Quien del tiempo no se vela,
Como buela,
Parece que fue esto ayer
Dandose como d'issuela,
Que prissa lleua a correr?

20

Truxe el niño a mi Theresa,
Que podria ser de vn mes,
Vuelo, q̃ anda en quatro pies,
Vuelo, q̃ se ergue a la mesa,
Veis los mayores alcança
En criança,
En costumbres, y en saber,
Ved de tan grande esperança
Lo que queda al recoger.

21

Era

Era locura pensar
Sus donayres, y sus sesos,
Ante tiempo aquellos pesos
En esto vienen a parar.

Sabia mas que el lurado
Bien jurado,
Ayudaua a Missa al Crego,
Aunq̃ este es mal muy vsado,
Seres con tu hijo ciego.

22

Pero en esto no me engaño,
Aunque es hijo en el amor,
Que el no parece pastor,
Aunque guarda mi rebaño.
Dixe guarda, antes guardò,
Triste yo,
Que aora yâ medio loco
Del ganado descuydò,
Aun de si cale poco.

23

Dixome vno dessa banda
D'allâ, que lo viera aqui,
Bien pueden dezir por mi
Un perdido, tras otro anda.
Yo yâ cansado, y sey viejo,
Que consejo

Tomarè, o que camino?
Ves el mi perro vermejo,
A la fè tras mise vino.

24

Y tu hijo andas huyendo
De mi, de valle en collado,
Que mal cõsejo has tomado,
El porque yo no lo entiendo,
Sigues antojos liuianos,
No los sanos

(consejos del viejo padre,
No se te acuerda d'hermanos
Ni la vieja de tu madre.

25

Ha me dicho vn escolar,
Que sabe d'aquestos males,
Que siete rios caudales
Te conuiene de passar,
Y bañarte en la laguna

A la Luna

Nueua, y buscar siete fùeres
Perenales, y en cada vna
Lauarte, y cobrar las miètes.

26

Unos tienen tal sospecha,
Otros otra, y dicho me han

L

Mu-

Muchas, y muchas diran:
Mas sin ti q̃ me aprouecha?
La vejez es cierto cosa
Trabajosa.

Niñez sin entendimiento,
Mocedad tan peligrosa
Que no escapa vno de ciento.

27

Este cuerpo flaco cansa
De andar, todo me despeo:
Mas puede tanto el desseo,
Que algo el coraçõ descansa.
Quiero dar buelta al lugar,
Y quiero dar

Bozes, si por aqui fuerẽ,
Todo lo quiero prouar,
Antes que me desesperẽ.

28

Ay Alexo, ay hijo, Alexo,
Quicá, si de mi te escondes,
Dime, por que no respondes?
Si yo por ti todo atras dexo?
Alexo, Aquel viejo loco,
A que tan poco

De consejo, y vida queda:
De llamarte está tan roco,

Que no sé, como mas puede.

LA NYMPHA DE La Fuente.

29

Duerme el hermoso donzel,
No zagal, no pastor, no,
Mientras al sueño se dio,
Mi alma diose le a el.
El Soles alto, y con el
Del dia, es ido vn buẽ trecho,
No sé que de mi se hà hecho,
Serà lo que fuere del.

30

Loca de mi, que a mirar
Me puse, y dixẽ tal viendo,
Quiẽ tanto aplaze dormiẽdo;
Despierto, que es de pensar?
Quiseme luego apartar,
No sé quien me buelue aqui.
Ah quan tarde que entendi
Que peligro es començar.

31

Miẽtras pensando ymagino,
Sin rumiallo primero,

Amor

*Amor falso consejero
 Con sus razones me vino,
 Tornarsehà por su camino
 El moço, como despierte
 ¿às d' hazer tu? ¿estu suerte
 E starte aqui de continuo.*

31

*Luego mi fuente encantè,
 Pero quando la encantaua
 Quien las palabras guiana?
 (El me es testigo) Amor fue.
 Aora que mas pensè,
 Fue la mi cuyta mortal,
 Pudiera sufrir mi mal,
 El suyo como padre?*

32

*Y quando el mio. quicà,
 No pudiera sufrir yó,
 Pagàra aquel que peccò
 Que la razon ansi và.
 Qual otra alguna valdrà
 Que me quite desta culpa?
 Su beldad no me desculpa,
 Antes mas culpa me dà.*

33

Fuerça fue, que yo la senti,

*Y miedo de mas enojos,
 Baste al fin cerrar los ojos
 Diciendo, Amor mada assi.
 Quantas cosas, que yo me ohi
 Contar del su gran poder,
 Que podia yo ende hazer,
 Donzella flaca, de mi?*

34

*Una hermosura vana,
 Que a quien la vè, desatina,
 Que parece mas diuina,
 Mucho mas digo, q humana.
 Cruel por cierto, y villana
 Pudieran dezir por mi:
 Tenello encantado aqui,
 Si lo hiziera mas sana.*

35

*Tal fuerça esta agua tendra
 De oy mas, q luego en la vièdo
 Toda persona corriendo
 Por beuer d' ella arderà,
 Aquella sed matarà,
 La otra nuena passando,
 Nunca el cuydado mudado
 Por este bosque andarà.*

36

L 2

Ora

Ora mis ojos dexeis

Pagar Amor su tributo,

No quede aqui nada enxuto.

Llorad, que bien lo deneis.

Aues que os ansi sabeis

Cantando quicá aluiar,

Miêtras me entiêdo quexar

Ruegoos que me acompañeis.

CANTA.

D' Amor biê dizê q'es ciego,

Niño, liuiano, y cruel,

Si en mi fuête encêdio fuego,

Quien podrà librar se del.

VOLTA.

Poderoso Amor altiuo,

Quien razon dar me sabria,

Si mi vida era agua fria

Como aora en fuego biuo.

Sordo en todo, en todo ciego,

Todo breuages de hiel,

Todo guerra, sangre, y fuego,

Tales el, tal dicen del.

37

Alexo.

He dormido, ora quê atiêdo?

Quiero passar la montaña,

Quicâ q'en la parte estraña

Me estará el biê atiêdiendo,

Hea q' a Dios me encomiêdo,

Que en esta tierra zagal

Dias há que te vâ mal,

Mal despierto, y mal dormiê

38

(do.

Lo soñaua que me via

Entre vnas cerradas breñas

De vna parte, y d'otra peñas,

Do nunca el Sol descubria,

Quando no me aparecia

Socorro de parte alguna,

Quexoso de la fortuna

En llantos me deshaziz.

39

Mientras q' lloro, y me quexo

Solo la muerte esperando,

Oya de quando en quando

Que llamanan por Alexo,

Quicâ si d'aqui me alexo

Allâ que me irâ mejor?

En

Encortesia de Amor,
Y de ventura lo dexo.

40

Semejaua ciertamente
La boz del buen viejo mio,
Abaxo espumaua vn rio
Que nunca sufriera puente:
Via la muerte presente,
En tã grãde angustia puesto
Disparté, y fuy de presto
Libre de aquel accidente.

41

Mifé, sea lo que fuere,
Mal parece, y mal ser â,
Que el coraçon me lo dâ,
Haga Dios lo que quisiere,
Fuertemente me requiere
Soledad grande, y desseo
De quanto desde aqui veo,
Sufrirè lo que pudiere.

42

Que el coraçõ se me encierra
A todos otros consejos,
A Dios mi tierra, y mis viejos
Grã mal de vòs me destierra.
Si moriere en otra tierra

Aqui los hueßos me trayan,
Que mundos, pēsais q̃ vayan
Allá, traz aquella sierra.

43

En fin dada es la sentencia,
Sea simpleza, o locura
Prouaré la mi ventura
Pues me aquexa tal dolēcia:
Prouaré por experiencia
Si este mal otro ayre enciēde,
Si con mis amigos ende
Me queda la mi paciencia.

44

No cale tiempo perder
Mas del perdido, q̃ es mēgua
Palabras vanas la lengua,
Los ojos aguas correr.
Lo que se ha de acometer
De que sirue el dilatar,
De los viejos es dubdar,
De los zagales hazer.

45

Matarè en la fuente fria
Primero esta sed que tengo,
Con que cuyta ora a ti vengo
Fuente de la tierra mia.

As Obras de

Sivendra aun algun dia,
Que boluiendo por aqui
Benia mas alegre en ti
De lo que aora benia.

46

Encantado.

No veo al bosque salida,
La vista se me esuaneca
Por todà a parte escurece
Mal se ordena esta partida,
Parece que se me oluida
Esto que le yua a dezir,
Yo era para huyr,
Vòs no para ser huyda.

47

Anton.

Sospirado has compañero.

Iuan.

No sé como no lloraua,
Sabes porque sospiraua,
Porque aqui cantò Ribero,
Aq̃ nuestro amo escuchaua,
Rodeauanlo pastores,
Colgados de la suboca,
Cantando el los sus amores,
Cente de firmeza poca,

Que le dio tantos loores,
Y aora se los apoca,

48

Anton.

Esso falta Iuan pastor,
Soncas, porque sospirar,
A que puedes en alçar
Ya los ojos sin dolor,
Y a que los puedes baxar,
Donde los pondras enxutos,
Adelante, o cara atraz.
Las plátas niegan sus frutos,
El sembrar es por demas,
Los ayres andan corrutos,
Los hombres cada vez mas.

49

Daquel gran pino a la sôbra
Que a tal dicha se plantò,
Que el prado, y çarcas cubrio
Y los vezinos assombra,
No ha pero mucho no.
Vine por Ribero ver
Como otras vezes solia,
(Quã presto q̃ huye el plazer)
Configo aqui te renia
A cantar, y a tañer

Nien-

Mientras la fiesta cahia.

50

Rebueluo en el pensamiento
Lo que cantastes, estando
Mi fé fueßseme olvidando,
Del sò me acuerdo, y ðl cuèto
En busca del cantar ando,
Mas acinemos al con
Amigo, que juro a mi,
Este era el tiempo, y sazón,
El lugar este era aqui,
Las palabras de rondon,
Ellas se vendran por si.

51

Iuan.

Porque esse contar fue llanto
Como del Cisne se cuenta,
En su poßtrimer a afrenta,
Yo te ayudarè con quanto
Es cantar en la tormenta.

Bien vez q mundos son estos,
Nunca tales fueran, creo
En las mudanças tã prestos,
Truecanse te a cada oçteo,
Vi de aqui mil buenos gestos,
Quando miro vno no veo.

52

Mas las quexas a de parte
A lo que mandas vengamos
El cantar q aqui cantamos,
Fue (sabes) de ðtraña parte,
Dòde vn tiepo ãbos andamos
Y dirte he como paßò
Acertose, que yo tañeße
Aquel modo, y el cantò
Rogome que respondiße.

Anton.

Yà, yà, yà comienço yo,
Como si Ribero fueße.

I

Amor burlando v a muerto me dexa,
Tiene de que por cierto, a su merced,
Como de señor vine, aora ved,
Si es justa su razon, si la mi quexa,
Y lo que mas me aquexa,

As Obras de

Que està ledo, gozoso, y aplaziente,
Y aun vfano, ques esto? el que vencio
Luchando pierde y gana el que cayò?
Enemigo señor, que tal consiente.

2

Iuan. Enemigo señor, que tal consiente
Mas antes fauorece tal maldad,
Todo se rige por la voluntad,
Y si esto fue alguna ora es al presente
Un pastor innocent,
La campona tañia en regla estrecha
Del cierto, y buen tañer, y assi cantaua,
Plugo, mas vn zagal que alto siluana,
Ved razon ante Amor de que apronecha.

3

Anton. Ved razon ante Amor de que apronecha,
Un ciego, vn sospechoso, vn voluntario,
Al mayor seruidor, mayor contrario,
Antojadizo, lleno de sospecha,
Este porque coecha,
Por atreuido estotro, y mal mirado,
Otro por no sé que, venlo adelante,
Quien se pone a pensar, que no se espante,
Sin ventura, que hará, quien lo ha prouado.

4

Iuan. Sin ventura, que hará, quien lo ha prouado,

Y lo prueua cada ora? estraña suerse,
 Puede auer quien asì corra a la muerse:
 Cuydoso docto. y de si descuydado,
 Todo me han trastornado,
 Antes de los mis dias viejo, y cano,
 No dexa en su ser, cosa este accidente,
 Pudier a enternecer vna Serpiente,
 Llamando noche, y dia vn Nombre en vano.

5

Anton. Llamando noche, y dia vn Nombre en vano,
 Fue tanta el ansia de las mis entrañas,
 Que enternecidas vi las alimañas,
 Passando dellas seguro, y cercano,
 Y solo fue liuiano
 Aquella fiera humana, y fementida:
 A quien Amor ha dado sus poderes:
 Más ingrata muger de las mugeres,
 Quien todo lo llenó, lleue la vida.

6

Iuan. Dime zagala, y como puedes ver
 El Sol, porque has jurado, y las Estrellas,
 De dia viendo a el, de noche a ellas?
 Quando puedes dormir? quando comer?
 Que piensas al tremer
 De tierra, como ogaño? o si arde el cielo,
 Piensas que es burla? o que? no pienses tal?

L 5

Que

As Obras de

*Que si vn rayo fue vano, otro hizo mal,
Y donde el no cayó, caya el recelo.*

7

*Anton. Aquellos ojos tuyos, que al passar
No sé lo que callando me dezian,
Aquellos que la mi alma embayan,
Un tiempo a mi plazer, otro a pesar,
El dulce murmurar
Con la tu compañía, y de color,
Mudarte a cada passo, en vn momento,
Solcaste todo olvidadiza al viento,
Y bines, muero yo, sufre lo Amor.*

8

*Iuan. Hasta quando serè tan ciego yo? hasta
Quando, tan sin razon, y sin sentido?
El tiempo, y la razon piden oluido,
Amor solo no quiere, y solo el basta,
Quien ansi me contrasta,
Que viendo claramente lo mas cierto,
Tomè a la mano esquierda, y essa sigo,
Los oydos tambien cierro al castigo
Con mis cuydados vanos de concierto.*

9

*Anton. Mas dexadas vn poco las peleas,
Dime y qual señor fue nunca tan brauo,
Qual que dixesse ansi, eres mi esclauo,
Yo no soy tu señor, ni sé quien seas,*

*A palabras tan feas,
Te trae el tu rancor? soberuia es esta;
Que se pueda sufrir en dicho, o en hecho?
A que somos venidos, tiempo estrecho,
A fíaz bastaua el mal, sin la respuesta.*

10

*Iuan. Quando luego te vi, vite piadosa,
Después por te querer, por te adorar,
Subitamente te senti mudar?
Que es esto? es querer bien tan mala cosa?
Ah, vida dolorosa,
Ora se vaya el carro ante los Bueyes,
Los Peces retoçar vengán al prado,
A los Rios pascer vaya el ganado,
Oh, oh! d' Amor estás sus leyes.*

53

Anton.

*No siguio Ribero mas,
Antes como transportado
Estuuo vn rato callado,
Pienso que te acordaras,
Hablaua el poco, y despacio,
Mas siẽpre a tiẽpo, y lugar,
Ah buen pastor, si caçar
No se dexara al palacio.*

154

Toribio.

*No pensastes desta vez,
Que nadie os vuisse oydo
Cantar, pero juro a diez
Que mi parte me â cabido.
Digoos q̃ aqui me estuniera
Todaniz,
Hasta que passado el dia
La noche os despartiera.*

55

*Seguios dẽde a buen rato,
Que*

Que os vi venir passando,
Dexé al moço mi haro,
Y tras vos vine assechando,
Luego entre mi lo pensé,
Estos que van
Solos, quica contaran,
O si tal fuese? y tal fue .

56

Puseme aqui a escuchar
Tras esta çarça escondido,
El son, y el canto a notar
Estoy como embeuecido.
Harto de tiempo passó,
Que en esto andaua,
Lo que tanto desseaua
A caso se me offreció.

57

Anton.

Toribio, vengas en paz
Todo el biẽ de nuestra Aldea,
Llegate, ayamos solas,
Que enti todo bien se emplea.
Y porque eres verdadero
Te pregunto,
Como parecio te apunto
El cantar nuestro estrágero.

58

Toribio.

Anton a dezir verdad,
Pues con ella me esconjuras,
Gran bien es la claridad,
No te piẽso hablar a escuras,
Quãto ami, no soy mas d vno
Quanto a todos,
Vigo que en lo de los modos
Se quiere juzgar cada vno.

59

Unavez, y fuy en Villa,
Ques menester mas palabras
Dieranme ende vna escodilla
De vnos como pies de cabras.
Yo dubitaua de cornillos,
Mas despues
Comi vno, y dos, y tres,
Comi las manos tras ellos.

60

Anton.

A ti todo se te entiende
q̃ às hecho dello mil prueuas,
Mas muchos otros por ende
Alaban las cosas nuevas.

Toribio.

Si,

*Si, mas con tu paz concluyo,
Que no luego,
Primero se sopla el fuego,
El despues arde de suyo.*

61

Iuan.

*Andar cōtra la costumbre,
Es nadar contra la vena,
Forçado es que te deslumbre,
Aunque tēgas buena lena,
Y mas en tierra do tanto
El vso vale,
Si alguno del hilo sale
Encomiendese a buen santo.*

62

Toribio.

*Un Raposo dio mil saltos
Por alcançar los parrales,
Nunca pudo que eran altos,
Dixo de las vuas males
Que eran verdes, mal bocado
Ni sé amigo
Claramente te lo digo,
Hablas como lastimado.*

63

Anton.

*Ora el murmurar dexemos,
Que es mal q̃ mucho se piega
De cantar tambien te plega
Yâ que nos cantado auemos.*

*No aya aquí mas rodeos
Que tambien*

*Sabemos que cantas bien,
No nos mates a desseos.*

64

Iuan.

*Alguno ha de començar,
Nos bien, o mal yâ cantamos
Tu tambien has de cantar,
Unos de otros nos riamos,
El ganado sefsteará
Por la calor,*

*Aunq̃ al cantar de Amor
Quien corriendo no vendrá?*

65

Toribio.

*No lo digo, porque quiera
Mas palabras, ni mas ruegos
Mas porq̃ardo ètre dos fuegos
Que mucho escusar quisiera.
No cantar, criança es mala,
Y cantar mal,*

EL

El se lo dize, que es mal,
Vuestra medida me vala.

66

Iuan.

No te apronechan excusas,
Yo lo juro, este lo jura,
El lugar es de las Musas,
Sombras aguas, y verdura,
No te puedes excusar,
Nies razon,
Mira que te escucha Anton
Empieça amigo a cantar.

67

Toribio.

Auiendo de cantar yo
Ante vos, aunq̃ me atreuo
A mucho, de que sino
D' Amor cãtar puedo, y deuo
Dioses, Luna, Sol, y vientos
Todo manda,
Qual dirè Amor en q̃ anda,
No, mas la de mis tormẽtos.

CANTA.

Del mi tormento vencido,

Lo que sé, lo que no sé,
Quanto mandardes diré.

VOLTAS.

1

Mas mirad que si dixesse
A quello que no pensara,
Que essa crueldad tan clara
No pensè q̃ en vos la viesse.
Quereis saber lo que fuesse,
I desse modo a la fé,
Sabreis lo que nunca fue.

2

En pena, que tanto obliga
Que no me dexa, ni auaga,
Harè, que mandais q̃ haga,
Dirè, que mandais que diga,
Lo que ^{quisiere} se siga,
Que en tal tormento a la fé,
Lo que haga, o diga, no sé.

68

Anton.

No te quiero dar loores
Toribio, ni dezir mas,
Sino que con tus amores
D' amores muerto nos has,
Hablo

*Hablo ansi como lo entiendo,
Hable el maestro.*

Juan.

*Si callando, no lo muestro,
No lo mostrarè diziendo.*

69

Anton.

*Pues yo, quãto a mi, de presto
Te lo digo aqui delante,
Que he de ser villano en esta,
Porfiando que mas cante.*

*Ayudame ora a rogallo,
Juan te ruego,
Y sino bastare el ruego,
Ayudame ora a forçallo.*

70

Juan.

*No faltarè de mi parte
Alomenos, al rogar
Cõ quien Dios tãbien reparte
No se deue de negar.*

Toribio.

*Fuerça es esta, a la fè mia
Soy tomado,
Bastara vuestro mandado:
Quanto mas tal cortesía.*

CANTA.

*Mientras q̃ tanto a los ojos
Me obligo, y tãto al cuidado,
Ved amor qual me haparado.*

VOLTAS.

I

*Para q̃s mas? yo soy muerto,
No pensè que era el mal tãto
Hanme traydo en concierto,
Soltòse todo en mas llanto,
Descuydeme, y entre tanto
Que amor me vio descuidado
Vio tiempo, y tuuo cuydado.*

2

*Hame trastornado el pecho
Sin dexar cosa en su ser,
Es suyo, pudolo hazer.
Mas grã crueldad ha hecho,
Yo ansi de que aprouecho,
Cruelmente lo ha pensado,
Que mejor fuera acabado.*

71

Toribio.

Amigos ya cantado he;

Fin

Hize lo que me mandastes
 Por el vuestro amor cantè,
 Y vos por mi no cantastes:
 Perdonadme si me atreuo
 En tal razon,
 Que en verdad es mi opinion
 Que en lo vno, y otro os deuo.

72

Iuan.

Mucho te lo agradecemos,
 Y destos, y otros cantares
 Mil vezes te cantaremos
 Si tu mil vezes mandares.

Toribio.

Tambien yo de ser villano
 Tengas miedo,
 Como dizen dale el dedo,
 Y tomarate la mano.

73

Iuan.

Si muchos tales pastores
 Vuiesse en nuestras mōtañas
 No se irian los loores
 Todos a tierras estrañas.

Anton.

Aqui buenos naturales

Suele auer,
 Mas juzgar sin aprender
 Nos daña nuestros zagales.

74

A risa màs que a pezar
 No se como defenderme,
 Que se le quiere ygualar
 El q̃ duerme al q̃ no duerme
 Trabaja con cuerpo, y esprito
 Noche, y dia,
 La caca mata porfia,
 Y a buen bocado, buen grito.

75

Viene el delicado, y tierno,
 Que passó su tiempo en vano
 Tendido al Sol en Inuierno
 Por la sombra en el Verano,
 Enconces medio dormiente
 Como jaze,
 Dezir solo no me plazē
 Es razon muy sufficiente.

76

Iuan.

Es lo que dezis sin falla,
 Mas cada vno allá lo vea,
 Aunque Toribio se calla,

Dios

Dios sabe lo que el deſſea,
De cantares eſtrangeros
Gran ſed muestra,
Si la deuda a caſo es nueſtra
Pagarláhemos ſin dineros.

77

Anton.

Qualquiera coſa que venga,
Que toribio de mi mande,
Por mas que cierta la tenga,
Y antes que pequeña grande,
Sea como ſe acertare,
Malo, o bueno,
Que hurtaré yo de lo ageno,
Quando el mio no baſtare.

78

Iuan.

Con deſſeo de ver tierras
Vue de paſſar los puertos.
Puſeme a las blancas ſierras,
Rios de yelo cubiertos,
Allâ que paſtores vi,
Tan enſeñados

A cantar verſos rimados,
Que plazer que ende ſenti.

79

Vino vn dia vn viejo cano,
Combidadamos lo a cantar,
Tomó la çampona en mano,
Tocò boluiola a dexar,
Todos, ſobre todos, yo
Deſſeando

De cyr mas, y por fiando,
El buen viejo aſi cantò.

1

Los manjares de Amor ſon coraçones,
Humanos ojos ſon las claras fuentes,
En que el mata la ſed, ſus dulces ſones,
Son los ſoſpiros de los innocentes,
Que el trata cruelmente en ſus prisiones,
Todos enagenados de las mentes,
Cuydados, celos, cuytas, eſto os dà,
Lo que no tiene Amor como os darâ?

N

No

As Obras de

2

Novéis que vâ desnudo, y que non lleva;
Sino con que haga mal, y bien ninguno,
Saetas, arco, y fuego con que es prueva
Con todos los tormentos vno a vno.
Vos vno a vno os is dando la nueva,
Que es falso, que es sin fe, que es importuno,
Que es esto me dezid hombres perdidos,
Yá que ojos no teneis, tened oydos.

3

Y tu que fingimiento es este tuyo,
Niño desnudo, desarmado, y ciego,
Huyes si voy a ti, buelues si huyo,
Aora vencedor, vencido luego.
Ah que no tiene Amor cosa de suyo,
Nos las armas les damos, nos el fuego,
Quereis su diuindad ver tan loada,
Abri los ojos bien, no vereis nada.

4

No os pongan miedo sus espantos vanos,
Bolued por vos vereis como esuanecce,
Un cuerpo d'ayre sin fuerza, y sin manos,
A quien esado en campo se le ofrece,
Un engaño comun de los humanos,
Un como encantamiento, que enloquece,
Niebla, que solo vn saplo la lleuanta,
Niño, que otros como el, niños espanta.

80

*Cantado que el buẽ viejo vuo,
Toda aquella nœstra gente
Como personage estuuo,
Yo tambien por consiguiente,
En fin, que licencia toma,
Y adenino,
Que era pastor peregrino,
Que iba en romaria a Roma.*

81

*Mas no es bien q̃ passe ansi,
Y que solo Anton se quede
Sin cantar, que juro a mi,
Si quiere que sabe, y puede,
Sino, que nos quexaremos
Al mayoral,
Mas la çampeña, zagal,
Tomado ha bien lo tenemos.*

82

Anton.

*Aueis tan corteses sido,
Uno luego, otro despues,
Que aũq̃ aya quedar corrido
Sea antes que descortes.
Mas la çampeña Aldeana,
No os dirà,*

*Sino vn cantar de acà
Destos de la tierra llana.*

CANTA.

*Quando tanto alabas, Clara,
Blas, q̃ a luchar se desnuda,
La mortal de la mi cara,
Que frios sudores suda.*

VOLTAS.

I

*Ora alabas tal blancor
Discurriendo pieça a pieça,
Que no queda sin loor,
De los pies a la cabeça.
Quiẽ tal del mũdo pensara,
Aunque cada ora se muda,
Verte contra ti tan clara,
Verte contra mi tan cruda.*

2

*Llamasle madexas d'oro,
El hablar blando, y suave,
Las fuerças d'vn brauo toro
La ligereza de vna Auz,*

M 2

Co-

Comigo el alma no pàra,
Huyendo a su cuyta aguda,
Quando tu aficion diffàra,
Y al gesto sale desnuda.

3

Tambien de los mis enojos,
De las mis vascas y fuegos,
Son testigos muchos ojos,
Que los ven hasta los ciegos.
Las mudanças de mi cara,
El mi pecho, que amenuda,
Los mis secretos declara,
Sola mi lengua está muda.

4

Triste, y en lucha tan estrecha
A braços con los sentidos,
Que Blas caya, q̃ aprouecha.
A quien tiene ojos, y oy los,
Y aunque yo dello dubdara,
No dexas lugar de dubda,
A quien de tus ojos, Clara,
Nunca los sus ojos muda.

5

Entrados males ramaños,
Que no sé dellos qual vença
Grãdes miedos de mis daños,

Grandes de la tu vergüença.
Si del todo me pasmara,
(q̃ era de pasmar sin dubda)
El seso al mal ayudara,
Que aora me disayuda.

83

Toribio.

Mejor es, que hōbre se calle,
Que hablar poco ē tus loores,
Mas bendito sea el valle,
Que lleua tales pastores.

Anton.

Yo me estaua como vn bobo,
Ansi escuchando,
Mas quiē viene allà troiãdo
En la conseja? es el Lobo?

84

Pelayo.

Amigos vengo pasmado,
Y aun medroso y no poco,
q̃ anda aqui cerca, ē boscado
Un zagal, daldio por loco,
Y aunque son muy diuersos
Los modos de enloquecer,
A quanto pude entender
Anda componiendo versos.

luan.

85

Iuan.

Dale por mal remediado,
 Si tal dolencia es, qual dizes,
 Comerseha engolosinado,
 Las manos como perdizes,
 Quando ardẽ todas tus venas
 Y luego temblan de frio
 Para todo ay cosas buenas,
 A esse mal todo es baldio.

86

Anton.

Desse morirsehan de risa
 Todos, del en su persona,
 Quando sus versos entona,
 Y el estasse vn Rey en Frisa.
 Dexale Pelayo hermano,
 Que puesto q̃ el mal no espoco
 El querer curar vn loco
 Es trabajar siẽpre en vano.

87

Pelayo.

Cosa es que os espantarà
 El camino no es tan luengo,
 Si quereis vamos allà,
 Y sino visto lo tengo.

Toribio.

Vamos, andad, abalemos,
 Que gana tengo de oyllo,
 Lleguemos allà Carillo,
 Que harto de tiẽpo renemos.

88

Pelayo.

Venid que bien lo podreis
 Ver, y juzgar quanto abõde,
 Mas no sienta que lo veis,
 Porq̃ al momento se esconde,
 A la fé yo dixẽ, y hize,
 Veis que en la frẽte se hiere,
 Semejame, que hablar quiere
 Escuchad bien lo que dize.

89

Alexo. 1

Engañome el mal extraño,
 Pensẽ cuytado que os via,
 Mas bien, que no mal seria
 A durar solo el engaño.

90

Iuan.

Si la vista no me embrusca,
 Mírolo de luengo en ancho,
 Este es Alexo el de Sancho

M 3

De

As Obras de

De quẽ el viejo áda en busca. Que remedios se conuienen

91

Anton.

Quicá, si es asõbramiento,
Niveo que otro ser pudo
Que no se via entre ciento
Otro zagal tan sesudo.

Iuan.

Moço, para dar consejo
No es cosa muy segura,
Mal asiento haze locura
En la cabeça del viejo.

92

Alexo. 2

Los mis desseos sandios
Que adrede a su mal se dierã
Para vós, que nunca vieran
Guardan estos ojos mios.

93

Toribio.

O buen de mi, y que bueno,
Que cosas dezir se dexa,
Quien del mal rãbien se q̃xa
No estã de si muy ageno.

94

Alexo. 3

A tan varios pensamientos,
Que vnos se van cõ los viẽtes,
Otros con ellos se vienen.

95

Anton.

No veis cõ que ansia seffira,
Que hermoso, q̃ bien dispuẽsto
Veislo allã buelto tan presto,
Veislo, que buelto acã mira.

96

Alexo. 4

A todas partes pensando
Verte miro, y no te veo,
Sino muere este desseo
Morir me he yo desseando.

97

Iuan.

Segun suenan las palabras
Amigos deste muchacho
Es q̃ Amor le dà empacho,
Niel busca aq̃ otras cabras.

98

Alexo.

El mi coraçon liniano,
Fueffeme, no se tras quien,

Van

*Van buscando este su bien,
Tras el los ojos en vano.*

99

Anton.

*Ora ved lo que he pensado
En esto que vi que es poco,
Empero nunca vi loco
Que no fuesse enamorado.*

100

Alexo. 6

*Este mi mal tan extraño,
Esta mi cuyta si os viesse,
No puede ser que doliesse
Por mucho q̄ fuesse el daño.*

101

Iuan.

*Yo os digo esto en mitino,
Escuchame ora si os plazce,
Cierto amor mucho mal haze
Pero sabed que es diuino.*

102

Alexo. 7

*Que la mi vida se vea
En tanta cuyta, y fatiga,
Pues la ventura enemiga,
Pues Amor quiere, an si sea.*

103

Anton.

*Amor maluado, y no tal,
Como del dizen, y se nombra,
No lo dexa a Sol, ni a sōbra,
Haze como suele mal.*

104

Alexo. 8

*Por vn bosque tan sombrío,
Por puertos tã mal seguros,
Entre enemigos tan duros,
Que descuido es este mio?*

105

Toribio.

*Catad, catad mis pastores,
Por cierto bien le entendiste,
Iuan quando luego dixiste
Que su mal era de amores.*

106

Alexo. 9

*Sea pues lo que se fuere
Coraçon mio engañado,
Que este soberuio cuydado
Todo lo que quiere, quiere.*

107

Pelayo.

M 4

No

As Obras de

No se puede mas burlar,
Que a la fé q̃ no es buẽ juego
Vamos a buscar vn Crego,
Que lo venga a esconjurar.

108

Alexo. 10

Aquel cuydado, q̃ en medio
De mi pecho el alma abrio,
A quantos males me dio,
No me dio solo vn remedio.

109

Anton.

Hablò contigo, o con quien,
No ves que dixo el zagal,
Ansise quexa del mal
Que me semeja que es bien.

110

Iuan.

Mirana a la clara fuente,
Que tan hermosa en la peña
Bua, del alco despeña,
Allà te espero pariente.

111

Toribio.

Yo tambien allà me iré,
Que nunca tene tal sed,

Sino la mato, sabed
Que muerto della seré.

112

Pelayo.

Tu tambien corres Anton,
No ves la priessa que llena.

Anton.

No me ternan que no beua
Quantos en el mundo son.

113

Pelayo.

Ques esto? miedo he q̃ ciegue
De sed, antes de buer,
No hago sino correr,
Y no sé quando allà llegue.

114

Encantados.

Anton.

Viste jurar Violante,
Viste, que fue por demas,
Como quieres tu que cante,
O rios bolued atras,
Vos montes id adelante.

115

Toribio.

El bosque arde al rededor,

Tira

*Tirã Amor tiros a pares,
Piedad, piedad! señor,
Quãdo mas crueldad pẽsares
Miembrete que eres Amor.*

116

Pelayo.

*Por estos buenos abrigos,
Ay que zagala, Leonor,
Son me los ojos testigos,*

*Biua, reyne, y venca Amor;
Y mueran sus enemigos.*

117

Iuan.

*Fuerte ceguedad estraña;
Que nos a todos destruye,
Vemos que es incierta, y vana
Vemos que la vida huye,
Y andamos de oy en mañana.*

A NVNALVEREZ

PEREIRA.

EGLOGA OITAVA.

BASTO.

I

<i>P</i> ollas ribeiras de hũs rios	<i>E</i> porq̃ eu tambẽ me afasto
<i>Por onde cantão as aues,</i>	<i>Do pouo que me nam reja,</i>
<i>Por entre bosques sombrios,</i>	<i>E tras si me leue a rasto,</i>
<i>Depois de contos mais graues</i>	<i>Vede do tempo em que gasto</i>
<i>Ouvi destes mais baldios.</i>	<i>O que me às vezes sobeja.</i>

M. S.

Em

2

Emquãto hũ joga, outro caça
 Outro dorme, outro trafega
 Outro murmura na praça,
 E co mal deste se rega,
 E co bem de outro embaça.
 Hum de si se preza tanto
 Que sô cuida q̃ enche as festas
 Outro sospira, & faz pranto
 Co a natureza entretanto,
 Fallemos pollas florestas.

3

Grande final de faude
 He ter tudo a parte posto,
 Olho sômente à virtude,
 Ledo, ou triste, o mesmo rosto,
 Que nam ha quẽ volo mude.
 Por demais tudo aporfia,
 Cum peito tam liure, & sam,
 Que tomou tam certa guia,
 Daqui nasce a presunçam,
 Cuidam que da fidalguia.

4

A virtude he paga igual
 De si mesma sem mais troca,
 Mas tratemos ora d'al,
 Sabese, que vos nam troca,
 O bem, nem menos o mal.
 Quem sabe por onde vay
 Leua sua conta feita,
 Nunca do caminho say,
 Nam olha a quẽ diz tomay
 A esquerda, ou â direita.

5

Ambos nos temos à banda
 De Gil, que ahi vos enuio,
 Por onde a menos gẽte anda,
 Eu porei nam aperfio,
 q̃ a cada hũ seu gosto mada.
 Mas nam faltam cõtendores
 Seja a rezam a que vença,
 Estemse à parte os fauores,
 Ou ni vós os meus pastores,
 Outrem paria a desauença.

PASTORES

DA EGLOGA.

Bicito.

Gil.

Basto.

6

Basto.

Como corre, é como atura
 Quê vay apos o seu gosto,
 Quer por frio, quer quêtura,
 E no suor do seu rosto
 Busca às vezes mã ventura.
 Sem guia, & sem esconjuro
 Cos medos se desafia,
 Só vay afouto, & seguro,
 De noite pollo escuro,
 Por montes hermos de dia.

7

Este appetite que digo
 Quem o desse à mã maleita,
 Que traz mil artes consigo,
 Cuarte delle que respрита
 Por dar daueſſo contigo.
 Rosto ao si, & rosto ao nam
 A fortuna he feia aſſi.

Mal a conhece o vilam,
 Cuidas quã a tens na mam,
 Estãse rindo de ti.

8

Onde quer o demo jaz,
 Para auer de embicar nelle,
 Topey cum Lobo roaz,
 Fyyme cos meus cães traselle
 Tue de fadiga aſſaz,
 Eis que tras põe, eis q̃ aſſoma,
 Desfaziamme correndo,
 Toma aqui cão, alli toma,
 Cego da porfia, em soma
 Fyyme tras põdo, & perdẽdo.

9

Isto, a quem nam acontece?
 Seja porem na mã ora,
 O tempo desaparece,
 Estamse rindo os de fora
 A nòs nam no lo parece.

A coro.

A correr, & dar à choca,
Este desafia mil,
Vende aquelle, cõpra, è troca,
Outro traz graças na boca,
D'outro falla o Arrabil.

10

Cuida, que as namora todas,
Hũ foy quẽ ~~ele~~ ^{se} ~~foy~~ ^{foi} fermoso
Vaise às festas, vaise às bodas
Tenho me eu co dadiuoso
q̃ vnta o carro, andã as rodas
Grãdes cousas capa em colo
Conta (se ellas assi sam)

Que me dam volta ao miolo
Deue de me ter por telo,
Eu a elle porque nã?

11

Como Lontra, jaz no rio,
Hũ que o seu gado mal passa,
Elle pesca, ora com fio,
Com cana ora, ora cõ nasss,
O outro anda sempre em cio.
Outro resfriada a chama
Parte, è deixa a mulher noua
Dando voltas pella cama,
E por neue, & pella lama,

Corre cos seus cães à proua.

12

Vay assi já ha muitos dias,
Que nã torna atraz ningũ
Bebemos das bem querias
Que cada hum consigo tem,
Damos dessas rezões frias.
O bom Gil sendo mais moço
Xuinta da terra correra,
Vêdo hũ, vêdo outro aluoroço
Co seu fardel ao pescoco
A ser pastor se acolhera.

13

Orá elle, assi pastor sendo,
Se primeiro andara mal,
Foy apalpando, foy vendo
Entre nós, q̃ era outro tal.
Tambem se foy delambendo,
Hũa vez lama, outra pò,
Sempre homẽ anda achacado
Deu inda mais outro voo,
Por melhor ouue andar só,
Que assi mal acompanhado.

14

Era grande amigo seu
Bieito, & vendo a mania

Con-

Configo hum dia lá deu,
 Tiueram grande porfia,
 Hum rezões deu, outro deu.
 Não hà quẽ senam deffenda
 A pareceres alheos,
 Antes dez quedas q̃ emẽda,
 Contaruos ey da contenda
 Sem meter verfos nos meos.

15

Bieito.

Que he isto Gil, que así triste
 Te nos fez este anno Abril,
 Não sey que demo tuuiste,
 Que ja nam pareces Gil,
 Dize onde te nos sumiste.
 Ulo aquelle grande amigo,
 Ulos os bofes lauados

Daquelles do tempo antigo,
 Que o segredo, & o perigo
 Nam nos trazia encubados.

16

Asi tam só te vieste,
 Tornaste forte burram,
 Tantos amigos vendeste
 Por nam sey que, nẽ q̃ nam,
 Que nẽ a mi só o dixeste.

Ora dize se te apraz
 Depois de tanto Sol posto,
 Tal inchaço inda em ti jaz?
 Arrenega o mal que traz,
 Sempre consigo mau rosto.

17

Tu olhas me de traues,
 Parece que a mal o tomas,
 Mas se tu Gil inda este es,
 Nam ey medo que me comas
 Por mais mudado que estes.
 Que inda que certo ajas feito
 Hũa tam forte mudança,
 Que te tem como desfeito,
 Deste nome de Bieito,
 Se quer has de ter lẽbrança.

18

Muytas vezes imagino
 Gil amigo em ti cuidando,
 Na brandura, & bõ ensino,
 Que departias estando
 Duas oras cum menino.
 Olha bem, olha o que fais,
 Tinhas tantos de bons modos
 Cos iguais, & nam iguais,
 Quando estauas bẽ cos mais

Das

Das que em ti fallar a todos.

19

Que se fez do teu cantar?

Ninguém nam cantava assi,

Mas para que he preguntar

Senam, que se fez de ti?

Onde te iremos buscar.

Nam ha ora tanto espaço

Quando Genebra casou

Com Gregorio teu collaço,

Quem teue rosto aos do paço,

Quem tãgeos, & quẽ cantou.

20

Morreote o gado meudo?

Foy hum andaço geral,

Nam se pode lograr tudo,

Virã bem apos o mal,

Sofre, que sofre o sesudo,

Arrenega dos affanhos,

lã os denias ter prouados,

Nã são os males tamanhos,

Se este Março nã foi d'anhos

Outros viram melhorados.

21

Gil.

Seja, amigo meu Bieito

Esta vinda em ora boa,

Eu digo a amigo escolheiro,

Como quem o leite coa,

Que deça limpo ao seu peito.

E respondendo ao que dizes,

Vez me far del, & cajado,

Bom final he que às perdizes

Nam vou armando boyzes,

Ando apos este meu gado.

22

Espreito, andando, o que quer

Parece que folga mais

Por agora de pacer

Por esses andorriais,

Faça como lhe aprouuer,

Que por certo homem dirã

Nas cousas q̃ nã são certas,

Ex nos câ, & ex nos là,

As vezes no pior se dà,

As vezes tambem acertas.

23

O mais, que peza, ou que val,

(A nos paricenos muito)

Diz Toribio, & diz Pascoal,

Palauras vãs, & sem fruto,

As vezes inda sem sal.

Quan-

Quãdo a bibora no ár morde
 Por mais peçonha que traga,
 Nã temas q̃ i che, ou q̃ egorde
 Nam ajas medo que acorde
 Bradando polla triaga.

24

Ves tu cousa, q̃ estê queda?
 Ora he noite, ora amanhece,
 Ora corre hũa moeda,
 Ora outra, tudo enuelhece,
 Tudo tem no cabo a queda.
 Nas Villas hũ baylo dançam
 Em que todos ao som andam,
 Hũs cà, outros là se lançam,
 Como o cãger nã alcançam,
 Mais pés, nẽ braços nã mã

25

(dam.

Do sangue, & leite empollado
 O Bezerrinho viçoso
 Corre, & salta pollo prado,
 Depois laura preguiçoso,
 Tira o seu carro cansado.
 Cos dias, & co trabalho
 O brincar dantes lhe esq̃ce,
 Nam he já, o q̃ era almalho,
 Cortese, leuese ao calho,

O boy velho que enfraquece.

26

Bieito.

No começo os erros tem
 Bom remedio, ao diante
 Tem o mao, senam vas bem,
 Pior iras mais auante,
 Torna atras que te conuem.
 Nam o tenhas por amigo
 Quẽ te anda sêpre à vôrade,
 Dissimulando cõtigo,
 Lembrete do dito antigo,
 Que enfada muito a ver dade.

27

Mal vay, quẽ sêpre empeora,
 E quẽ lingoa a dos pastores,
 Hũ olho ri, outro chora,
 Vê hũ diz, que sam amores,
 Outro diz, q̃ he mal de fora.
 Hum se troce, o outro diz
 He mao jôgo este das linguas
 Ou tal fiz, ou tal nam fiz,
 A cada canto hum juiz,
 Vêse em tâto à praça as mir

28

(goas.

Gil.

As Obras de

O moço q̃ entra em terreiro, E nam toca o chão de leue, Pollo ár voa o pandeiro A toda a festa se atreue, Elle só co seu parceiro. Este tal bayle, este cante, Este seus jogos ordene, Corra, voe, & passe auante, Este volteee, este espante, Este dê penas, & pene.	Mais que corria da fonte. Passouse-me a sede em fim, Que me aq̃lla agoa trouxera E a tal desacordo vim, Que quando torney em mi Grande espaço o sel correrá.
---	--

29

Mas quẽ ja se vem das póras
 Nam acha o que soya em si,
 Comece entrar noutras cōtas
 Ouui já milhor, & vi
 Suar, & passar a frantas.
 Vez o tempo como fuge,
 Corre o dia apos o dia,
 Queres q̃ homẽ nam s'anoje,
 Que me não conheci oje
 Nãa fonte em que bebia.

30

E porque tudo te conte
 De quanto me aconteeço,
 Quando me tal vi defronte
 Dos olhos agoa correo

31

Bieito.

Come de toda a vianda,
 Nam andes nesses entejos,
 Nam sejas tã vindo á banda
 Temte ás voltas cos desejos,
 Anda por onde o carro anda.
 Vez como os m̃ũdos sã feitos,
 Somos muitos, tu só es,
 Poucos sã os satisfeitos,
 Hũ esqueerdo entre os direitos
 Parece que anda ao reuez.

32

Dia de Mayo chaneio
 A quantos agoa alcançou,
 A tantos endou de ceo,
 Ouue hum só que se saluou,
 A si entam lho pareceo.
 Dera vista às sameadas
 Essas que tinha mais perto,

Vio

Vio armar as trouoadas,

Alongou mais as passadas,
Foyse acolhendo ao cuberto.

33

Ao outro dia hũ lhe daua
Paparettes no nariz,
Vinha outro que o escornaua
Hitambem era o juiz
Que de riso se finaua.

Bradava elle homens olhay,
Hiamlhe co dedo ao olho,
Dixe entam, pois assi vay,
Nam creio logo em meu pay
Se me desta agoa nam molho.

34

Apayxonado qual vinha
Achou num charco q̃ farte
O conselho anido o tinha,
Molhouse de toda a parte,
Tomoua como mezinha,
Como o viram là correram,
Hum q̃ salta, outro q̃ crota,
Quantas graças que fizerão,
Logo todos se entenderam,
Eylos vam nũa chacoca.

35

Gil.

Tu sabes que me obrigara
A esta vida de pastor,
Vinha muy corrido á vara,
Cuidey que era ella melhor,
Como quem a nam prouara.
Determinauame já
De andar cõ minhas ouelhas,
A conta sabiome má,
Nas fadas ha câ, & lá
Como bem dizem as velhas.

36

Andey daquem para alem,
Terras vi, & vilugares,
Tudo seus aueſſos tem,
O que nam exprimentares
Nam cuides que o sabes bẽ.
E ás vezes quãdo cuidamos
Que algũa cousa entendemos
A cabra cega jugamos,
Acheyvos câ fortes amos,
Querem que os adoremos.

37

Para as cousas que acõtecem
Quãdo os buscas, ora o sono,
Ora achagues mil te empecẽ,

N

40

As Obras de

Ao trofquiar achas dono,
 Nas preffas nam te conhece.
 Tudo lhes o demo deu,
 Té rezões más que nos dam,
 Quando te hã mister es seu,
 Quando os has mister es teu.
 Que nam tems amos entam.

38

Essa vez que saem à rua
 Estremece toda Aldea,
 Elles bebem, & homem sua,
 Doelhes pouco a dór alhea,
 Querem que nos doa a sua,
 Inda que o dano he em grosso
 Poderao disimular,
 Isto parceiro nam posso,
 O entendimento que he nosso
 Não no lo querem deixar.

39

Pollo qual co meu fardel
 Fogi das vossas Aldeas,
 Não trago nos beiços mel,
 Que não sou cresta colmeas,
 Nem posso ser ministrel.
 A saudade não se estrece,
 Mas cabiome hum coração

Em sorte que muito empece,
 q̃ outro senhor não conhece,
 Saluo justiça, & rezão.

40

Então queixome a ti logo,
 Que em casos q̃ acontecerão
 Vime por elles no fogo,
 Bradei, & não me valerão
 Brados, queixumes, nẽ rogo,
 Assim me sahi, meu quedo,
 E quedo, & farà hum dia,
 O q̃ outro não fez, é ey medo
 De ver mór vingança cedo
 Do que jágora queriz.

41

Bicito.

Trouxesteme ora à lembrança
 Aquelle amigo foão,
 Que ao tempo dessa mudança
 Tua, foyte assi à mão,
 Como a quẽ os dados lança.
 E lembrame ora bem tudo,
 (Que era eu hi no tal ensejo)
 Inda que então me fiz mudo,
 Falante como sesudo,
 Parece me ora que o vejo.

Seja

42

Seja (disse elle) em boa ora,
 Que eu tãbẽ entre este gado,
 Fazendo contas cada ora,
 Cada ora me acho enganado
 Desta esperança trédora.
 E dirte ey que me acontece
 Quando neste valle estou,
 Qualquer outro que aparece
 Muito melhor me parece,
 Não he assi quando là vou.

43

Assi disse aquelle amigo,
 Agora digo eu que ey medo,
 Quando debates contigo
 Que te estẽ mostrãdo ao dedo
 Gomez, Gonçalo, & Rodrigo.
 Nã qiras ir muito ao fundo,
 Inda que ora tanto encẽdas,
 Nesta só rezaõ me fundo,
 Não has de emẽdar o mũdo
 Por mais rezões q̃ despendas.

44

Perigosa he a dianteira,
 Deixa ir diãte os mais velhos
 Com a paixãõ rençoeira,

Nunca ajas os teus conselhos
 Sempre foy má conselheira.
 Quem consigo traz rancor,
 E em espreita anda do mal,
 Nunca lhe falece dór,
 Mas se o bem igual não for,
 Seja o coraçãõ igual.

45

Gil.

Se cos teus olhos não vejo,
 Nem ouço cos teus ouvidos,
 Todo o debate he sobejo,
 Regeste por teus sentidos,
 Tãbem pollos meus me rejo.
 Comes tubaras da terra,
 Eu não nas posso comer,
 Nem hũ, nẽ outro não erra,
 Pera que he sobre isto guerra
 Come o que te bem souber.

46

Não digo que cada hũ faça,
 Quanto lhe à vontade vem,
 Que essa seria má graça,
 Mas entendo o saber bem
 Do que se vende na praça.
 Porque o tempo fez aballo,

N 2

E

*E somos em forte ensejo,
Inda leuanto outro vallo,
Que nos doentes nam fallo
A quem mata o seu desejo.*

47

*Bem vejo que a verdade era
Ir pollo fio da gente,
Cos muitos te respondera,
E o amigo, e o parente
Que murmurar não tiuera.
Porem assi sò nam minto,
Nam finjo, nam lisongeo,
Se sou farto, ou sou faminto,
Que mau he? o meu destinto
Antes seguir, que o alheo.*

48

*Vou fugindo às armadilhas
Que vi com manha esconder,
Nam qro ouuir maravilhas
As vezes muy más de crer.
Da má mãy nasce mãs filhas
Querẽ q homẽ ouça, e crea,
Nã ja eu, crea o nosso loane,
Crea o baboso d' Aldea,
Que tras sèpre a boca cheia
Das filhas de Dom Belerane.*

49

*Olha se a rezam con crude?
Es doente, teu pay nam,
Digo outro tal da virtude
Polla ventura es tu sam,
Porque teu pay tem saude?
Nãõ, q cūpre outra mezinha
Olhe cada hum por si,
O bem nam he como tinha,
Nam se pega tam asinha,
O mal pode ser que si.*

50

*Leme primeiro outra lenda,
Deixaramte os teus passados
Dogado, e vinhas de renda,
Olha que andaõ mesturados
Os encargos co a fazenda.
Cūpre a cada hũ que arribe,
Por si se deseja a honra,
Nam dizer bons donos tiue,
Que quẽ como elles nam viue
Tanto mais sua deshonra.*

51

Bicito.

*Pois contigo a rezam val,
Vejamos qual mais conjũta,*

Olha:

Olha, q̃ todo animal (jũta
Fraco, ou forte aos seus se a-
Por destinto natural.

As pōbas andam em bandas
Alcosvam os groues em haz,

Estas andorinhas brandas

Naõ querem de nōs viandas

Querem companhia, & paz.

52

Toma exemplo no teu faco,

q̃ o trazes junto em rebanho

Naõ rez, & rez polo mato,

Tê o carneiro tamanho

Se atras fica he lambeato.

E inda ham mister mastins,

Inda funda, & cajado haõ,

Que a estes lobos roins

Que decem doutros confins

Te ajudem assentar a maõ.

53

Eu vija sobre isto apostas,

Contase do Elefante,

O que tras a torre às costas

Que ha mister quẽ o leuante

Se dà consigo de costas.

Senaõ fosse essa prestança

Da falla, é rezaõ do homem,

Por forças elle que alcança,

Mister ha fazer liança,

Senaõ maos bichos o comem.

54

E nesta aliança tal

Que te digo, inda naõ mero

Saluante a do meu igual

Dos outros nã me entremeto

Mas fique dito em gé al.

Como no mundo apontamos,

Tanto que em terra cabimos

Do chorar nos ajudamos

Socorro, & ajuda pedimos,

Nós sōs pera que prestamos?

55

Fuyme hum dia à Villa, Gil,

E logo ao sayr de casa

Mais verde que hũ perrexil,

Cuidey que matava a brasa

De galante, & de gentil.

Bem passsey cos viandantes,

Mas depois, quando là cheas

Viruas doutros galantes,

Se eu viera ṽfano dantes,

Naõ torney tal às Aldeas.

56

Dezia hũ vendome assi
Bom vay o do barretinho
Nunca o tam figadalvi,
Chamauãme outros ratinho,
Hũs assi, outros assi,
Finalmente por acerto,
Vi algũs nossos de cà,
Deixeyos chegar mais perto,
Metime entrelles por certo,
Que tarde me colhem là.

57

Hum bacorote orgulloso
Deu vista ao gado ouelhum,
De quexiquer espantoso,
Trombejava elle hũ, & hum
Andava todo brauoso.
Vẽ hum dia o lobo, & apanha
Pella cabeça o doudete,
Abrazaulhe aqlla sanha,
Brada, â dos meus, ẽ tamanã
Pressa, ninguem arremete.

58

Vinham os porcos d' Aldea
Mais atras, grunhir ouuivã
Hũ escuma, outro esbrauea,

Estes si, que lhe acodiram,
Perdeo o lobo a sua cea,
Elle selto vio que ogado
Da lã branca estava olhãdo
De longe, inda amedrentado,
Antes (disse) ser mandado,
Que ẽ tal perigo, tal mando.

59

Gil.

Fallasme nos animaes,
Aquẽ nõs brutos chamamos
Que guardam leys naturais,
nos outros nãnas guardamos
A isso obrigados mais.
Estes homẽs cõ quem tratam
Homẽs nã, mas leõis brauos,
Por força tudo rematam,
Os leõis nam se resgatam,
Nem se vendem por escrauos.

60

Para q mandem, nem rejam
Nam vam as agoas tingidas
De seu sangue, se pelejam,
Nam alçam forcas esguidas
Em q às Aues mãjar seja n.
Nam tem repartida a terra

Por

Por marcos tam desiguaes,
 Por sãgue, por fogo, è guerra
 Cõ q̃ hũ tem de serra a serra
 Outro nada, ou dous tojais.

61

He cousa para espantar
 Da ley q̃ entre si tem gralhas
 Que vendo a hũa queixar,
 Decem corrêdo em batalhas
 Matamse polla salvar.

Ora te direy assi,
 Quem diz o q̃ vio, nã mente,
 Guarda de imbicar aqui,
 Que veras passar por ti
 O amigo, & o parente.

62

Quem nunca ouuio hũ risão
 Mais corrente, è mais vsado,
 Que he darem todos de mão,
 Quantos vem, è quantos vam
 Ao carro q̃ està encornado.
 Fallo, perem em gêral,
 Que alma, dizêdo, isto afrota
 Nam quero que cuides al,
 Amigos do meu sinal,
 Nam vam elles nesta conta.

63

Muitos dos vaos apalpey,
 Aos trabalhos me despuz,
 Desque cuidey, & cuidey
 Dixe comigo, ora sus,
 Se erros fiz, erros paguey.
 Cuida homem, q̃ bem escolhe,
 As singellas sô consigo,
 Eu nam sey, porq̃ se tolhe
 O fugir a quem se acolhe
 Donde vem certo o perigo.

64

Andando sô nã me empecê
 Maos olhos, nẽ mãs palauras
 Nã me empecem se engafecê,
 Por outros fatos as cabras,
 Curoas quando me adoecem.
 Porque tudo diga em soma,
 Nam ey medo q̃ o cabrito,
 Me furte o vezinho, è coma,
 Aqui se a paixão me toma,
 Posso bândar voz em grito.

65

Que me nam ouça ninguem
 Sõmente as Aues, que tais
 Duas auentagens tem

Deſſes outros animais
Voar, & cantar tambem,
Ou o ſom dagoa que cae
Rompendo pollos penedos
Dece ao fundo, ao alto ſae,
Ella á grande preſſa vay,
Elles para ſempre quedos.

66

Ves tu a minha cabana?
Se o tempo ſe muda aſſi
a mudo eu. Guio mar, nã Ana
Nã daõ voltas por aqui
Mais leues, q̃ ao vento cana.
Cantando dos ſeus ſolaos
Que me façaõ merecer
Muitos deſtes varapaos,
Com ſeus olhos vaganaos,
Bons de dar, bons de colher.

67

Deixame ver eſte Ceo,
E o Sol em que vay tal lume,
Que a viſta nunca ſofreo,
A quillo he uſo, & cuſtume,
Que tantos tempos correo.
Que claridade ramanha,
Que fogo nelle appareſce,

Quanto rayo o acompanha
Dizem q̃ o mar de Eſpanha
Ferue quando nelle dece.

68

Cobreſe logo de eſtrellas
Tudo quanto delle vemos,
Nascem dellas, põeſe dellas,
Olhamos, mas q̃ entendemos,
Nã da Lũa, q̃ eſtã entrellas,
Que ſe renoua, & reueza,
Ora em ſio, ora em creſcente,
Ora em ſua redondeza,
Cada mes com que certeza
Semelha a da noſſa gente.

69

Do mais, dizia Paſcoal,
Sabes que he o q̃ nos come,
Sãõ mimos, que nãõ he al,
Onde quer ſe mata a fome,
Matamſe appetites mal.
Pollo Sol, & polla neu
Natureza a grande madre,
Que em fim tambẽ na lo deue
A tudo acudir ſe atreu,
Por mais que eſte vëto ladre.

70

Do que ao meu gado sobeja,
 Vou viuendo anno por anno
 Pouco, ou muito, q̃ elle seja
 A ninguem não faço dano
 q̃ não se ha do pouco enueja.
 Parece a vida em verdade

Dos mastins gado, & pastor,
 Como de communidade,
 Com tal fome, & friallade,
 Tudo pode, é manda Amor.

71

Leuo o meu gado, elle siga,
 Que inda são mais ãbarços
 Dos que eu quizera comigo,
 Passey por tantos dos laços
 Que olhar sómente he perigo.
 No meu samarrão metido,
 Que mais quero? sou pastor,
 Cà nunca chega apellido
 De fogo, nem de arroydo,
 Mal se for, mal senão for.

72

Aqui por estes abrigos
 (Os mais debates deixemos)
 Virmeão ver os meus amigos
 Ao Sol nos estenderemos,

Fallando em tempos antigos,
 E depois dos meses mil
 Quisões q̃ inda dira alguem
 Olhando este meu couil,
 Por aqui cantava Gil
 Sem queixia de ninguem.

73

Quando tudo era fallante
 Pascia o ceruo hũ bõ prado,
 Hiveo hum cauallo andante
 Quis comer algum bocado
 Posselhe o ceruo diante.
 Outra vezão não lhe deu,
 (Que eraõ pacigos g'erais)
 Saluo posso, é quero, he meu,
 Este meu, & este teu
 Tanto ha ja que nos fez tais.

74

Vendo tão pouca prestança
 O cauallo dantes forro
 Com desejo de vingança,
 Pedindo ao homem socorro
 Por terra a seus pés se lança.
 Não pode à justa querella
 Deixar de se pôr no meyo,
 Mas foy necessaria a sella;

N 5

Pos-

Poslha, & fez se forte nell'a,
Toma a redea, proua o freo.

75

Assi dam volta ao inimigo,
O cerno, quando tal vio,
Homem ao cauallo amigo,
Deixoulhe o campo, & fogio
Foy buscar outro pacigo.
O cauallo vencer

Corre o verde, & corre o seco,
Fora, fora o contendor,
Ficoulhe porem senhor
Nã foy tato o outro enxeco.

76

Quẽ ha tal medo à pobreza,
Tal á fome, & frialdade,
Que por ouro, é por riqueza,
Dã a só rica liberdade,
E mais outrẽ que assi preza.
Se lhe vês herdades largas,
Não lhe aja enueja à troca,
q̃ embaraça as roupas largas
Faz sangue o freo na boca,
As esporas nas ilhargas.

77

Mas já ves como o Sol anda,

Amigo he tarde, folga ora,
Deixemos esta demanda

Mal auinda para outra ora
A cea será mais branda.

Com dos peixinhos passaras
Uorio, nam dalmocreues,
Que as villas fazem tã caras,
Beberas nas fontes claras,
Sonharas sonhos mais leues.

78

Bicito.

Voluesme as cousas do enues,
Ques por força que te crea,
O que tu quicais nam cres,
O coraçam he n' Aldea
La me ham de leuar os pés.
E tu dize o que quiseres,
Troce cá, & troce lá,
Deffende tens pareceres,
Mas onde hi nã ha molheres
Uida, nem gosto nam ha.

79

Aquella grãciosa idade
O parecer, que nos furta,
Com tanta força a vontade,
Que tanto o iuyzo encurta,

Nam

Nam he de todo vaydade.
 Suspiraste, hora eu te entẽdo,
 Nõs nos veremos despois,
 Por ora a Deos te encomẽdo.

Gil.

Nam te quero estar detendo.

Bieito. (bois.

Vou me, q̃ he tarde, aos meus

80

Basto.

Contouse isto, polla terra
 Em juntas d'ouros pastores
 Ex logo hũ, logo outro afferra
 Sobre quais rezões melhores
 Deu, quẽ acerta, ou quẽ erra.
 Porem li lo o Calendario,
 Visto tudo, & contas feitas,
 Fica affentado em Sũmario,
 Gil por homem voluntario,
 Homem Bieito às direitas.

A EL REY DOM IOAM TERCEIRO.

CARTA I.

¹
Rey de muitos Reys se hũ
 Se hũa ora só mal me acreuo
 Ocuparuo, mal faria,
 E ao bem cõmun nam teria
 Os respeitos que ter deuo.

²

Que ẽ outras partes da sphaera

(dia

Em outros Ceos differentes,
 Que Deos tẽgora escondera.
 Tanta multidam de gentes
 Vossos mandados espera.

³

Que sois vos tal, qu'elles sós,
 Iusto, & poderoso Rey,
 Ou lhes desdais os seus nõs,

Om

Ou cortais, porque entre nós
Vós sois nossa vira ley.

4

Onde há homens hà cobiça,
Cà, & lá tudo ella empeça,
Se a sancta, se a igual justiça
Não corta, ou nã dessempeça
O que a mã malicia enlica.

5

Señor que he muito atreuída
E onde ella nós cegos deu
Cortar he cousa deuída,
Exemplo o jugo de Mida
Que el Rey vossó auó fez seu.

6

Ora eu que respeito auendo
Ao tempo mais q̃ ao estillo,
Irey fugindo ao que entendo,
Farey como os cães do Nilo,
Que correm, é vão bebendo.

7

† A dignidade real
Que o mundo a direito tem,
Sem ella tersehia mal,
He sagrada, & não leal,
Quê limpo ante ella não vê.

8

Não fallemos nos tyrãos,
Fallemos nos Reys vngidos,
Remedeão nossos dânos,
Socorrem os affligidos,
Cortão pollos maos enganos.

9

As vossas vellas, que vão
Dando quasi ao mundo volta
Raramente contarão,
Gente doutro algũ Rey solta,
Sem cabeça o corpo he vão.

10

Dignidade alta, & suprema
Quê hà que a não reconheça
Viose é Marçõ Antonio Thema
De pôr real diadema
A Cesar sobre a cabeça.

11

Que o nome de Emperador
D'antes a Cesar se dera,
Sem sospeita, & sem temor,
q̃ inda então muito mais era
Ser Consul, ser Dictador.

12

Hum Rey ao Reyno conuem,
Ve-

Vemos, que alumia o mundo
Hum Sol, hũ Deos o sostem,
Certa a queda, & o fim tem,
O Reyno onde à Rey segũdo.

13

Nam ao sabor das orelhas,
Arẽga estudada, è branda,
A bastão as rezões velhas,
A cabeça os mēbros manda,
Sen Rey seguem as abelhas.

14

A tempo o bom Rey perdoa,
A tempo o ferro he mezinha
Forças, & condição boa,
Derão ao Lião coroa.
Da sua grey montezinha.

15

As aues, tamanho bando
Dontra liga, & doutra ley,
Por vencer todas voando,
Aguia foy dada por Rey,
q̃ o Sol claro atura olhando.

16

Quanto que sempre guardou
Dauid, lealdade, & fẽ,
A Saul, quanto o chorou,

Quanta maldição lançon
Aos montes de Gelboe.

17

Onde cayra o escudo
Do seu Rey inda que imigo,
Inda que ja mal se sudo
Sayndo de tal perigo,
E subindo a mandar tudo.

18

O senhor da natureza
De quem Ceo, è terra he chea,
Vindo a esta nossa baixeza
Do Real sangue se preza:
Por Rey na Cruz se nomea.

19

Sobre obrigações tamanhas
Valemse com tudo os Reys,
Dos rostros falsos das mãas
Com que lhe querẽ das leys
Fazer teas das aranhas.

20

Que senão pode fazer,
Por arte, por força, ou graça,
Saluo o que a justiça quer,
Senhor não chamã o poder,
Saluo ao q̃ lhes val na praça.

E per

As Obras de

21

E por muito q os Reys olhem
Vaõ por fora mil inchaços,
Que ante vós seõor se encolhe
D'us Gigâtes de cem braços
Cõ que daõ, é cõ que tohem.

22

Quê graça âte el Rey alcâça,
E hi falla o que naõ deue,
Mal grãde da mã priuãça
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra beue.

23

Quê joga onde engano vay,
Em vaõ corre, é torna atras,
Em vaõ sobre a face cay,
Mal ajaõ as manhas mãs
Donde tanto engano say.

24

Homem de hum só parecer,
D'hu só rosto, hũa só fé,
D'antes quebrar, que torcer
(Elle tudo pode ser)

Mas de corte homem nã hé.

25

Gracejar ouço de câ

De quem vay inteiro, & saõ,
Nem se contrafaz m ais là
Como este vem aldeauõ,
Que cõtesaõ tornarà.

26

As sanctidades da praça,
Aquelles rostros cristonhos,
Cos quais este, é aquelle caça,
Pera Deos senhor he graça,
Pera nòs tudo saõ sonhos.

27

E os discursos que fazemos,
Pode ser, nã o pode ser,
Mais diante o entenderemos
Agora mortos por ver,
Então todos nos veremos.

28

Senhor, eyvos de fallar,
(Vossa mãsidão me esforça)
(Laro o que posso alcançar,
Andão pera vos tomar,
Por manhas, q nã por força.

29

Por mina trazem suas azes
Os rostros de tintureitos,
Falsas guerras, falsas pazes,

De

De fora mansos cordeiros,
De dentro Lobos roazes.

30

Tudo seu remedio tem, **†**
E que assi bem o sabeis,
E ao remedio tambem,
Quereylos conhecer bem,
No fruto os conhecereis.

31

Obras, que palauras não,
Porem senhor, somos muitos,
E entre tanta multidão,
Tresmalhãose vos os fructos,
Que não sabeis cujos são.

32

Hũ que por outro se vende,
Lança a pedra, é a mã escõde
O d'anno ao lōge se estende
A q̃lle a quem doe q̃ entende
Com só sospiros responde.

33

A vida desaparece,
E entre tanto geme, & jaz,
O que cahio, & acontece,
Que dum mal que se lhe faz,
Outro mōr se lhe recrece.

34

Pena, & galardão igual,
O mundo a direito tem,
A hũa regra gèral,
Que a pena se deue ao mal,
E o galardão ao bem.

35

Se algũa ora aconteeceo
na paz muito maisna guerra
Que a balança mais pendee,
Faz se ègano às leys da terra
Nunca se faz as do Ceo.

36

Entre os Lombardos auia
Ley escripta, & ley vsada,
Como se sabe oje em dia,
Que onde a proua falecia
Que o prouasse a espada.

37

Alli no campo às singellas,
Em fim morrer, ou vencer,
Fosse qual quisesse dellas,
Não era milhor morrer
A ferro, que de cautellas.

38

Ao nosso alio, & excellente
Dom Denis Rey tã louuado,

Tao

As Obras de

Tão justo, a Deos tão cemente E inimigos claros diante.
Falsa, & maliciosamente, 43
Foy grande aleyue assacado. Em fim vêdo a indústria, é arte

39
Elle posto em tal perigo,
Rey que Reys fez, & desfez
Contra o malicioso imigo,
Foylhe forçado esta vez
Chamar-se a esta ley que digo. Quanto que podem chamou,
Hum leal Conde de parte,
Só co elle se apartou
Foy viuer a melhor parte.

40
E juntamente às Cidades
A quem cumpro de acudir,
Pollas suas lealdades,
Que tão mãs são as verdades
As vezes de descobrir. 44
Onde tudo he certo, & claro,
Onde sam sempre hũas leys,
Principe no mundo raro,
Sobre tanto desamparo
Forão tres seus filhos Reys.

41
Neste tempo quem mal cae,
Mal jaz, & dizem que à luz
Por tempo a verdade sae,
Entretanto poem na Cruz
O justo, o ladrão se vae. 45
O senhor quantos suores
Passa o corpo, & alma é vão,
Em poder denuoluedores,
Em fim barallas, que sam?
Saluo desafios mōres.

42
Da mesma casa Real,
Em verdade hũ grãde lffate
Tratado as escuras mal,
Bradava por campo igual, 46
Co a mão sobre hum ouvido,
Ouvia Alexãdre as partes
Como quem tinha entendido,
Por fazer certo o fingido,
Quãtas q se buscão d'artes.
47

Guardava elle o outro ãtiro
A parte não inda ouvida,
Não vay nada ã ser primeiro
Quem muito sabe duvida,
Sò Deos he overdadeiro.

48

A tudo dam novas cores
Com que enleam os sentidos,
Ha mãos, ha enlicadores,
Ante os Reys vossos senhores
Andais cõ rostros fingidos.

49

Contais, gabais, estendeis
Serviços, & lealdades,
Olhay que não nos daneis,
Fallay em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

50

Senhor, nosso padre Adam
Peccou, chamou o juiz,
Tenha que dizer, ou não,
Hi sua fraca rezão
Porem liuremente diz.

51

Sempre foy, sempre ha de ser,
Que onde hũa só parte falla,

Que a outra aja de gemer;
Se hum jogo a todos ignala,
As leys que deuem fazer?

52

Uidas, & honras guardais,
Debaixo de vosso emparo,
De estranhos, & naturais,
Sospiram, não podem mais,
E ás vezes não muito claro.

53

Tambem apos aquella arde +
A cobica da fazenda,
Por mais q se velle, é guarde,
Tinha ella melhor emenda
Senão fosse mal, & tarde.

54

Céralmêre he presumptuosa
Espanha, & disso se preza,
Gente ousada, & bellicosa,
Culpamna de cobicosa,
Tudo sabe vossa alteza.

55

Pensamentos nunca cheos
Nã tem fundo aquelles sacos
Inda mal, porque tem meos
Para viuer dos mais fracos,

O

E

E dos suores alheos.

56

Que eu vejo nos pouoados
Muitos dos salteadores,
Cō nome, é vōstro de hōrados
Andar quentes, é furrados
Das pelles dos lauradores.

57

E senhor não me creais
Se as não achão mais finas,
Que as de lobos cernuais,
Que arminhos q̃ zebelinas
Custão menos, cobrem mais.

58

Ah senhor que vos direy
Que acode mais vōto às vellas
Nunca se descuide o Rey,
Que inda não he feita a ley,
Ja lhe são feitas cautellas.

59

Então tristes das mulheres,
Tristes dos orfaõs coyados,
E a pobreza dos Mesteres,
Que nem fallar sam oufados
Diante os mōres poderes.

60

Os quais quem os assi quer,
Quem os negoea assi,
Que fará quando os tiuer;
Nossos ouuerão de ser,
Tomaramnos para si.

61

Ora ja que as consciencias
O tempo as leuou consigo,
Venhamos às penirencias,
Senhor se eu vira castigo
Boas sam as residencias.

62

Mas eu vejo cà na Aldea
Nos enterros abastados,
Muito padre que passei,
Em fim, ventre, & bolsa cheia
Absoltos de seus peccados.

63

Se se hão de reconciliar
Hũs cos outros tẽ seu trato,
Bastalhes só ascenar,
Não nos fazem tão barão
Ao tempo do confessar.

64

Senhor esta vossa vara
Em quais mãos anda, tal he;

A boa he Aue muy rara, Doncor que interpreta mal.
 Sabey que esta nũca he cara.

69

Que seja muita a merce.

65

Liure de toda a cobicia.

A Deos temente, e avós,
 Sem respeito, é sem preguiça,
 Vara direita sem noos,
 Se quereis que aja hi justiça.

66

Tomay senhor o conselho
 Do bõ Geshro ao gẽro amigo,
 He verdade, he Evangelhos.
 (Como disse aquelle velho)
 Hamilmente assi vos digo.

67

Que estas leys Iustinianas,
 Senão ha quem as bem reja,
 Fora de paixões humanas,
 Sam hum campo de peleja
 Cõ rezões francas, e vfanas.

68

Morre o nobre Conradino
 Co parceiro em tudo igual,
 Cada hũ de tal morte indino
 Pello pesado, ou malino

Diz o Texto? O sangue cesse
 Por batalla a guerra finda,
 Vẽ com grossa, outro interesse,
 Diz q ande o cutelo, ainda
 Que e prisa certo o tiueſſa.

70

Mas senhor melhor o temos
 Sendo vós o que mandais,
 Todos nos renolueremos,
 Os que tanto não podemos,
 E aquelles que podem mais.

71

Quem por Amor se encadea
 Nã he nome errado, ou nouo
 Se por liure se nomea
 Nam tem Rey amor de pouo
 Tãto, emquãto o mar rodea.

72

Aqui nam vemos soldados,
 Aqui nam soa atambor,
 Outros Reys, os seus estados
 Guardaõ de armas rodeados
 Vós rodeado de Amor.

73

O 2

Achar

As Obras de

Acharnosham as diuinias
No meo dos corações
Entalhadas vossas quinas,
Estas são as guarnições,
Devós, & dos vossos dignos.

74

Tem na verdade o Frances
A seu Rey amor aceso,
Nam lho nega o Portuguez,
Porem traz guarda Escocoz
Que nam he de pouco peso.

75

O Padre Sancto assi faz,
A quem certo se deuia,
Alzo a ssofsego, alca paz,
Mas tem guarda todavia
Com que vay seguro, & jaz.

76

Que se pode ir mais auante,
Cõ quanto alcãça o sentido
Sẽ ferro, ou fogo que espante,
Cõ duas canas diante,
His amado, & his temido.

77

Hũs sobr'os outros corremos
A morrer por vos com gosto

Grandes testemunhas temos
Cõ que mãos, è com q̃ rosto
Por Deos, è por vòs morremos

78

Outrosi para os reuezes
(Queira Deos q̃ nã relleue)
Em vos tem os Portuguezes
O bom Rey de Athenieses
Codro, q̃ outrẽ alguẽ nã teue.

79

Do vosso nome hũ gram Rey
Neste Reyno Lusitano
Se pos esta mesma ley,
Que diz o seu Pelicano
Polla ley, & polla grey.

80

(bras

Mas eu sou d̃ hũs guarda ca
Que se vão de ponco em ponto
Querem sò duas palauras,
Que dos gados, q̃ das lauras
Depois nam tẽ fim, nẽ conto.

81

Assi que seja aqui fim,
Tornem as praticas vinas,
Perdestes mea ora em mi,
Das que chamão soccessivas,
Estes que sabem Latim.

A A N T O N I O

P E R E I R A S E N H O R

Do Basto.

C A R T A I I.

1
 C O m o e u v i c o r r e r p a r d a o s
 P o r c a b e c e i r a s d e B a s t o ,
 C r e c e r e m c e r c a s , & e m g a s t o
 V i p o r c a m i n h o s t a m m a o s ,
 T a l t r i l h a , é t a m a n h o r a s t o .

2
 N e s s a o r a o s o l h o s e r g u i
 A c a s a a n t i g u a , & â c o r r e ,
 D i z e n d o c o m i g o a s s i ,
 S e n o s D e o s n a m v a l a q u i ,
 P e r i g o s o i m i g o c o r r e .

3
 N ã o m e t e m o d e C a s t e l l a
 O n d e g u e r r a i n d a n ã o s o a ,
 M a s t e m o m e d e L i s b o a
 Q u e a o c h e i r o d e s t a c a n e l l a

3 R e y n o n o s d e s p o u o a .

4
 E q u e a l g u e m b i q u e , & c a y a
 (L o n g e v â o m a o a g o u r o)
 F a l l a n d o p o r e s s a p r a y a ,
 D a s r i q u e z a s d e C a m b a y a ,
 N a r s i n g a , d a s s e r r a s d ' o u r o .

5
 O u u e s V i r i a t o o e s t r a g o
 Q u e c â v a y n o s t e u s c u s t u m e s
 O s l e y t o s , m e s a , & o s l u m e s
 T u d o c h e i r a , e n o l e o s t r a g o ,
 V e m o u t r o s t r a z e p r o f u m e s .

6
 N i s t o o s t r a j o s d o s p a s t o r e s
 C o m q u e s a y s t e â p e l e j a ,
 V e n c e n d o t a i s v e n c e d o r e s ,

São trocados, é aos louvores
Na ha já quẽ te aja enueja.

7

He entrada pollos porcos,
No Reyno clara peçonha,
Sem que remedio se ponha,
Huns doẽtes, outros mortos,
Outro pollas ruas sonha.

8

Fez na começo a pobreza,
Vencer os ventos, & o mar,
Vencer quasi a natureza,
Medo ey de nouo à riqueza,
Que nos torne a cativar.

9

Estas serras, & os penedos,
Vistas, se vos fazem feas,
Là torceis rosto às Aldeas,
Direis dos vinhos azedos
O que já disse Cyneas.

10

A quem nos conuities dado
Aprouar se lhe aprouesse,
Depois nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) enforcado
Que a força assi merecesse.

11

As vozeyras montarias
Derribar Aues que vama,
Cantando inuerno, & veram
Que al he, senam remir dias
Do enfadamento aldeam.

12

Que trabalhosos concertos
Os de villãos mal criados,
Os de villãos mal cubertos,
Os de villãos pouco certos,
Muito desfarrezoados.

13

Direis, & não volo nego,
Porem quereis que vos diga
Este mudo he armado e briga
Nam busqueis nelle a sossogo
Nẽ e hũa alta ermida antiga

14

Mas com tudo ha differenças
Entre os de cá, & os de lá?
Cà nas mais das desauenças
Vos ereis o das sentenças,
Là em baixo oustrem as dâ.

15

Tereis em troca manjares

Com

Composições delicadas
Do ar do paço ajudadas,
E por tempestuosos mares,
Com mil perigos buscadas.

16

Conuities de quem convida
Amostramvos hi suas tēdas
Quāta cousa he alli perdida?
Ceas imigas da vida,
Imigas mais das fazendas.

17

Disto o cheiro, disto a cōr,
Que preço nam tem igual,
Milagres de Portugal,
Cousas de tanto sabor
Todas a saberem mal.

18

Onde se ha de lançar tanto,
Aquillo he pagar o paco,
Em fim quando me leuanto,
Ou cy de morrer despanco,
Ou senam me spanco mato.

19

Que contas vão tam erradas
Enfastia o que sobeja,
Quem come o que não deseja

Soyam ser conuidadas
Vontades, agora he enueja.

20

Entra com vosco a menhã,
He ja dia, e pedis vellas,
Na tal cea cortesaã
Quanta ignaria que ha vaã
Afora a das escudellas.

21

Os bōs conuities antigos,
Antes de se tudo alçar,
Eram para conuersar
Os parentes, e os amigos,
E nam para arrebençar.

22

E de viuer juntamente
Ouueram conuities nome,
Claros aos olhos da gente,
Porque vissem que somente
Alli se mataua a fome.

23

Aquella vana Raynha
Irmam do vil Tholomeu,
Que orico pendente deu,
Prodigamente á cosinha
De hũ grande banquete seu.

O 4

Ven-

As Obras de

24

Vendo tudo ir-se a perder,
Os amigos convidava,
Não já pera os ver comer,
Mas pera juntos morrer
A tal conuíte os chamava.

25

A vossa fonte tam fria
Da barroca é lullo, é Agosto,
Inda me he presente o gosto,
Quão bem que nos hi sabia,
Quanto na mesa era posto.

26

Alli nam mordia a graça
Eraõ iguais os juizes,
Não vinha nada da praça,
Alli da vossa cachaca,
Alli das vossas perdizes.

27

Alli das fructas da terra,
Que tem cada tempo a sua,
Colhida em sazam cada hũa,
Nunca á vista o saber erra,
Nem o nome de nenhũa.

28

O ceas do parayso,

Que nunca o tempo vos vença,
Sem falla trocada, ou riso,
Nem carregadas do fiso,
Nem danadas da licença.

29

Deshi o gosto chamando
A outros môres sabores,
Liamos pollos amores
Do brauo, é furioso Orlando
Enuoltos em tantas flores.

30

Liamos os Affolanos
De Bembo engenho tã raro,
Nestes derradeiros annos,
E os pastores Italianos
Do bom velho Sanazaro.

31

Liamos ao brando Lasso
Com seu amigo Boscão,
Que honrarão a sua nação,
Hiame meu passo a passo,
Aos nossos q' aqui nao vão.

32

Se en isto estimado agora
Vira como dantes era,
Por meu conto auante fora,
Mas

Mas não diz ora com ora,
Vamse como ao fogo cera.

33

Que troca, ver lá Pasquinos
Desta terra cento a cento,
Quem o vee sem sentimento
Tractar os liuros diuinios
Com tal desacatamento.

34

O que senam deue ousar
A lér, se em gielhos não,
(Que graças pera chorar)
Torcem, fazendo fallar
Ao som de sua paixam.

35

Esquecidos do conselho
Podera dizer mandado
Sendoo, porque foy vedado
No sanctissimo Euangelho,
Aos cães não deus o sagrado

36

Almas q̃ sonhando andais
O muito não no troqueis
Por nadas como o trocaís,
As perolas Orientais
Aos porcos nam nas lanceis.

37

lugareis, ó gente cega
Sempre o jogo foy defeso,
Que tem todo o dia preso,
O triste que nelle emprega
O seu tempo todo em peso.

38

E des do grou, cê a folosa
Homens de seiscentas côres,
Só no jogo não tem grossa,
Conuersação perigosa,
Missa d'arrenegadores.

39

Mal sem emenda he o jogo
Entre seus males mayores,
Hũ Rey de grandes lououres
Mandou que pusessem fogo
A casa, e aos jogadores.

40

Das leys antigas imigo,
Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Penas sempre aqui consigo
Uay caminho das eternas.

41

Deixemos mil outros jogos

O s

Que

Que la vā mil outros ratos,
Fazer, desfazer contratos,
Salamandras nos seus fogos
De Herodez para Pilatos.

42

E aquelle grande aluorogo
D'atābor, q̃ a guerra chama
Leua o velho, & leua o moço
E primeiro entra em destroço
Que perca de vista Alfama.

43

O vida dos lauradores
Se elles conhecessem bem,
As auentagens que tem,
Aquelles sanctos suores
Que sanctamente os mantem.

44

Tratando co a madre antiga
Que de quanto em si recebe
Nā entre engano, ou mā liga
Por seu custume se obriga
A pagar mais do que deue.

45

Aquelles mayores nossos
Antigos padres primeiros,
Eram no começo inteiros,

Eram sanctamente grossos
Sẽ mal como os seus cordixos

46

Regidos da natureza,
Nam tanto papel escrito
De q̃ hũ reza, & outro reza,
Tẽ cansarem sem certeza
Donde jaz sōmente o fisco.

47

Foy sem malicia, & sem erro
A boa idade dourada,
Seguiu logo a prateada,
Nā tardou muito a de ferro
Que tudo trouxe à espada.

48

Quanta sombra que aparece
Tapayme a boca co as mãos,
Ora atras, q̃ nam me esquece
Tambem por cā se adoecce,
Uam porem ares mais saõs.

49

Por isso a gentilidade
Que em tudo philosopha,
Ao Deos da saude alcança
Templo fora da Cidade,
Hi por ella se offerta a

E

50

E a quelle Virbio, a quem
Tornara a vida, nã às festas,
Nem à cidade mais vem,
Sempre sô por fora o vem
Caçando pollas florestas.

51

Hi que. encontre cum Liam,
Cum Vſſo. que se erga em pé,
Certo que menos malhe,
Que onde elles tã bastos sam
Que enrelles se durma, ê cee

52

Da couſa, má claramente
Loga. quem a vé se vella,
Chegase a que branda ſente,
Por iſſo a antiga ſerpente
Pintam roſtro de donzella.

53

Quando os antigos alguem
Louuauão, nã de ſenhor,
Nã de rico era o louuor,
Chamauãlhe homem de bem,
E inda bom laurador.

54

A noſſa gente, que quis

Arremedar os louuores

Que agora parecem vyz
Aos bõs Reys Sãcho, é Diniz
Chamauãolhe lauradores.

55

Os valerosos Romanos,
Que hũ tẽpo o mũdo regeram
Donde cuidais q̃ eſcolheram
Cincinatos, & os Serranes,
Que ante ſi ã cãpo puſeram.

56

E aquella ſua grandeza,
q̃ o tẽpo nã quer q̃ moura,
Vemos q̃ a mais da nobreza
Sobre nomes de riqueza
Nã pos antes da lauoura.

57

Inda oje vemos q̃ em França
Viem niſto mais â antiga,
Na villa o villão s'abriga
Onde tem nome de erança
Mantemno a ſua fadiga.

58

Aſcende a fragoa o ferreiro
Ao tempo que o galo canta,
Mor de o couro o çapateiro,

Bra.

Brada co moço rñnceiro,
q̃inda se enuolue na manea.

59

Viue a nobreza por fora
Segura, os desponoados,
Correndo, os Lobos ousados,
Por derredor donde mora
Atãtẽ liure o câpo aos gados.

60

Da mã gente auentureira
Que às escuras tẽ seu trato,
Que possa liure quem queira
Cantando ir de noite à feira,
Ou dormindo no mulato.

61

Bom tempo, quando segura
A cabeça se encostava,
Onde o sono a conuidava,
Contente da cobertura
Tão rica que lhe o Ceo dava.

62

Bebiam dagoa com as mãos
Nas fontes inda em velhice
Melhor que por vasos vãos
Lavava ella os peitos saõs
Antes da gargantoice.

63

Iacob fugindo ao irmão
Que o mal tinha ameaçado,
Pastor ao campo auezado
Passou o rio Iordão
N'ajuda do seu cajado.

64

Como o Sol no mar deceo,
Comeria do fardel,
Dagoa no rio bebeo,
Sobre hũa pedra a dormeceo,
Pos nome ao lugar Bethel.

65

Natureza nos pusera
Como os olhos nos abriu,
Diante tudo o que vio,
Que necessario nos era
De tudo o mais se sorrio.

66

Como? hũa Aue já auezada
A toda a delicadeza,
He melhor a juizada?
Foge à gayola dourada,
Vay buscar a natureza.

67

Hũa desposicam má,

Longa infirmitade, & dôr,
Que de mal vay em peor,
Onde remedio achar â
Se a natureza não for.

68

Cegada minha fadiga,
Que em vã tâtas rezõis gasta
Que fazeis que vos obriga,
Deixar esta madre antiga,
E ir buscar a madrastra.

69

Dos vossos nobres avós
As Cruzes e sangue abertas
Vos poem obrigações certas
Que nãas deixeis câ sós
A ser do musgo cubertas.

70

O que porem não diram,
Em quanto câ tem tal feira,
Como he a d'ũ tal irmão,
Que nã ouue o nome em vã
Do grã Nunalucerez Pereira.

71

Por toda esta grã de Espanha
Eroays, que soyão chamar,

Fez em Pereiras mudar,
Nã do Rey meuro a patraña
Mas vosso antigo solar.

72

Do qual nã ha muitos annos,
Hum que aqui Braga regeo,
Pondo a parte os lōgos panos,
Hum passo dos Castelhanos
A espada deffendeo.

73

Ao Reyno cūpre e todo ille
Ter, a quem o seu mal doa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que he grãde o peso, e cō elle
Mete o barco nagoa a proa.

74

E mais his vos muito a ponto
Para qualquer appetito,
E eu ja ouui hum conto,
q̃ a quẽ espreita, e estã prõpco
Não vades mudar o fito.

75

Tereis lâ conuersações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço ajudadas,
Passarão derivações,

As Obras de

Seja nam forem passadas.

76

Trasposeram os amores,
E deixaram o paço às agay,
Ficarão por mandedores,
Rouxinois assouiadores,
Pollas hortas de enxobregas.

77

Vereis barcos ir â vell.,
Huns que vão, outros q̃ vem,
Como que se desauem,
Com hũa viração singella
Tanta força, Arte tem.

78

Os marinheiros vadios
Que vilmente a vida apreção

Pelas xarcias dos navios,
C que são senam bogios
Pesto que vos al pareção.

79

Nam ey por perda esta leue
Que sejam palauras rudo,
Mas ao coração acudo,
Senam dizey, quem se atreue
A dór esperalla mudo.

80

Sam ellu porem já muitas,
Fellas ir crescendo a magoa,
Lembrêvos as vossas frutas,
Lembrêvos as vossas crutas,
q̃ andão ja por vossas nagoa.

FIM.

A S E V I R M A M

MEM DE SA.

CARTA III.

1
E ¹xt quãto de hũa sperança
Em outra sperança andaís,
Trazêrvos quero â lēbrança,
q̃ he muito leue, é nã s'alcāça
Voa sempre auante mais?
Cui-

2

Cuidais que está ja com ella,
Quando volo mais parece,
E quereis lançar mão d'ella,
Mete remos, mete vela,
Num ponto desaparece.

3

Mas nam pode o coração
Soltar assi leuemente
Tamanha deleitação,
Ah que a tiue na mão
Se fora mais diligente.

4

Dos Alquimistas se diz,
Que he doce a fadiga vaã,
O desejo he mau juiz,
Deixay que o que oje não fiz
Eu o farey amenhã.

5

Não lhes val ver a fazenda
Perdida apos experiencias,
Andão de emêda em emêda
Da fornalha pera a tenda
D'açopros fazem sciencias.

6

Aporfion, & sobio

Phaeton no carro do dia,
Que elle por seu mal pedio,
Sentioo a terra, & sentio
Hum rio de Lombardia.

7

Não soube Hycaro reger
As azas que ouue de seu,
Quis sobir, veo a decer,
A os peixes deu de comer,
Ao mar o seu nome deu.

8

Apos o que ha de cahir
Por alenantar andamos,
Sem repousar, sem dormir,
Alma que pode sobir
A esta as azas quebramos.

9

(nos,
Em quãto hũ busca seus da-
Outro ja tè os olhos jaz
Por muitas sortes denganos,
Morte q̃ não conta os annos
Vem, è leua o que lhe apraz.

10

Quantos a que era deuida
Dos nossos deixo os alheos,
Ao menos por nos mais vida,

Que

Que por conta não sabida
Tinhão já seus annos cheos.

11

Vistes hũa claridade
Que de cá té lá correo
Como rayo, em tal idade,
Tanto sabe tal bondade
Assi desapareceo.

12

Alma bemauecurada
Daquelle moço tam nobre,
Chegou a hũa alta aßomada,
Tudo lhe pareceo nada
Quanto se dalli descobre.

13

Hum Conde que in la alumã
aßi morto o Reyno, é a lingua
Outro depois de alta vea
Tinham sua conta chea
No tempo da nossa mingua.

14

Ao menos para esforçar
Os engenhos que atras vem,
Que soe a terra de os dar,
O váo he mau d'acertar
Senão no mostrar alguem.

15

Pollo que a este abrigo
Onde me acolhi cansado,
E mais inda com perigo
E aquellas letras que figo,
Deuo que nunca me enfado.

16

Deuo à muito minha amada
E sò rica liberdade,
Que tiue aos dados jugada,
Aqui sòmente he mandada
Da rezão, & da verdade.

17

Nas cortes não pode ser
Os tempos vedes que correm
Vedes que a todo correr
Vão muitos até morrer
Por fugirem donde morrem.

18

Ora pôr peito à corrente
Que sejaís forçoso, & sam,
E de sangue inda feruente,
Crão nadador, claramente,
He quebrar brços em vam.

19

Cansar, é sonhar priuanças,
Dar

Dar de golpe à liberdade
Rica por vãs esperanças,
Esses jogos, essas danças
Passão com a mocidade.

20

Ando alimpando a pousada
Lembre-me que diz que está
Ante a porta, bate, e brada,
Se a sentir despejada,
Por ventura que entrarã.

21

Olhay as Aves do ar
Almas a quẽ nunca esquece
Este auer, este ajuntar
Uedellas ledas cantar
Dize-me que lhes fallece?

22

Fracos de fé, de fraqueza,
Vem estes vossos suores,
Estes medos à pobreza,
Olhay como a natureza
Veste ricamente as flores.

23

Andando nestes enleos
Em quantos erros cahimos,
Sem conto, sem fim, sem meos

Dormimos sonos alheos,
Os nossos nã nos dormimos.

24

Queremos o que outrẽ quer,
O que nam quer engeitamos
Estamos sòmente a ver,
Rimos o alheo prazer,
E inda quando choramos.

25

Como de casa sahia,
Sempre de seus olhos agua
A Eraclito corria,
Pollo que ouuia, & que via
Que de tudo tinha magoa.

26

Em fim vendo o pouo incesto
A pressa que a errar leuava
Nam sofreo tal desconcerto,
Fugio para o campo aberto
Liure sem muro, e sem cana.

27

Anaxagoras que vião
Ter cos pouoados guerra,
Seus cidadões reprendião,
Porq̃ a hũ tal homẽ não vião
Lembranças da sua terra.

P

Da

28

Da para quem eu nasci
Tenho grande, respondeo,
Nam me julgueis por daqui,
E dizendolhes assi
Mostrava a co dedo o Ceo.

29

Sam Hieronymo alumiado
Daquella diuina luz,
Passaua a vida apartado,
Das letras acompanhado
Que nos consagram a Cruz.

30

Aquelle peito seguro,
A quẽ todo o mundo he riso
As torres altas, & ao muro,
Carcer lhe chamaua escuro
E àquelle hermo hũ parayso.

31

Da nossa tam rica herança
Cogs que rezam daremos,
Como nos nam faz lebrança,
Hũa tam certa ordenança
Do Sol, & do Ceo que vemos.

32

Elle posto, a noite traz

Configo tantas estrellas,
Com que fermosa se faz,
Qual descuido pode em paz
Alçar os olhos a vellas?

33

Nam se gaste mais pauiõ,
Apos nossa alma esquecida,
Lançada do senhoria,
Tornemos atras ao fio.
Desta a que chamamos vida.

34

Ponhamonos em rezam
Cousa he que ver à hũ cego,
Queremos repouso, ou nam
Queremos, todos diram
E ninguem busca a ssofsego.

35

Dizeyme, quando serã
Que nos lebre, & q̃ nos doa,
Quão certa que a queda estã
Seguindo a mentira má,
Deixando a verdade boa.

36

Que vejamos os que démos
Cousas sem preço por preço,
Que lhe tam baixo pusemos.

A que estado nos decemos,
E de quem alto começo.

37

Entre os brutos animais,
Nam se ouuerão por seguros
Os homẽs racionais

Eram brauos, & eram mais
Fizerã as armas, e os muros.

38

Agora, porque vos conte
Quanto vi tudo he mudado,
Quando me acolhi ao monte,
Por meus vezinhos defronte,
Vi lobos no poucado.

39

Hum Rato usado â Cidade,
Tomou o a noite por fora,
(Quem foge â necessidade)
Lembroulhe à velha à misade
Dentro Rato que alli mora.

40

Faz hũ homẽ a conta errada
Muitas vezes, & acontece
Crescimento na jornada,
(Diz) é entrãdo na pouxada
Cidadam logo parece.

41

O pobre assi salteado,
Dum tamanho cortesam,
Em busca dalgum bocado,
Uay, & vẽ sempre apressado
Sem tocar cos pês no chão.

42

Ordena a sua mezinha
Pos lhe nella algum legume,
Mefura quãdo hia, & vinha
Deulhe tudo quanto tinha
Pede perdã por costume.

43

Diz, quem tal adiuinhara
Contra o cortesam seueros,
Que tato andara, é buscara,
Tẽ que algũa cousa achara,
A quẽ tanto deus, è quero.

44

Cumpre porem nesta mesa
Que aja mais fome, q̃ gula,
Tem lhe a fogueyrinha acesa,
Faz rosto ledo à despesa,
Uea o outro, & dissimula.

45

E dizendo estã consigo,

P 2

Que

As Obras de

Que gente a dentre penedos,
Quão á de Pedro a Rodrigo?
Que bem diz o exēplo antigo,
Que nã são iguais os dedos.

46

Ora depois de comer
fazendo detrás do lar,
Começa o nobre a dizer,
Dous dias que has de viuer
Aqui os queres passar?

47

Na aspereza do deserto
Que não sey quem o soporte,
De vrzes, & tojos cuberto,
Sendo tudo tão incerto,
Sendo só tam certa a morte.

48

Vive amigo a teu sabor,
Mais he que cousa perdida
Quem por si escolhe o pior,
Vayte comigo onde eu for,
Lá veras que cousa he vida.

49

E depois que ambas prouares
(q̃ eu doutrem nã adiuinho)
Quão te enganado achares

Aqui tēs os teus manjares,
Hi tambem tēs o caminho.

50

Ay disse, eis o vilão
Em aluoroço, & balança,
Hia, & vinha o coração,
Ora si, & ora não,
Venceo porem esperança.

51

E que pode hi al fazer,
Vive com tanto suor,
E mal pode inda viuer,
Mal pode o anno vencer
Sempre a sayda he mayor.

52

E diz, quem nã se aventura
Nã ganha, quē ha q̃ o negue
Escolherão ora segura,
Forão polla noite escura,
Guia o rico, o pobre segue.

53

Entrão por paços dourados,
Cheyrosos inda da cea,
Tristes dos casais colmados
Do Sol, do vento queimados,
Pobre, & faminta d'aldea.

54

Vou-me por meu conto auante
 Mostralhe o cidadam tudo,
 q' tras no bucho hũ lffante,
 Quem quereis q' não espante
 Anda o villamzinho mudo.

55

Que taõ sómente em prouar
 das cousas q' mais lhe apraze
 la começãõ de engeitar
 Fartos pera arrebentar
 En lãns estrangeiras jazem.

56

Nisto o despenseiro chega,
 Que estes bẽs não durão tãto
 Deos, mas apressa o cega,
 Hũ tiro, ou dous mal eprega,
 Correos de canto em canto.

57

Os cães à volta se erguerão.
 Ladrão, que he alto serão,
 As casas estremecerão
 Todos juntos lá correrão,
 Foy dita que os gatos não.

58

Sabia o de casa a manha,
 Sabia o paço, e fogio
 O ratinho da montanha,
 Aos pés em preça tamanha
 O coraçam lhe cabio.

59

Em fim passado o perigo
 Da morze que ante si vira,
 O coyçado só consigo,
 Pollo seu repouso antigo,
 Que mal deixara sospira.

60

Minha segura pobreza
 Se chegarey a ver quando
 A vos torne, è esta riqueza,
 Mal q' o mundo tanto preza
 Fuja se puder voando.

61

Ay baldias esperanças
 Meu entendimento fraco,
 Deixemos tais abastanças,
 Tais riquezas, tais mostranças
 Deos me torne ao meu buro.

[co

A IOAM RODRI-
GUEZ DE SA DE MENESES.

CARTA IIII.

^I
DOs nossos Sás Colonesez
Gram tronco, nobre colūna,
Grosso ramo dos Meneses,
Em sangue, è bẽs de fortuna,
q̃ he tudo entre os Portugusez.
Mas vòs q̃ sempre vos ristes
Do pouo que nam vè mais,
Ricamente alma vestistes
O mais tendes por demais.

²
Aos grandes, aos valerosos
Passados de quem herdastes
Sobre nomes tam lustrosos
Desque nas armas pagastes
Não fostes dos ociosos.
Bem podereis descansar,
Que tempos foram de paz,
Podereis rir, & jugar

Como se na terra faz.

³
Mas entrastes noutra afrota
Doutra nobre cede cego,
Desejastes de dar conta
Tambem de vòsso affossego,
Como de Catam se conta.
As letras que nam achastes
Vos as metestes na terra,
A nobreza as ajuntastes
Cõ quẽ dātes tinhão guerra.

⁴
Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabiam ler,
Eram bons, eram ousados,
Eu nam gabo, o nam saber
Como algũs às graças dados
Gabo muito os seus costumes
Do me se oje nam samtaiz,

Mas

Mas das letras, ou perfumes
De quais veo o dano mais?

5

Destes mimos Indianos
Ey gram medo a Portugal,
q̃ venhão a fazerlhe os danos
Que Capua fez a Anibal
Vencedor de tantos annos.

A tempestade espantosa
De Trebia, de Trasimeno,
De Canas, Capua viçosa
Venceo em tempo piqueno.

6

Dom Afonso d' Aragam
Rey nunca louuado assaz,
D'animo, & de coraçam
Tratana os liuros na paz
As armas na occasiam.

Ouindo d'um Rey, q̃ a mal
Tinha aos Reys, q̃ fosse lidos,
Dito he dixe de animal,
Nam de Rey dos escolhidos.

7

Hũ Marquez de grãde cõra
Por seu esforço, & saber
Para a paz, & para afronta,

A lança soya dizer
Cos liuros não se desfonta.
Este era a quẽ loãõ de Mena
Fez grande veneraçam
Quando ja tinha alta pena,
Bem aparada, inda nam.

8

Dous vencedores do mundo,
Cesar, & Alexãdre o grãde
Das letras foram tẽ o fundo
Em que fortuna nam mãde
Ponho aqui Bruto o segũdo,
E ponho os dous Scipiões
Fim (como dizem) fatal
De Carthago, é dous Catões,
Podera pór Anibal.

9

A fortaleza louuada
Anda ã braços co a prudẽcia
Irmaã sua muito amada,
Põena auante a experiencia,
Tudo sem saber he nada.

Por forças nos que podemos?
Isto que he do saber veo,
O bem todo estã no meo,
O mal todo nos estremos.

As Obras de

10

Os Poetas tocão tudo,
Iaz porem mais alto o crauo
Olhando pello meudo,
O seu grãde Achilles brauo
Ensinão Chyron sesudo.
Que lhe abraude aqlla sanha
Sua, natural, que he muita
Em hũa coua soterranha,
Canta o velho, o moço escuta.

11.

Veados correm co venço
Igualmente, & dos leões,
Hum só tem força por cento
De nós, tem seus corações,
Nòs temos entendimento.
Por onde entre nos deuemos
Estimar aquelles sós,
Que na parte em q̃ vencemos
Nos vencem elles a nós.

12

Quando daua homẽs a terra
O que já tanto nam faz,
Da paz tratauão na guerra
Tambem da guerra na paz
Agora em tudo nos erra.

Que tirando algum abrigo
Muy raro, no mais de fraca
Semeais, esperais trigo,
Nasce jayo, & eruilhaca.

13

Diogenes em claro dia,
Hia buscando a candea,
O que ninguem o sabia
Em Athenas, em q̃ Aldea?
Indo, & vindo assi dizia.
Vou me por aqui buscando
Entre tantos homens hum,
Neste vão cansasso ando,
Inda não achei nenhum.

14

Deixemos queixas antigas
Quero vos dizer de mi,
Que destas vossas amigas.
Digo as letras, pera o fim
Ajunto como as formigas.
Porque ninguẽ me lançasse
Como à cega rega, em rosto,
Em Dezembro que baylasse,
Pois que cantara em Agosto.

15

Perdido tudo no mar,

Saindo o grão Zeno a nado,
Vendo a fazenda ondejar,

Aísi disse despejado

Me mandão philosophar.

la vou sentindo algum fruto,

Cada ora espero que creça,

Andey fora, o vento muito

Fez me grão mal â cabeça.

16

Curame a philosophia

Que me promete saude,

Dame a mão, ella me guia,

Ouçofallar a virtude

Se a visse, sararmehia.

Diz Platã, q̃ he dos melhores

Que de só pôr olhos nella,

Altos, & acesos amores

Sempre teria com ella.

17

Como digo, eu sô d'ouvir

Ando como homẽ pasmado,

Desejoso de a seguir

Chorando tudo o passado

Temendo tudo o por vir.

Em toda a parte ha perigos

A cuja lembrança tremo,

Mais ao perto hũs maos imi
de casa a q̃ muito temo (gos

18

A minha guia, este ascendo

De viuer así cà fora,

Louua, & dame atreunimẽto

Dir auante ora por ora

Em que así cego, & attento,

Sobre tudo os bõs Doutores

Sanctos, louuão tal tenção,

Para cuidar nos amores

Tão certos no galardão.

19

Quem tanta força tiuesse

Como cumpre à vida actiua,

Que aos encontros se tiuesse,

Virtude era ella mais viua

De mais fruto, & interesse.

Por Raquel, que não por Lia

Sete, & sete annos serui,

Pode ser por ella hum dia,

Que inda voasse daqui.

20

E entre tantos conselheiros

Busco que andẽ às verdades

Nestes liuros meuspraceiros

P s

Não

As Obras de

Naõ nas praças das cidades
Amigos auentureiros.
Amigos de louuaminhas
Como grimpa ao vèro o peito,
Fazem como as Andorinhas
Vam, & vam com tẽpo feito.

21

Sophistas me sam defesos
Com seus enganos, é scismas,
Eylos soltos, eylos presos
De fê, que naõ de sophismas,
Quer Deos os peitos acesos.
Que nas agoas encharcadas,
Hi se ajuntam como vans,
Fazem grandes matinadas,
Tudo sam palauras vans.

22

As Musas me nam defende
Deixemos as demasias,
Que a todo o saõ peito ofende
Mandam rir de cousas frias
De algũs q̃ agudezas vende.
Entendimentos diuersos
Com q̃ artes nos encantam,
Psalmos q̃ sam senaõ versos,
E os Hymnos que a Deos se

(cantam.

23

Aquelles cantares finos,
A quem Livicos dixeram,
Os Gregos, & os Latinos,
Dizeyme donde os ouueram,
Senam dos liuros diuinos?
Quantos que delles ao seu
Trouxeram as aguas à mão
Regou Pindaro, & Alceu,
Regou seus campos Platan.

24

Mas o q̃ eu por ora aprendo
He ler liuros, de giolhos,
Diuinos, que mal entendo,
Mas fossẽ dignos meus olhos
De cegar sobr'elles lendo.
Que de seus misterios altos
Assi lubrigando vejo,
Que naõ sou pera tais saltos
Porem sospiro, & desejo.

25

Era em grande differença,
Se casaria, senam,
Ouue de sayr sentença
Que a só hũa o coração
Desse, è desse às maus licença.

15to

Isto dito, Amor mais raro
 Deusinais como era alli
 Outro som do Coldre, claro
 Outro dez frechas ouni.

29

Amor q̃ estas sempre auindo
 Cõ Deos q̃ he a pura verdade

Sejas por sempre bem vindo,
 Ao entregar da vontade,
 q̃ entrego ente aqui sentindo
 Poem do teu fogo a esta casa,
 Faze quanto nella ha, teu
 Que Deos he fogo que abraça
 Sey o de hum priuado sen.

F I M.

A P E R O C A R V A L H O.

C A R T A V.

¹
 No lugar onde me vistes
 D'agoa, é do mōte apertado,
 E d'outras paixões q̃ ounistes
 Tenho mais dias contado
 De ledos, que nam de tristes.

2

Isto que ora ounis de mi
 Olhay se ounis lâ d'alguem,
 Buscay, preguntay sem fim
 No desejado Almeirim,
 No farto de Sanctarem.

³
 Que atencam todos tomaste
 A terra que me criou
 De quem tanto praguejastes
 Porque, porque vos lirou
 Da peste com q̃ hi chegastes?

4

Fostes mal'agasalhados?
 Nã certo, q̃ atẽ as fazendas
 Vós dauão paruos honrados,
 Pois por q̃? por q̃ os priuados
 Tinheis longe vossas rendas.

Ho.

5

Homẽs q̃ sēpre aos proueitos
E a vosso interesse andais
Vestidos de falsos peitos,
Quão pouco q̃ nos lembrais
Dos saõs, dos comũs respeitois

6

Por esta causa se vee
Differença nos conselhos,
E chega inda o mal até
Desaereditar nos velhos
A saã prudencia, & a fé.

7

O que eu por parcialidade,
Nem outro respeito digo
Da antigua, é nobre Cidade,
Sou natural, sou amigo
Sou porem mais da verdade.

8

Como vos partistes dahi
Logo abrigados achei,
Onde me defencolhi
Seguramente dormi,
Seguramente valey.

9

Cidade rica do sancto

Corpo do seu Rey primeiro,
Que inda vimos com espanto
A tam pouco tempo inteiro
Dos annos que podem tanto.

10

Rey, a quem se Deos mostrou
Rey que tantos Reys venceo,
Rey, q̃ taes Reys nos deixou,
O bom filho hi se lançou,
Que até Senilha correo.

11

Outro Rey nosso sem mal,
Que lhe empeceo a bondade
O quarto de Portugal,
Qual teue elle outra Cidade,
Que lhe fosse tam leal.

12

Qual a sua fé saluou,
Por tanto perigo, & medo,
Qual outra tanto esperou,
Qual outra as chaues mādou
Ao Rey ja morto em Toledo.

13

Mas tornando ao abrigado
Onde me furtey aos ventos
Hi depois de mi tornado,

Que

Querir, que esmorecimentos
Do tempo tam mal gastado.

14

E o fogo que se ora ascende
A presteza das mudanças
Mal que tão longe se estende
As vidas curtas deffende
Tomar longas esperanças.

15

Giges na sua abastança
Que de toda a parte ajunta,
Inchado em tanta benança,
Apolo hum dia pergunta
Polla bemaueuturança.

16

Tal fumo Apolo entendendo
Iulgou por melhor estado
O de Glao, que pastor sendo
Se hia cantando, & tangendo
Olho sòmente ao seu gado.

17

O ricos que esta riqueza
Està no contentamento,
Mais tẽ quẽ mais a despreza
Nãofoge o rico auarento
Por mais que fuja à pobreza.

18

Onde mais pode caber
Sinal he de lugar vãõ,
Que se pode ainda encher,
Os corações hãõ de ser
Ricos, que os cofres nãõ.

19

Por faminto que venhais
Morto com sede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Uay muita agoa pollo rio
O monte dà que comais.

20

Quem appetites dà crença
Hũa mão toma, outra pede,
Nunca espereis que se vença,
Sinal de hũa mã doença,
Quãto mais agoa, mais sede.

21

Tem cobiça a boca aberta
Isto que te assi parece,
E tras q andas tão á lereia,
Luz de fora, & resplandece,
Dentro nãõ ha cousa certa.

22

O iuyze, & a rezão ara,

Tudo

As Obras de

Tudo deixa escuro, é em erro
As leys de Deos desacata
Do cã mole ouro, & da prata
Fez duras prisões de ferro.

23

Esta entrada em nossos peitos
Fez nelles estragos tais,
Que hermos ficão, é desfeitos
Abertos por mil portais
A todo vento sogeitos.

24

Que nam farã? pois trocar
Nos fez a paz polla guerra,
Fez hũs aos outros matar,
Passou de viuenda ao mar
Homẽs naturais da terra.

25

Escravos, mais q̃ os escravos
Por rezam, & por justiça,
Deixaynos de tantos gabos,
Que nos vendeo a cobiça,
a mar brauo, é a ṽetos bravos

26

Espritos vindos do Ceo
Postos aos lanços na praça,
Com que nadas vos venceo,

Porque nadas vos vendeo,
Melhor fora antes de graça.

27

Metais de tam baixa liga,
Que nos na terra escondera,
Natureza, mãy, & amiga,
Entre nos, & elles pusera,
Tanto trabalho, & fadiga.

28

Servio de mór appetito,
(Differã fortuna, é enueja)
Em fim seu feito, seu dito,
Pera al criado o sprito,
Isto só sonha, & deseja.

29

E porem que sam? engano,
Que mais hũa mãy fizera,
Afastauanos o dano
Aos filhos que a vida dera,
Acesa de amor humano.

30

Mas que pode aproueitar,
Se lhe fazemos tal guerra,
Co contino trasfegar,
Ora reuoluendo o mar,
Ora reuoluendo a terra.

31

Nas Minas altas que digo
Revolta a terra té o centro,
Que faz o homem enemigo
De seu repouso lá dentro
Com tal trabalho, & perigo?

32

Debaixo da terra fria
Aja vergonha a rezam,
Aja alma que mais deuia,
Que deixando atras o dia
Polla noite auante vam.

33

Nã tẽ termo homẽs ousando
De seu siso em desamparo,
Tudo forão apalpando,
Té pollo ar solto, & raro
Ouue quem fosse voando.

34

Gente que não teme nada
Cos medos se desafia,
Por mares sem fundo nada
Passou a Zona torrada,
Anda por passar a fria.

35

Não he pera tanto a vida

Quanto milhor escolheo
Quẽ na dorna ao Sol voluida
Viveo mais rico, & morreo,
q̃ Crasso, q̃ Cresso, & Mida.

36

Fugingo Crates ao ouro
Mais q̃ hũ couarde do ferro
E às cousas de mau agouro,
Lâçou ao mar grã thesouro,
Quẽ fará agora tal erro?

37

Por força a Cidade auida,
Respondeo ao enemigo,
Bias, a quem fica a vida,
Tudo o meu leuo comigo
Deixo a fortuna corrida.

38

Aos d'Esparta naturais,
Responde Apolo a seu rogo,
Se a liberdade estimais,
Velaynos d'este ouro mais,
Que do ferro, nem do fogo.

39

O grande Epiteto o nobre
Espirito, o só liure, & franco
Num corpo cayzado, è pobre,

Es.

Esclauo, & ainda manco,
Quãta de riqueza encobre?

40

Da sua fraca casinha
Ledo sae, ledos a ella torna,
O mesmo que hia, esse vinha,
Casa que porta não tinha,
Que mais mōtara q̃ dorna?

41

Iesu Christo busca obreiros,
Não nos quer despedaçados,
Quer os seus de todo inteiros
Dos corações alugados,
Poucos sam os verdadeiros.

42

Gente de vontade dura
(Diz elle) que não andais?
Em quãto esta luz vos dura,
Não vos tome a noite escura
Antes que vos acolhais.

43

Não seria eu isto vendo
De juyzo, & rezão saã,
Andar mais dias perdendo,
Comecey ante menhã,
Não sey que andava fazê-lo.

44

Hiame enjoado a si
Ao sō por onde os mais andã
Olhe bem cada hum por si,
Que estes bens falsos daqui,
Senã são mandados mandã.

45

Os desejos sam sem termo,
A esperança he saborosa,
Eu contentey-me deste hermo
Pella rezão que a Raposa
Deu ao Leão q̃ era enfermo.

46

Meu Rey meu senhor Leão
Olho cà, & olho là,
Vejo pegadas no chão
Que todas para là vão,
Nenhũa vem pera cà.

47

Essa Cyrces feiticeira
Da corte tudo tresanda,
Deste faz Onça ligeira,
Lobo outro, q̃ a carniça ãda
Outro cão q̃ a caça cheira.

48

Algũs Papagayos vam,

Ouro vso direito em pé
Cada hum de sua feição,
Ouro gatinho hermitão
Destes que vem de Guiné.

49

Cantam ao passar Sereas
Que fazem adormecer,
Correndo todas as veas,
De tal sono as deixão cheas,
Que senã pode homẽ erguer.

50

Vou co pensamento, & venho
E ao meu medo deuo muito,
Porquẽ aliure me sostenho,
Pello que vi, & que escuyto
Nisso, que tenho, assas tenho.

51

Do com qẽu folgo, oueros rim
Cada hum ter à sua escusa:
La vos dey muitas por mim,
Estas cousas sam, em fim,
Como dellas homem vsa.

52

Sejão rezões poderosas,
Olhay, que o ferro se deu
Para cousas proveitosas,

Depois este meu, & ten
Fez delle as armas danosas.

53

O fogo, que nos foy dado
As tantas necessidades,
Que ser nã pode apressado,
Fará, & fez no passado
Em pó ja muitas cidades.

54

D'este engenho, que diremos?
De quẽ nos tais gabos dãmos
Com quẽ tudo acometemos?
Quantas vezes delle vsamos
Mal, é como nam deuenos.

55

Dom do ceo nosso especial:
E veyo a ser todania

Este homem racional,
Tam agudo no seu mal,
Como ontem n' arzelheria.

56

A fins tão desordenados
Que remedios se offerecem?
Diz S. Paulo, homẽs errados
Se os odios entre vos crecem,
Comeruos eis aos bocados.

Q

O no-

57

O nome da ociosidade
Soa mal, mas se ella saã
Bem occupada, he bondade,
Socrates da liberdade
Lhe chamaua sempre irmã.

58

Douvos Enio per author,
Quem não sabe vsar do ocio
Cansa, & anda derredor,
Vem a ter mayor negocio,
Que hum grãde negociador.

59

Porque este sabe apos q̃ anda
Aquelle assi nam se entende

Quanto anda, tanto defende
Não se obedece, nem manda,
Ora se apaga, ora ascende,

60

Vello ir, vello tornar,
Vello cansar, & gemer,
E em busca de si andar,
Cobrar a còr, & perder,
Que senão pode repar.

61

Mas eu porque passa assi,
Que seja muito, direy,
Vias ha que me escondi
Co que li, co que escriui
Inda me não enfadey.

F I M.

A DOM FERNAN DO DE MENESES.

CARTA VI.

GUadalquibir arriba a rica praya
Vistes tam perigosa, & as marauilhas
De que contaes, que ouindo homem desmayas

Vistes

Vistes armadas tantas armadilhas
 Aos olhos, & entre outros encremeses
 Pescar com redes douro das Antilhas.
 Senhor meu Dom Fernando de Meneses,
 Vi Roma, vi Veneza, vi Milão,
 Em tempo d' Esphanhoes, & de Franceses.
 Os jardins de Valença d' Aragão,
 Onde Amor vive, & reyna, onde florece,
 Por onde tantas embuçadas vão.
 Mas isso assi, direy que mais parece
 As cousas de Senilha seterranhas,
 Onde a vida em prazer desaparece.
 Quem nam dirá tambem que sam patranhas
 As cousas que alli vistes ser verdade,
 Sabéis de que lhe vem, de ser samanhas.
 Espreita onde vé a rica ociosidade
 Amor, a seus prazeres solta, & avañ
 Desenfreada prodigalidade.
 Imiga das leys sanctas, & da saã,
 E boa temperança, & vida pura
 Dessoutra vida Senilhana irmã.
 Aquelles sam seus parques, hi assegura
 Os seus estados grandes às suas cortes,
 Alli he gram senhor, dura o que dura.
 Por ahi passa, & vay a seus deportes,
 Vive alli Salamandra no seu fogo,

As Obras de

Que a elle a vida dá, & aos seus mil mortes,
De quem se elle apodera, entrando logo
A liberdade fuge, & nunca mais,
Em quanto o hi sente torna a risa, ou jogo:
Mas tornemos às novas que me dais
Das senhoras, das casas, & das sedas,
Pedraria, que cega os auençais.
Para onde correm todas as moedas,
As douro poderoso, & prata fina,
Em ricas praças ricas almoedas.
Quem se alli chega aos lanços, desatina,
A primeira auentura, he a do siso,
Que logo perde, tudo à banda inclina,
Alli o saber, alli o brando auiso,
As boas partes todas quantas sam,
Nobreza, & parecer he tudo hum riso.
Vendendo ollas o seu sempre em pregam,
Cousas q̃ em tendas se acham por hũ nada,
Regateiras crueis, por quanto as dam?
Que cegueira esta he ja tam costumada,
Em todo tempo, em toda ley, & idade,
Quem mais leua na bolsa, esse arrecada!
Não fallemos naquella infirmitade
De seus validos, que he como se acerta,
Por appetites s̃c, por luitandade.
Que nam se pode dar hiregra certa,

Senão que assi lhe apraz a quem se obriga,
Que dos mais he cada hum como se offerca.
Quem dirâ ora? que nisto a gente antiga,
Que tanto vio, vio pouco, do costume
Cega, & desta bayxa humana liga.
Entrando o tempo mais, entrou mais lume
Suspirose melhor, veo outra gente
De que o Petrarcha fez tam rico ordum.
Eu digo os Proençaes, que inda se sent
O som dos brandos versos, que entoaram
As suas Musas brandas, brandamente.
Depois, ah que vergonha, em fim tornaram
A cayr muitos neste amor vicioso,
O fino, os peitos finos os saluaram.
Escrenem, que hum Philosopho famoso
Tentado dessa Lays, por quem se chama
O porto de Corinto perigoso.
Dessa a quem todos ver vinham por fama
De sua fermosura, ficou tal
Que vencedor tornou, vencida a dama.
E mais quando o perdam era gèral
A todos neste caso, tanto a vsança
A dar culpa, & desculpa pode, & val.
Porem de hũa tamanha confiança
De si, de tal constancia, em tais amores,
De hum só seja aqui dito em abestança.

As Obras de

Enxamea este mundo, & dá da flores
Como lhe apraz à grande natureza
Dos sãctos nã me meto em seus louvores,
Que nam se atreue a tanto esta rudeza,
Do baixo estillo meu, da fraca vea,
Que eniêdo, & nã me engana sua pobreza.
Ora estais já na corte onde se atea
Para vós outra fragoa, outra contenda,
Outra prisão mais nobre, outra cadeia.
Onde, nem tudo leua a grande renda,
Nem a negociação, que isso seria
Tirar poder ao Amor, dallo à fazenda.
Amor he senhor grande, & nam se guia
Por interesses vys, dar, & tomar,
E seu trato nam he de mercancia.
Amor he hum bem que corre sem parar,
Que não sabe pôr nodos de suspeitas
Na fé, nam inquirir, nem duvidar.
Nam ergue ao ar figuras contrafeitas
Como vemos as tardes nuês raras
Em pouco espaço feitas, & desfeitas.
Nam tem contra si nais, tem Almenaras,
Nam manda escuítas fora,ahi he paz boa,
Correm das fontes claras, aguas claras.
Quam longe do outro cego que ao ar voa,
Tudo de soffregos, & quexumes,

Cuidais que his vento a popa, his vento a proa.
 Tudo desconfianças, & ceumes,
 Huns nadu que porem fendem dagudo,
 Reyna no pouo, & segue os seus costumes.
 Este tudo he fallar, o outro he mudo,
 Ou canse os corações que ouvidos tem,
 Mais certos, & outros olhos que vem tudo.
 Que os peicos passam, da banda dalem
 Como o Sol dando faz nũa vidraça,
 Os claros corações claro se vem.
 Verdade he que estes tempos nam dâ graça
 Essa que dar soya no passado
 Que sayr nam no deixa tanto à praça.
 Temese d'hum enemigo apoderado
 Da rezam, que sò sonha India, & Brasil,
 Tè que cada hum de là corne dourado.
 Lançou nos a perder engenhos mil,
 E mil, este interesse que aja mal,
 Que tudo o mais fez vil, sendo elle vil.
 Os Nomos os serões de Portugal
 Tam fallados no mundo onde samidos,
 E as graças temperadas de seu sal.
 Dos mores o primor, & altos sentidos,
 Os diuos anisados cortesãos,
 Que delles quem lhes dà sòmente ouvidos.
 Mas deixemos ora ir queixumes vãos,

As Obras de

*Assi foy sempre, assi sempre serâ,
Trocarse os tempos, fogem dancre as mãos?
Nam vedes quantas voltas que o Sol dà,
Ora aparece, ora desaparece,
Que debaixo do Ceo câ quedo estâ?
O que ontem muito aprouue, oje aborrece,
Dam volta as cousas todas a reueses,
Num poco sobe hum balde, & outro dece.
Mas (vós ô bom Dom loam, vós de Meneses
Dom Manoel) que tais tempos lograstes,
Chamaruos ey ditosos muytas vezes.
Que com tanto louvor aqui cantastes,
E com tal voz, que ainda eu alcancey
Os derradeiros eccos que deixastes.
Depois de fora parte aqui escuitey,
E ouni cantares, foram elles tais
Que eu també transportado os meus cantey.
Ora outra vez a vós senhor que andais
Naquella vna força dessa idade
De que os amores se apoderam mais.
Nam me seja contado isto a vaydade,
Mas eu nam vejo aqui cousa mundana,
Que tam pouco pareça â humanidade.
Quem cuydando terâ por obra humana
Hũa alma que tam firmemente escora,
Que o poder da fortuna nam na abana.*

Alcase o espirito, & vay de sos em fera
De todos os sentidos, só por si,
Ouue, & vee de que viue ora por ora.
De tudo quanto o mundo presa, ri,
Tudo lhe he (como dizem) nevoa, & vento,
Passouse a corpo alheo, & viue alli.
Buscou, & pos tam alto o fundamento
Que por cousa que veja, ou que aconteça
O mesmo he no prazer, que no tormento.
Hi se acaba o seu bem, onde começa,
Faz como Aguia aos filhos que os engeita,
Se a vista ao Sol d'algum vee que enfraqueça.
Assi toma aos cuidados conta estreita,
E aquelle que ser bom claro nam vee,
Nam he dos seus, a conta em nada he feita.
E assi só abraçado com sua fé
Sem querer nada mais hi se adormenta,
Que riqueza grandissima aquella he
Que hũa parte só viuua, outra nam senta.

F I M.

A HVA SENHORA

MVITO LIDA EM NOME DE

Certo seruidor seu.

C A R T A VII.

C Vidando em vòs senhora no alto engenho
Delicado saber, na tanta estima,
Não sey com que ousadia ante vòs venho.
Por dom da natureza, posta a cima
De tudo o que aqui vemos descoberto,
A que he tam necessaria a vossa lima.
Occasiões esperando, & algum acerto
(Que tudo he cheo d'acontecimentos)
Quantos males passey quam encuberto?
As esperanças foram se eos ventos
Dias ha se eu tiuera vista algũa,
Mas bem he que assi vam vãos pensamentos.
Senhora, quanto Sol, & quanta Lũa,
Em quanto eu cuido, & temo, se me vam
Viuyendo triste sem vida nenhũa.
Cuidava eu que valesse esta vez em
Com quem tanto ella val, val pouco em fim,
Nomem custosos, que remedio nam.
Comigo a braços a que estado vim?

Lidando noite, & dia, em fim quebrados
Huns me mostram ao dedo, outros se rim:
Sam fôgos como os que vemos pincados,
Nãe chgo a dizer mais, digo o que posso
Os dalma sô sam os vinos, & os callados.
Nãe sey como nãe vistes este vosso
Espírito (em tanto tempo) onde a ssi val
Este nome de meu, & inda de nosso.
Nem como andais cuidando tanto em al,
Que nãe vistes esta alma em tantos dias,
Que a vòs sô tem por bem seu principal,
E nãe se vos mostrou por tantas vias,
Tanta verdade, experiencia tanta,
Apurada em taes fôgos, & agonias?
Essa vista que o mundo todo espanta,
Aquelle entendimento tam profundo
Quem o cega a ssi nisto, quem o encanta.
Hercules tam fallado pollo mundo
Que trabalhos venceo, poreu a dura
Madrastra, nãe cansou tẽ ver lhe ofundo.
Em fim vendoo no fogo, ja segura
Seus olhos farta, mas às immortaes
Honras que se lhe deuem, torna escura.
Julgamse as cousas pollos seus finais
Milhor que por palauras, que farey?
Tudo me lembra, & tudo por demais.

As Obras de

Tyrania cruel, aspera ley,

Que assi quer o que quer, brava opiniam,

Abasta, assi me apraz, assi mandey?

Tirando seu lugar sempre à rezam,

Mas a culpa he d' Amor, q̃ enuolue tudo,

Deixay chamar os seus por elle em vam.

O duro, o brando, o sem siso, o sesudo,

O velho com suas lagrimas piadosas,

O moço aos sobressaltos branco, & mudo.

Amor tem cheo d'armas victoriosas

(Em padrões altos, tudo ao derredor

Pollas façanhas suas espantosas.

Poderoso, absoluto, & sò senhor,

Os Deoses tem os fados sobre si,

Liurementemente o que quer sò pode Amor.

Os sanctos juramentos, ora assi,

Ora assi feitos, passa em graça, & riso

Tê d'alagoa subterranea ri.

Não se pode fallar estando em siso

Nas grandezas d' Amor, cumpre que esté

O entendimento, do corpo diuiso.

O que ao baixo o liuel nosso se vê,

Tudo tambem he baixo: estes sentidos

Leuemente enganados, nam dão fé.

Os remos nagea parecem torcidos,

Os olhos nos enleam hum jogo leue,

De mãos, & assi se enganão os ouvidos.
 Bem sabem vos senhora o que se escreue
 De dous pintores nobres a porfia,
 Em que cada hum vencer o outro se atreue.
 Frutas pintou hum delles, que de dia
 Vinhão as aues comer, outro d'hum veo
 Pintado fez, que a sua obra escondia.
 Vede quanto a arte pode? nam valeo
 Alli vista, & saber, o veo de diante
 Atandava alevantar o que perdeo.
 Diz ledo o vencedor (foste bastante
 A enganar a vez) que victoria a minha
 Enganando um pintor tam posto auante.
 Aquelle leue Crego que hia, & vinha
 Com tanta ligeireza, & tal feruor,
 Que os pés voauão, & quedo o corpo tinha.
 Quando cuidauão que auia de traspor,
 Inda desse lugar não se mouera,
 De que esperaua premio apos louvor.
 El Rey Agesilao que não pusera
 Nisso cuidado, mais não disse então,
 Que afirmar, que jogral lhe parecera.
 Ora tornando atras, pouco mais sam
 Os nossos olhos, que esses dos morcegos,
 Pois que hũas cousas vê, & as outras não.
 Sens thesouros, & seus ricos empregos.

As Obras de

Alcançam-se por sorte grande, & rara,
Iazem em muy profundos, & altos pegos.
Tanto ha que canso que me desempara
O mesmo tempo, as forças desfallecem,
Ay quanto custa hũa esperança cara.
Queixas a algũs de fora, isto parecem,
E quiçais que o serão, so alma o sente;
E estes olhos coyrados que amolecem,
Entre tanto que cuida a leue gente,
Desses que vemos tantos a milhares
Regidos s'ò do caso, & do accidente.
Ondas, que aos ventos vão correndo os mares
Andabatas que ferem ás escuras,
E sem certeza dão por esses àres.
Estas serião as desaventuras
Que Heraclico chorava em vida andando;
E Democrito ria, por locuras.
Com muitas outras, que fazem grão bando,
Posto que serão sempre as principais
As dos que assi se perdem, ontrẽ buscãdo.
Meus desatinos, onde me leuais?
Uadiamente assi de monte em monte,
Ou (como dizem) por andorriaes,
Tomastes-me jazendo à minha fonte
O caminho não mingos, antes mais crece;
Por muito que a rezão clara desconte.

E não

E não me basta o mal que me acontece,
Que he tão em dano meu, senão a vergonha
Que de mi, & que d'outrem me recrece.
Que sorte tão estranha de peçonha,
Ando em busca de mi, não sey por onde
Em quanto esta alma tresualia, & sonha.
Aqui somente a vaã ecco responde,
Que parece tambem que anda ella em busca;
Não sey por que cauernas se me esconde.
Quando o mudo esclarece, & quando embrusca,
Se eu suspiro, suspira, ah crueldade,
Tambem dirà por mi, este que busca;
Triste, que ja não ando apos piedade,
Sou em poder da dór, entendendo o erro,
Entendo o dano, entendendo a vaydade.
Sigo hũa s sombras vãs, que nunca offerro
De hũa só folha que acraueffa tremo,
O tempo gasta as pedras, gasta o ferro,
Por mi já nada, por vós tudo semo.
F I M.

A I O R G E D E
MONTE MAYOR, EM REPOS-
ta de outra que lhe escreueo, que deue
andar impressa nas suas
Obras.

CARTA VIII,

M Once Mayor, que a lo alto del Parnaso
Subiste, por que al nuestro Lusitano
Truxieſſes dulces aguas de Pegaso.
*Que harê? que al responder tembla la mano
Trabaje por escusa, si la hallara,
Buscando lo que no ay, cansase en vano.
No disſimularê la verdad clara,
Yendo a te responder atras boluia,
Viendo tu pluma quanto que me alçara.
Temia lo que aun temo, que diria,
El que oydos alçasse a la respuesta,
La tierra tan preñada que paria?
Soltoſe todo en riſa, tanto cuestâ
Esſperar mucho, viendo por antojos,
Quanto a mi, quien me lo a me amoneſta.
Poniendome delante de los ojos*

Como en pintura lo que seguir deuo,
Y en traje de loores, son abrojos.

Forçado a responderte al fin me muevo,
Hierro a sabiendas, vienen, van sudores,
La pluma agora, agora, el huelgo pruebo.

Si con Monte Mayor trato de amores,
Quando le alcançaré, vâ de corrido,
De laurel coronado, de yedra, y flores.

Y si tratar quisiessé de la vida,
Que solo es vida cierta, y tan segura,
La entrada es alta, ciega la salida.

O buen Mondego, que en la Estremadura
Nuestra, a Neptuno pagas el tributo
Deuido, como vuisse gran ventura.

Que al fin del mundo agora has dado vn fruto,
Que lo hinche de olor todo, y que lleuanta
La niebla de la sierra, y el campo à enxuto.

Mientras tañendo vâ, mientras que el canta,
La su Marsida por los campos llanos,
Regados de tu agoa, a quien no espanta?

Por donde (vn tiempo fue) mil gritos vanos,
El mi Diego esparzio sin aluedrio,
Acado alli d' Amor de pies, y manos.

Con mejor suerte estotro, del tu rio
Passó los altos puertos, buelue lleno
De gloria al patrio nido suyo, y mio.

As Obras de

Aziendo como el ayre tan sereno
De nuestra Lusitania en las tierras,
Quede de boca en boca, seno en seno.
Fue Monte Mayor ya nombrado en guerras
Del Santo Abad Don Iuan (cuentase assi)
Agora dexa atras aguas, y sierras.
Quando Moros podian tanto aqui,
(Ah los muchos peccados de Christianos)
Quedose el leal Monte en salvo alli.
Marsilio de gran nombre entre Paganos
Del Hebro a la ribera puso sillo,
La raya entre Carthago, y los Romanos.
Entraran Mahometanos por Castilla,
D' Amor, de Marte fiero vno aventuras,
Quien creé, quien no las creé se maravilla.
De tan escuros tiempos, tan escuras
Cosas, de vista cuenta el buen Turpino,
A estraños cuentos orejas seguras.
El Hadado Roldan, Reynaldo Dino
Que le fuera fortuna mas cortes,
De su riqueza a vn tal Paladino.
Ruger del ingenioso Ferrares
Tan alabado en tan sabroso estilo,
Astolpho auenturero, y vano Ingles.
Que dio la muerte al fabuloso Orilo,
Violo el blanco Grifon, violo Aquilante

El negro, en la ribera allà del Nilo,
Dos guerreras, Marsifa y Bradamante
En campo armadas espanto, y terror
Por enemigas hazes adelante.
Hasta tanto llegué por tu sabor,
Que está todo en Marsifa, he te servido,
Si mal, no deprendi las leys d' Amor.
Vezino à quel tu Monte do has nascido
Cogi el ayre de vida, y del Mondego
La clara, y tan sabrosa agua he beuido:
Asienzo de las Musas, tras el ciego
Niño, que buela, perdi el tiempo andando
Uno de los sus locos, no lo niego.
Y aqui parado estando agora, quando
Contemplo las pisadas, que acras dexo
Cierto que entiendo mal, si ando, o desando.
Y en tal sazon quicà d' Amor me quexo
Si viste algunos de los mis renglones,
Triste Andres, triste Diego, y triste Alexo:
Que haremos a estos nuestros coraçones,
Que hurtandose de nós quãdo ellos quieren,
Acogiendose van a sus prisiones.
Bien vees, que estos sentidos en nós mueren,
Bienen en otra parte, y alli passados,
De allà nos llaman siempre, y nos requieren.
Y mas con que blandura? amenazados

As Obras de

Como a esclauos que huyerã, noche, y dia,
Duras leyes, duros fuegos, duros hados.
Hasta el mal que passô, aun desafiẽ
La vida, y con desseos de presenciã
Se buelue a cobdiciar lo que dolia.
El nuestro Andrade vi muerto de ausencia,
Esprito tan gentil, tan mal tratado,
En tan terrible mal tanta paciencia.
Nascido para amar, y ser amado:
Mas es Amor cruel naturalmente,
Tan contrario del nõbre que le han dado.
O ciegos, que razõ sufre, y consiente,
Que lo que os aquexaua alla cada ora,
Aca con su desseo os atormenta.
Quien no sabe que aquel que Amor adora,
Y que mas vientos beue por sus cosas,
Por vna vez se ri, quantas que llora.
Que muestras son las tuyas tan lustrosas,
Que lexos de pintura tan diuinos,
Que aguas que d'alto caen tan hermosas,
Que soledades de los altos pinos,
Que en el monte Menalio a las estrellas
(Licencia ayan palabras) son vezinos.
Que los cantares, antes las querellas
De sus pastores oyen, y en tal parte
Parece que responden al fin dellas.

Demos buelta al Archero, que reparte
Tan mal sus flechas, vanle acompañar
Por la razón, que ende ay, Venus, y Marte.
Con que palabras te podrè rogar,
(Y sea con perdon de quien te llama)
Que tan presto nos no quieras dexar.
Marfida el fuego tuyo, y dulce llama
Aura por bien de ser aca cantada,
Do no vino en persona, venga en fama.
Bien sabe que la muerte fiera ayrada,
Quanto nasce amenaza, y no perdona,
Que a todo lo que biue buelue en nada.
Tu solo enterneciste esta Leona
Con los cantares de tu ingenio raro,
Con el fauor del hijo de Latona.
Lleuanta tus sentidos al amparo
Tan alto, y tan seguro, como tienes,
De la Princesa nuestra vn Sol tan claro.
No seas como muchos, que sus bienes
Bien no conocen, mira que acontece
A pocos lo que a ti, si bien te auienes.
Con la suerte, que vviste, que esclarece
Por la casa real en todo estado
Do por costumbre antigua embidia crece.
Mas las Musas al fin tendran cuidado
De su Poeta, pues le quieren tanto,

As Obras de

Como a quien de años tiernos han criado.
Al son de sus vihuelas de su canto
Entonandolo siempre de que es prueva
Mouer el quando canta a gozo, y a llanto.
Destos muy cuerdos no me es cosa nueva
Que esten burlando esclavos del provecho,
A do parece, o que arda el Cielo, o llueva.
Esforçandose siempre, o con derecho
O sin derecho (aqui poned el tino)
Inchamos esta casa hasta su techo.
El oro blando a todo abre camino,
Mas quel hierro, y solo es dicho, auer
Nadie inquiera despues de donde vino.
Las buenas Musas bastales tener
Lo necessario, para que es asar
Vano, si en fin tan poco es menester.
Novees los dias con que priessa van,
Unos tras otros, pocos son los ledos,
Que piensas todos juntos que seran?
Humos, y vientos, que nunca estan quedos.
Esse poco de vida, y breue instante
Lleno de sobre saltos, y de miedos.
Otra vida a Beatriz ha dado el Dante
A Laura hizo el Petrarcha tan famosa
Que suena deste mar al de Levante.
Bocacio alcô. Fiamea en verso, y prosa.

*De Pystoya, el buen Cyno a su Seluaja,
Ah buenos años, buena edad dichosa.*

*Parece que este mundo haze ventaja
En tiempos a si mismo, otros se esfria
De cada parte, como que se coaja.*

*A si las diosas de la Poesia,
Y a eu Marfida, haran ser immortales,
Que nunca le anochesca a vuestro dia.*

*En quanto al cuerpo destos animales,
Que llamã brutos, mucho atras quedamos
Mas que en sentidos no nos son yguales,
Hemos de confessar, que no queremos.*

F I M.

A O D O V T O R

ANTONIO FERREIRA EM

Reposta doutra sua, q̃ anda impres-
sa co as suas obras.

ELEGIA.

E Sea branda Elegia, esta tam vossa,
Quero dizer de tanto preço, & tal,
Que vay fugindo ant'ella a neuoa grossa.

Bem vejo que era empresa principal

Esta a que vinha, mai a dôr rezente

As Obrás de

Tempo esperança, cura mais geral.
Quanto que aquella vea assi corrente
Se deue àquelle engenho prompto, & raro
Que assi sente, assi diz tudo o que sente.
E mais em tal sação tempo tão auaro
De louvores alheos em tal danno
Dos engenhos que se achão sem emparo.
Vem hum dando à cabeça, & conta vfanos
Cousas do seu bom tempo, ardêdo em chamas
Pollas que fez, todo al lhe he claro engano.
Andãose às rezões frias pollas ramas,
Hum vilancete brando, ou seja hum chiste
Lectras ás inuencões, mores às damas.
Hũa pergunta escura, hũa Esparsa triste,
Tudo bom, quem lho nega? mas porque
Se alguem descobre mais, se lhe resist?
E como? esta era ajuda? esta a merce:
(Deixemos as merces) este o bom rosto?
Que menos custa, em fim que este tal he?
E logo aqui tão perto com que gosto
De todos, Boscão, Lasso, erguerão bando:
Fizerão dia, já quasi Sol posto..
Ah, que não tornão mais, vãse cantando
De valle em valle, em ar mais luminoso,
E por outras ribeiras passeando.
Tornemos ao de lástre a nós choroso,

Furtando me hia à dór, que inda ameaça,
Como hum parto ao fogir mais perigoso.
Não ouso inda a fallar tanto de pressa,
Fallo com vosco como em paridade,
Incerto do que diga, & do que faça.
Quando mandey meu filho em tal idade
A morrer polla Fê (se assi cumprisse)
Que esta era a verdadeira sua verdade.
Tu vâs pello caminho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste à tua conta
Sem perigos, quem se acha que sobisse?
De tempo que assi foge, que te monta
Vinte, ou trinta annos mais q̃ montão centos
Ergueo a vista a mi alegre, & prompta.
Suffirando por ser lâ n'hum momento
Se ser pudesse tão depressa os fados
(Corriam (nomes vãos sem fundamento)
Então o encarreguei destes cuidados,
Deos, & logo honra, logo o capitam,
Quão de pressa a cūpri, foy tais mandados.
Parece que os leuou no coraçam,
Nam soltos por de fora nos ouvidos
Como outros fazem, que perdendo os vam.
Tinha do corpo e pertos os sentidos,
Os dalma muito mais mais limpa, & pura,
Iagora os bons desejos sam cumpridos.

As Obras de

Vio onde a deixaria em paz segura,
Depressa â occasião arremeteo,
Não quis esperar mais outra ventura.
No dia do começo a cousa encheo,
Seguro vio a morte, espanto antigo,
Nós sonhamos aqui: tu vaste ao Ceo.
Ditoso aquelle mestre Dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louvou
O filho, & deu ao corpo em morte abrigo.
Era ella conta yqual, que quem entrou
Primeiro à vida, fossese primeiro,
Eu sou quem deuera ir, quem nos trocou?
Cordeiro ante o throno alto do Cordeiro,
Lauado iras no seu sangue sem magoa,
O quem como era pay, fora parceiro.
(Diz Paulo) da Fé nossa ardente fragoa,
Que para o filho o pay faça thesouro,
Parece natural hum correr dagoa.
Nam asfi aqui perto abaixa o Douro
Ao contrario, no mar se lança escuro.
Mondego, & Tejo das areas douro.
Quanto mais certo contra o inimigo duro
Podes, que outrem dizer, vim, vi, venci,
Cerrada, & abrindo a mão, posto em seguro.
Nam se vejam mais lagrimas aqu,
Saluo se por nós forem, que em caes treuas

Em tam cega prisam deixaste assi.
 Vayte embora, que ja nam tês que deuas
 Temer, là tudo he paz, tudo affossego,
 A quem leua o seguro que tu leuas.
 Ditofo, que nam viste de dór cego
 Por senhor hum imigo de tua ley,
 Que a tanta presa fora injusto emprego.
 Quantas graças, meu Deos, quantas te deys:
 Sabendo d'alma que era liure, & viua:
 Sem ella ao corpo de que temerey?
 Sabia aquella condicam sua altiva
 (Nesta só parte, no mais branda, è humana)
 Que era para morrer, nam ser captiua.
 O sepulchro com quem s'a vista engana,
 He leuissima perda, que tambem
 He lodo, he terra, he pó, terra Africana.
 Que tam estreito mar entre si tem
 Abila, & Calpe, foy tempo, hum só mentes
 Dou agora, hum daquem, outro dalem.
 Nos quaes duas columnas pos defronte
 Hercules, que alli entrada ao grão mar deu;
 Falece antes quem crea, que quem conce.
 Os Gregos no que escreuem poem do seu
 As vezes muito, & dizem que chamadas
 Là forão, as columnas de Briareu.
 Acabemos nas bemaencuradas

As Obras de

*Almas sobidas para sempre â luz
Onde rindose estão dos nossos nada.
Hum só que em sangue aberta traz a Cruz
Branca por armas deu Deos à Cidade
Milagre, que em sinaes claros reluz.
Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, Mouros a milhares,
Morde enueja as suas mãos, rise a verdade.
Pera as festas diuinas, que lugares
Tão claros hi ganhastes pellas lanças,
Ledos correndo a tanta gloria a pares,
Sem fim, sem sobresaltos, sem mudanças.*

F I M.

A M O R T E D O

PRINCIPE DOM IOAM, FI-
lho del Rey Dom Ioam •
Terceiro.

E L E G I A.

O Principe Dom Ião de Portugal
He morto, ouçao a grande natureza
Que nolo dera em mostras d'immortal.

Como

Como pode cayr tanta grandeza?

Como poderam os peccados tanto,
Que alcança a perda a toda a redondeza.

Eu digo os nossos, que no peito santo
Nunca peccado entrou, nunca entrou erro,
Bem se vê da sua gloria, & nosso pranto.

Nesta terra já nam, antes de sterro,
Day lagrimas sem fim ao mal infindo,
Idade pouco há douro, oje de ferro.

Que mais vos pede a tea, que em se vrdindo
Cortada foy, debuxo, & obra tam prima
N'hum só momento tudo â terra he vindo.

Ah, que das cousas de tamanha estima
Não somos dignos, mostramse sómente
Para sebir por ellas ao de cima.

Sens olhos alevantam entam â gente
Ao ceo co aquelle espanto ergue o sentido,
E cuida no por vir, deixa o presente.

Aquelle real corpo bem nascido,
Entendimento muito mais que humano
Subitamente desaparecido.

O grande, & rico Reyno Lusitano,
Em tam pequeno espaço oje tam pobre,
Para que foy tal bem, para tal dano?

Vãamente os olhos buscão aquella nobre
Aquelle sò real mostra em verdade

Que

As Obras de

Que escuríssima nuvem no la encobre.

Tudo he cheo de dôr, & de saudade,

Tudo de confusam, tudo he patranha;

E tudo o que cá vemos he vaidade.

A nossa grande, & rica sorte estranha,

Tal enueja te fez o fado duro?

Nossa não só, mas de toda esta Espanha.

A quem contra infieis fora alto muro,

Ora enuoluam-se as fontes, & agoas claras;

Seja na terra tudo triste, & escuro.

Que longes tão fermosos, que almenaras

Mostrauas, mas cruel quando assi ofendes

Menos mal se de longe ameaças.

Quando prometes mais, mais te arrependes

Contra nós manha, & força exercitaste,

Quando será cruel que no lo emendes?

Cruel fado por certo, que mudaſte

Hũa tal claridade em noite escura,

Porque contra nós tanto, te assanhaste.

Aquella mais perfeita criatura,

Que nunca entre nos ouue; ah graue dôr,

Meteſtea em hũa negra sepultura.

O que victoria a tua, ó que valor

Contra hũ corpo tão tenro, & tenros annos

Inda pediste ajuda ao cego Amor?

O mundo tudo vento, & tudo enganoso,

Quê

Què de aquelles triumphos, què das festas,
Que auão de tornar cedo em mais danos.
Sabe quem tudo vé, que logo eu destas
Outras que se seguirão me temi,
Andando pollas sombras das florestas.
E pollos bosques onde me escondi
Ha tanto já, guiado da influencia
Quando daquelle Ingles maluado ouui.
Altíssimo Senhor, tua paciencia
Não se pode vencer posto na Cruz
Sofreste agora, & entam sem resistencia.
Entam perdeu o Sol sua clara luz,
E agora este Sol nosso aborreceo
A terra, & fogio della, & já nam luz.
Assi me queixana eu, quando de Ceo
Me senti reprehender, qual lob jazendo
Com graue dór, mas dór mór me venceo.
Decima hum ár singello irse mouendo
Ouui claro dizer, ora que queres,
Queixumes vão, vaã mēte ao ár perdendo.
Aquelle entre os nascidos das molheres
Principe sancto, foyse a seu lugar,
Vossos uadas deixou, foyse aos prazeres.
Vós là de baixo que podeis julgar,
Nesse valle de lagrimas, & dóres,
Onde o mais que sabeis he só chorar.

As Obras de

Gentes queixosas, vãos murmuradores;
Pois não alcançais o grande, o alto cōselho;
Conuertey os queixumes em louvores.

E os olhos leuantay àquelle espelho
Que nesta gram tormenta, como hum fardo
Vedes nas mãos daquelle honrado velho.

O qual co'alta Raynha exemplo raro
De virtude, o menino offerecera
A sancta protecção, ao firme emparo.

Dum sancto natural nosso, a que erguera
De nouo, hum templo, claro tanto em tudo
Que as neuoas d'Amarante esclarecera.

Donde a Deos torna, em voz louuando o mūdo
E o que pedras lançando vinha à gente
Repousado, tambem torna, & sesudo.

Torna o alejado sam, torna o doente,
Milagres hũs sobre outros a porfia;
A fonte mana, & nam agua corrente.

E lembrayuos tambem daquelle dia,
Aquelle sancto martyr consagrado
Que he vosso protector na Epidimiz.

Que esse Reyno vos tem della emparado,
Não se vos pode dar mais clara proua,
Que o proprio braço seu a el Rey mādado.

Dos altos Ceos, o Ceo geração noua
Vos torna a dar, & tudo o que falece

No mundo que com ella se renoua.
 Este auò tal, que tudo a Deos mereçe
 Antes os dous auòs dambas as partes
 Lhe iraõ caminho abrindo em quanto crece.
 Despregando a bom tempo os estandartes,
 Para lhos entregarem victoriosos,
 Dous Romulos, dous Numas, & dous Marces.
 Se deuo comparar cos fabulosos
 Os alcos feitos de que será e deiro,
 Cos mais cinco escudos gloriosos.
 De que o seu lhe esmaltoou o Rey primeiro,
 Que a altissima visam vio, como vira
 Constantino a Cruz alta co letreiro.
 O que logo no Tibre se cumprira
 Contra o tyrano que impaciente jaz,
 Onde inda agora, parece, os corpos vira.
 Deniz cos oueros passo, em guerra, & em paz
 Honra das armas, honra dos costumes
 Que ao nouo successor gram lugar faz.
 E deixando no filho os seus queixumes
 Que erros foram porein da mocidade,
 No mais esclarecido, & de mil lumes.
 Assegurou em Espanha a Christandade
 Vencendo os Mouros, vencendo a cobiça
 De tam rico despojo, oh gram bondade.
 Pedro, que amores teue co a justiça

As Obras de

Real, & nam cruel inclinaçam,
Fez Moyses, fez Samuel justa carniça.
A justiça conforma co a rezam,
E quer São Paulo que se tenha aos Reys
Temor, nam vay diante o estoque em vam.
Muda o tempo costume, muda as leys
Humanas, está firme o natural,
Izentos, olhay bem como viueis.
Nam vos izentam para fazer mal,
Deixaynos desses vossos argumentos
Que nam val ante Deos o que là val.
Ora a ti torno, nam brades aos ventos,
A antigua busca, busca a noua historia,
Toda ella he chea d'acontecimentos.
Finalmente loão da boa memoria,
Conhecerã o quinto neto Augusto,
Digno Sebastião de tanta gloria.
Por justissima ley, titulo justo,
Do pay tudo era, passou se a melhor vida,
E dessa là nam quis mais pello custo.
Não te nego poreu, que era deuida
Magoa a tal perda, mas entende, & creme.
Poe em Deos teu cuidado, alma esquecida,
E sómente a Deos ama, & delle trem.

F I M.

A N O S S A

Senhora.

C A N C, A M.

I

Virgem fermosa, que achastes a graça
 Perdida antes por Eua, onde nam chega
 O Fraco entendimento, chegue a Fe.

Coytada desta noſſa viſta cega
 Que anda apalpando polla neuoa baça,
 E busca o que ante ſi rendo, nam vé
 Sem ſaber acinar, como, ou por que,
 Entrey pollos perigos
 Rodeado de imigos,
 Por piedade a vós venho, & por merce,
 Vós que nos deſtes claro a tanto eſcuro,
 Remedio a tanta mingoa
 Me dareis lingua, & coração ſeguro.

2

Virgem toda ſem magoa inceira, & pura,
 Sem ſombra, nem daquella culpa herdada,
 Por todos nós, tẽ o fim deſdo começo:
 Claridade do Sol nunca turbada.

As Obras de

Sanctissima, & perfeita criatura,
Ante quem de mi fujo, & me aborreço,
Ey medo a quanto fiz, sey que mereço
Dos meus erros me espanto,
Que me aproueram tanto
Agora à só lembrança desfalleço,
Mas lembrame porem que vós fizestes
Paz entre Deos, & nós,
E a quẽ por vós chamou, sempre a mão destes.

3

Virgem seguro Porto, emparo, & abrigo
As móres tempestades, ah que tinha;
Aos ventos, esta vida encomendada,
Sem olhar já a que parte hia, ou vinha
Descuidado de mi, & do perigo
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada;
Nam vos seja em desprezo esta coyrada
Alma, que ante vos vem,
Cos receos que tem
De imigos grandes, mal ameaçada,
E que eu tam peccador, & errado seja,
Vença vossa bondade
Minha maldade grande, & assi sobeja.

4

Virgem do mar Estrella, & neste lago,
E nesta noite, hum Faro que nos guia

Para o porto, antes claro, & certo Norte,
 Quem sem vos atinar, quem poderia
 Abrir sómente os olhos, vendo o estrago
 Que acras olhando, deixa feito a Morte?
 Quem me daria proa com que corte,
 Por tam brava tormenta?
 De toda a parte ventos,
 De toda espanta o tempo feo, & forte,
 Mas tudo que será? co a vossa ajuda
 Navega da lagoa,
 Que ao vento voa, & num momento a muda.

5

Virgem perfeita, & do Sacrario Sancto
 Porta que Ezechiel cerrada via,
 A parte que responde ao Oriente:
 Alto Siluado, que todo elle ardia
 Sem offendido ser tanto, nem quanto,
 E foy tal testemunha alli presente.
 Vello de Gedeon, diuinamente,
 E diuino sinal,
 Do Orualho celestial,
 Que tudo o mais enxuso, elle só sente:
 Senhora que podeis, em tal afronta
 Restituyme a mi
 Antes da fim, q̃ o Sol vayse, & trasmona.

As Obras de

Virgem, & Madre, juntamente, quem
Tal nunca ouvio, nem d'antes, nem despois,
Sómente em vos entam quem no entendeo?
Vos Madre, & Filha, vos Esposa sois,
Daquelle que apertado ao peito tem,
Vossos braços, o que nam pode o Ceo,
Na vossa alta humildade se venceo
O soberbo tyrano,
Que com enueja, & engano,
Nos fez tam perigosa, & longa guerra,
Por molher se causou tal danno nosso,
Quem nos restituyo
De vos sabis Senhora, o preço he vosso.

7

Virgem nossa esperança hum alto poço
De viuas aguas que continuo correm,
Em que se macam para sempre as sedes,
Nam de Nembrot, mas de David a torre,
Donde socorro espero ao meu destroço,
Assi tam perseguido como vedes,
Dentre tam altas tam grossas paredes
De ferro carregado,
Hum coração coytado
Chama por vos enuolto em bastas redes,
Hũa sobre outras, pore[m] sinais tenho
De ser do vosso bando

Que a vos bradando por piedade venho.

8

Virgem do Sol vestida, & dos seus rayos
Claros, enuolta toda, & das estrellas
Coroada, & debaixo os pés a Lũa,
Sam vindas minhas culpas, & querellas
Sobre mi tantas, valeyme aos desmayos,
De muitas que possa ir chorando algũa:
Nam me deixaram desculpa nenhũa
Os meus erros sobejos,
Leuaram me os desejos
Tantas occasiões, indo, hũa & hũa,
Quem tormenta passou por toda a praya
Cos ventos contrastando
Saya nadando já com vida, & saya.

9

Virgem Horto precioso alto, & desejo,
Rico ramo do tronco de lesse,
Que floreceo tam milagrosamente,
Custodia preciosissima da Fê,
Que vos tinesstes só de todo em peso,
Tendo hum, & outro Sol sua luz ausente:
Alma que os seus enganos tarde sente,
Altissima Senhora,
Por vos sospira, & chora,
Ontem menino, sou velho ao presente,

As Obras de

Voume de dia em dia, d'anno em anno,
A minha fim chegando,
Disimulando a vergonha, & o danno.

10

Virgem andando aqui, já celestial,
E em corpo assi leuada ao Ceo Empyreo,
Sem ser vista mais cá d'olhos humanos,
Certa Porta do Ceo, dos Valles Lyrio,
Que nunca teve, nem terá igual,
Dada por sò remedio a nossos dannos,
Contra os demonios, sejam meridianos,
Sejam de noite escura:
Esperança segura,
Taes forças, cōtra taes mestres d'enganos,
Com vosso esforço por terra, & por mar,
Nam digo eu auer medo,
Mas ir ao campo ledo, & pelejar.

II

Virgem das Virgens, como o tempo voa,
Nossa certa esperança,
Por toda a vezinhança
Quanto gemido a toda a parte soa,
Quantas lagrimas são mal derramadas:
Mas postos de gíolhos
Em vos os olhos, tudo o mais sam nadas.

F I M.

A FE-

A F E S T A D A

ANNUNCIACAM DE

Nossa Senhora.

C A N C, A M.

I

Dia gracioso, & claro
 Prometido de tanto,
 Tempo à gente por Deos escolhida,
 Para ser nosso emparo,
 Ah mysterio tam santo,
 Que nos colheo a morte, & deu a vida,
 Merce nam merecida,
 Que o entendimento abate.
 Celeste mensageiro,
 Que ao longo captiveiro
 Nos trouxe o se do Ceo hum tal resgate,
 Sejais na minha ajuda,
 Socorrey em tal pressa, à lingua muda.

2

Fizera-se Tyrano

A cabeça da enueja,

(Nam sey o que me logo entrando digo)

S S

Do

As Obras de

Do nouo estado humano,
Que daltines sobeja,
Tantos dos seus perdera alli consigo,
Hum odio tam antigo
De jornada em jornada,
Que auante cada ora hia,
Quem remedio li poria,
Senam quem por nos fez, tudo de nada,
Na culpa entrou molher,
Assi conuinha no remedio ser.

3

Virgem Sagrada, e pura,
Que a natureza esmalta,
É tanto atras de si tudo deixou
Perfeita criatura,
Posta em parte tam alta,
Que nunca culpa alguma lá chegou,
Com nosco conuersou,
No mundo por seu meyo
O Verbo diuinal,
Por nos feico mortal
Co a Cruz às costas de tam longe veyo,
E com tais armas sôs,
Tais imigos venceo sò para nós.

4

Foy o primeiro Adam

De Limo Virgem feito,
Inspirandolhe alli diuino sprito.
Assi estaua em rezam,
Que estoutro mais perfeito
De ventre virginal saya bendito,
Isento do delicto
Em que a serpente antiga
A todos enuoluera,
O Céo que Eua perdera,
Quem no lo abrio, ficou fora de briga,
Foylhe oje entregue a chaue,
Foylhe o nome mudado d'Eua em Aue.

O Embayxador Diuino
Com tal acatamento
Propos como o menor, ante o mayor,
A Virgem indo a cino
Regia o pensamento,
Deixando nas mãos tudo do Senher,
Diuino Resplendor,
Diuina Claridade,
Em noite escura alli tam claro dia,
Quanto em gloria sobia,
Tanto decia mais em humildade,
Temia, & confiava,
Cuidando era no Céo, ora ond'estaua.

Contemplava cada ora

Que avia de parir,

Hũa Virgem, final dado na ley,

Sempre diz, ah quem fora

Digna de a servir,

Virgem, & Madre d'hum tam alto Rey.

Peccador, que direy

Em mysterios tam altos,

Filho no Ceo sem mãy?

Filho em terra sem pay?

A tais escuridoes tais sobressaltos:

Este pó terra indigna,

Quando cuida que atina, desatina.

Se à tua grande, mas pobre vontade,

Fora dada igual graça,

Sayr puderas Canção minha à praça.

F I M.

A N O S S A

SENHORA.

1

Ay rãzon que tal cõsienta
 Pensamiẽto altiuo, y fãno
 q̃ se atreua vn pecho humano
 A poner en tal afrenta
 Su lengua, ni la su mano.
 Madre Bendita, si a vos
 No acudimos, no ay remedio,
 Que onde desmayamos nos,
 Comiençan obras de Dios
 Sin fin principio, ni medio.

2

Si al Sol los ojos alcamos,
 Como alguna ora acontece,
 La vista luego enftaquece,
 De suerte si porfiamos
 Que a toda a parte anochece.
 Si ante los mayores fuegos
 No van los menos a cuento,
 Que no nada, y que juegos

Son a vos los ojos ciegos
 De tan flaco entendimiento.

3

Seso, no te sobresaltas,
 No turbas, y alteras todo
 Del inmenso amor sin modo
 De quien hizo obras tan altas
 Cubrirse de nuestro lodo?
 Virgen, y Madre sin par,
 Alcãd lo que abaxo yo,
 En vos se vino a encerrar
 Dios que no cabe en lugar.
 Vuestro pecho lo criò.

4

Madre, y Virgen juntamente
 (Quien nũca tal cosa oyera)
 El que en principio yã era,
 Del golpe de la serpiente
 Preservada os hizo entera.
 Esto como puede ser

Que contradize la edad
 Quien todo lo puede hazer,
 Como Dios tuuo el poder,
 Como Hijo la voluntad.

5

Fuente donde gracia mana
 Siempre clara, limpia, y agena
 Del turbio, digan, que suena,
 Quando por cosa tan llana
 Os llaman de gracia llena.
 Virgen Diuino Sacrario,
 No tuuo poder alguno
 Cōtravós nuestro aduersario,

Que no puede el vn contrariar
 Con otro estar de consuno,

6

Boluia al camino errado,
 D'en ti hablar Señora indino
 Madre del Verbo Diuino,
 De tal claridad turbado
 Como atinaré sin tino?
 Limpio espejo de la Fé
 Escurecido jamas,
 Ah Senhora, ah que diré,
 Ah que soy niño, y no sé
 Lo que haga, o que diga mas.

F I M.

S E X T I N A.

¹
NAm posso tirar os olhos
 Donde os nam leua a rezam,
 Quem por à ley á vontade,
 Confirmada do custume
 Vontade que as suas leys
 Manda obedecer por força.

2

Isto que al he senam força
 Que me fazem os meus olhos
 Quebrantadores das leys,
 Brada apos mi a rezam,
 Mas que val cōtra o custume
 Em que està posta a vontade.

3

Conselhos vãos à vontade,
 Que

Quê só pode, & só tem força
 Ajudada do costume,
 Vós nam podeis estes olhos
 Erguer hum pouco â rezam
 Que faz, & desfaz as leys?

4

Que tyrania de leys,
 Que dureza de vontade,
 Ah grão mingua da rezão,
 q̃ira, ou nã q̃ira, he por força,
 Que se me vam estes olhos
 Onde mos leua o costume.

5

Nam valê leys sem costume,
 Val o costume sem leys,

Ay escravos dos meus olhos,
 Governados da vontade
 A quem destes tanta força
 Em desprezo da rezam.

6

He morta, ou dorme a rezão,
 Ou nã sente por costume,
 Que farey â mayor força?
 Ajão piedade as leys
 De quem entregue â vontade
 Vay preso apos os seus olhos.

7

Olhos apos a vontade
 As leys apos o costume,
 Apos a força a rezam.

ESPARSAS.

Voz 1

A Nossa Bulla do Amor
 Nam he pera toda a gẽre
 Perdoa a culpa sòmente
 A pena nam, nem a dôr.
 Assim faz Amor com ella
 Que cõ hũa speranza incerta

A Leandro Hero à genella
 Tras o mal, é a morte certa.

2

Porque podera abaffar,
 Ouvindo o que nasce mudo,
 Com desejos de fallar,
 Antes se lhe negou tudo.

Ora

Ora auendo de nascer
D'ouir de vos tal desejo,
Porque ouuise vos não vejo,
Nem vos espero de ver?

3

Tornouseme tudo em vento
Apos tormento, é tormento,
Que eu passsey cuidãdo em al,
Em fim veo cedo o mal,
E tarde o conhecimento.
Eu assi desenganado
Vejo vir males mayores,
O tempo em que sou chegado,
Que posso doer às dores,
E dar cuidado ao cuidado.

4

Do passado arrependido
Seguro doutro erro tal,
Seja o perdido, perdido,
E do mal o menos mal.
Façase o que vos mandais,
Não nos ouça mais ninguém
Que do mal vosso, & do bem,
Nam sey qual quisesse mais.

5

Todas as cousas tem cabo,

Seja paz, ou seja guerra,
Olhay que brada da terra
O meu sãgue, é o meu agrauo.
Cada ora em tudo â mudança
Vir à apos esta, outra tal,
Fazer justiça, & vingança,
Negra da minha esperança,
Que me doe mais q' o meu mal.

6

Nam vejo o rosto a ninguém
Cuidais que sam, & nam sam
Homẽs, que nam vam, nẽ vem
Parece que auante vam.
Entre o dcente, entre o sam
Mente cada passo a esfia,
E às oras do meyo dia
Andais entre o lobo, é o cão.

8

Como nam quereis que seja
Meu perigo em todo estremo,
Se minha alma assi deseja
Tudo o de que meu mais temo
E para mór meu tormento
Assi cego, assi alheado,
De tudo o al fuy roubado
Senam do conhecimento.

Quan-

8

Quando nos meus erros cuido
 No meu claro, & logo engano
 Leuemente passo o dano
 Apar de tanto descuido.
 Passando a força de braços
 Por hũs, por outros empeços,
 Quão mal que nestes espaços
 Dizem os fins cos começos.

9

Que la mi vida se assuele,
 Razones que ansi lo quiera,
 Y que pene, y que me muera
 Que nadie no me consuele.
 Y el porque esto acontece
 Ninguno me lo demande,
 Que si el mal parecer grande
 Gran causa no le fallece.

10

Cerra a serpente os ouvidos

As vozes do encantador,
 Eu não que fora milher,
 Porque agora meus sentidos
 Quero perder com tal dõr.
 Os que mais sabem do mar
 Fogem d'ouir as Sereas,
 Eu não me pude guardar,
 Fuyvos aver, & escuytar
 Fiz minh'alma, é vida alheas.

A Pero Carualho.

11

Mandar em tal tempo luas
 Seruiço era elle escusado,
 Outra cousa foram vuas,
 Outra vinagre rosado.
 Certo que outra cousa fora
 Mas poreu,
 Ninguem dà o que não tem,
 E nem do que tem jagora.

CANTIGAS.

Q Ve he isto, onde me lançon
 Esta tēpestade mã,
 Que de mi senão sou lâ,
 E cá comigo não vou?

T

Volta.

As Obras de

VOLTA.

Inda que me eu câ nam via
(Tudo vos confessarey)
Onde a vos, & a mim deixey
Cuidana que me acharia.
Agora quem donde estou
Novas de mi me trará,
Pois dizeis que nam sou lá
Não sey sem mi onde von.

CANTIGA.

Comigo me desauim
Sou posto em todo perigo,
Nam posso viuer comigo,
Nem posso fogir de mi.

VOLTA.

Com d'or da gente fogia
Antes que esta assi crecesse,
Agora ja fogiria
De mi, se de mi pudesse.
Que meo espero, ou que fim
Do vamo trabalho que sigo,

Pois me leuo a mi comigo
Tamanho imigo de mi.

CANTIGA.

Nascido, & criado em meo
De dóres, fez se a d'or tal,
Que pode chegar o mal
Onde nam pode o receo.

VOLTA.

Que se eu pudera algũa ora
Em tanto tempo cuidar,
Dever tamanho pesar
Poderao sofrer agora.
Mas que farey se a d'or veo
Crescendo a fazer se tal,
Que pos auante o final
Donde o pusera o receo.

CANTIGA.

Sortes, & venturas sam
Os males que me fazeis,
Se tendes rezam, senam

Senho.

Senhora, vos o sabeis.

VOLTA.

*Posto que eu quanto padeço
Co mais que de vos espero,
Queroo se volo mereço,
E senam tambem o quero.
E que agora o nam cuideis
Annos, & tempos faram,
Que o que por rezam aueis
Inda ajais por sem rezam.*

CANTIGA.

*Rezam, & tempo seria
De ver sua vaydade,
Aquelle cega vontade,
Que tam cegamente guia.*

VOLTA.

*Se pudera hum grande imigo
Fazer mais? certo he que não
Por mimos do coração
Inda tudo o pior figo.*

*Voume assi de dia em dia,
Olhos de longe à verdade,
Entre tanto esta vontade
Assi cega guia, guia.*

CANTIGA.

*Nada do que vés he assi
Tras os olhos nam te aballes,
Tudo he tirem me daqui
Matem me nessoutros valles.*

VOLTA.

*Posto que al te assi parece
Deste sonho, & mostra vaã,
Por de fora resplandee
Dentro nam ha consa saã,
Corri montes, corri vales
Cego cuidado apos ti,
Deixame morrer já aqui
Nã me mãdes ver mais males.*

CANTIGA.

Foyme grande aggravo feito,

As Obras de

Serme hia ora máo de crer,
Quem mo fez, podeo fazer,
Ou a torto, ou a direito.

VOLTA.

Estana ordenada hũa ora
Veo, nam ouue hi tardança,
E leuoume hũa speranza
Que senão fora, eu, nam fora.
Que remedio ao q̃ he já feico,
Quem o fez tinha o poder,
Eu já que posso fazer
Mais q̃ gemer em meu peito.

CANTIGA.

Cego deste meu desejo
mal dos males, mór dos móres
Que não daria estas dôres
Por quantos prazeres vejo.

VOLTA.

Meu mal tudo tem por si
Taõ cegamente deseja,

Que inda não vejo, nem vi
Cousa que me faça enueja!
Teue este mal os seus meos
Com que aprouue a sua dór,
Mas trago inda os olhos cheos
Que ey dever cedo outro mór.

CANTIGA.

O coraçam que vos vê
Aos olhos que vos não vem,
Não nos culpe, que nam tem
Algũa rezaõ perqué.

VOLTA.

Cada ora estes olhos canso
Por estes montes arriba,
Que ha vista curta, & catina
Tolhem todo seu descanso.
Deixemnos cegar que tem
Chorando rezão porque,
Buscouvos alma, & lâ he,
Elles cà chorão daquem.

CANTIGA.

Toda

*Toda esperança he perdida,
Tudo veo a fallecer,
E o que inda fica da vida
Ficou para mais perder.*

VOLTA.

*Aquella esperança minha
Assi fraca, & vã como era,
Cos olhos que eu nella tinha
A todo mal me atrevera.
Ora ella está já perdida
Mas nã me há de fazer crer,
Que nam ha mais nesta vida
Senam nascer, & morrer.*

CANTIGA.

*Por estes campos sem fim
Onde a vista assi se estende,
Que farey triste de mim
Pois veruos se me defende.*

VOLTA.

Todes estes campos cheos

*Sam de saudade, & pesar,
Que vem para me matar,
Debaixo de ceos alheos.
Mal sem meo, mal sem fim
Dór q'ninguẽ não na entende
Atẽ quam longe se estende
O vosso poder em mim.*

CANTIGA.

*Pois meu mal com quanto hẽ,
Inda a crueldade he môr,
Ao menos faça esta dór
Ante vos se de tal fẽ.*

VOLTA.

*Vistes passar tantos annos,
Ditou sempre este cuidado,
Mas d'homem desenganado
Nũca estranheis desenganos.
Que sem causa, & sem por que
Tras hũ mal outro mal môr,
Mas de mi seja o que for,
Lembre só que he polla fẽ.*

CANTIGA.

As Obras de

Tudo passa como hum vento
Hũ mal sēpre me he presente,
Que ao coraçam innocente
Cada ora poem a tormento.

VOLTA.

As voltas c' hũas sospeitas
Contas fiz, contas desfiz,
Mas estas despois que as fiz
Foram para sempre feitas.
Iaz alto seu fundamento
Neste brauo fogo ardente,
Por quem culpa doje sente,
Moura o sē culpa a tormēto.

CANTIGA.

Olhay a camanha estreita,
Señora minha alma he vinda,
Na vida infinda sospeita,
Na morte saudade infinda.

VOLTA.

Quem me dar á novas penas

Inda que o mal tudo tolha,
Com que voe, é que me acolha
Do meo de tanta penas.

A sayda agra, e estreita
Causaraõ tanta ida, e vinda
Da vida lança a sospeita,
Da morte saudade infinda.

CANTIGA.

Se me este cuidado atura,
Que me persegue, e q̃ en figo
A vida estã em perigo,
E alma pella ventura.

VOLTA.

Bem sey tudo o que ha de ser,
Mas he de tanto pezar,
Que ey medo de o dizer,
E medo de o cuidar.
Nam vejo cousa segura
Segura he só o perigo,
E o que agora nam digo
Deixay fazer à ventura.

CANTIGA.

*Alma nam sem affossoço,
Que nem deste âr me farto,
Donde cum queixume chego,
Cõ mil queixumes me parto.*

VOLTAS.

*Nas consas em que algũa ora
Efferey de ter reponso,
Triste de mi que jágora
Só mente cuidar nam enso.
A que fraqueza que chego
Em quantas partes me parto
Por este coraçam cego,
Nunca de seus males farto.*

*Os meus perigos medonhos
Em q alma cada ora empeça
Os ventos, nevoas, os sonhos
Que nam tem pés, ãe cabeça.
O que com a lingua nego
Por muitos sinas reparto
Em poder daquelle cego
De cujo poder nam parto.*

Malas noites, malos dias

*Com medos, & com sospeitas,
Fazendo contas baldias
Que asinha serão desfeitas.
Com muito desaffossoço
Com que chego, & cõ q parto,
Com ver tanto, & cõ ser cego,
Todos do que encubro farto.*

CANTIGA.

*Señora oyd la mi suerte,
Y de vuestra crueldad,
Por no pediros piedad
Antes la pido a la muerte.*

VOLTA.

*El mi coraçon caydo
En tanta cuyra, y desmayo;
Pues que nunca os ha monido
Ante la muerte lo trayo.
Mas no se como concierte
Tan grande desigualdad,
Que me hazeis pedir piedad
Cõtra la muerte a la muerte.*

CANTIGA.

As Obras de

Quanto mal me hã ordenado
Las cosas con que nasci?
Algunas me han desechado
Alcancé otras contra mi.

VOLTAS.

De la mi alma no sé
Ques della, y mi coraçon,
A la fuerça no ay razon
Cada vno tras vos se fue.
Vida, memoria, y cuydado
Sentidos que a vos ergui,
Estos nunca me han dexado
Por ser en mas contra mi.

Dexome mi libertad,
Y el amor que me tenia,
Dexome mi alegria,
Dexome mi voluntad.
Los ojos con que yo os vi,
Vida, memoria, y cuydado,
Estos nunca me han dexado
Por ser en mas contra mi.

CANTIGA.

Puedese esta llamar vida
A la qual se entra llorando,
Y si passa sospirando
La muerte es la su salida.

VOLTA.

Por lo qual yo sin ventura
Con gran cuisa he desseado,
Que vniere sido llenado
Del parto a la sepultura.
Toda esperança perdida
Yo no sé loco tras que ando,
Voyme ansi deuaneciendo
Entre la muerte, y la vida.

CANTIGA.

El aggrauio que recibo
De quien yo menos deuiera,
Dexame llorar si quiera
Ya que para mas no bino.

VOLTA.

Alinio sea, o salida

Al dolor, esto que os cuesta?
Que no passe a la otra vida
Con tanta querella desta.

Mièrras de mal tan esquivo,
Mas mal no quiere q̃ muera,
Dexame llorar si quiera
Tendré solo esto de bino.

CANTIGA.

Mal de que me eu contentey,
A conta feita está já,
Agora descansarey,
Se me segue matarme ha
Se me deixa matarmey.

VOLTA.

Nas cousas que nam ha meo,
Escusado he cansar mais,
Ir de receo em receo,
E de sinais em sinais
Espreitando o bem alheo.
Em vam cà, & là cansey
Tudo me he tomado ja,
Agora descansarey.

Que este mal me matará,
Senam eu me matarey.

CANTIGA.

Hũa morte ey de morrer,
Que faz mais assi que assi,
Isto nam posso sofrer
Aueremse de perder
Os olhos com que vos vi.

VOLTA.

Os olhos, porque passaram
Os vossos ao coração,
Onde para sempre estão.
Sam estes que me ficaram
Para minha saluagam.
Mas se inda os ey de perder
Afora quanto perdi,
Acabarey de morrer,
Acabarey de entender
Para quanto mal nasci.

ALHEA.

La que yo tengo no es prision,
T s Uos

As Obras de

Vos sois prision verdadera,
Esta tiene lo de fuera,
Vos teneis el coraçon.

VOLTAS.

De la gente que aqui viene
A verme, derisa muero,
Riome del carcelero
Que pñesa que aqui me tiene.
Viene, y mira la prision
Vê los hierros por de fuera,
Mas no ve que cada vno era
Donde era su coraçon.

O remo sea, o sea vara
Si estâ en el agoa metida,
Qualquiera vista por clara
Que sea la ha por torcida.
No os engañe mi prision
Aunq̃l cuerpo aqui se muera
Buscadme alla por de fuera
Por donde anda el coraçon.

ALHEA.

Como no se desespera

Quien se vé como yo me veo,
Tan lexos de do deſſeo,
Tan cerca do no quifiera.

VOLTA.

Triste que ha de ser de mi
Como biuo sola vna ora
Viendo qual me veo aqui,
Y qual me he visto alguna ora.
Mi eſſerança liſongera
Con quien tanto ha que peleo,
Que me quereis que no veo,
Por que la vida ya quiera.

CANTIGA.

Ledo em meus males ſe cura,
E nos deſcanſos cansado,
Querendo, e ſendo forçado,
Ora cuidar me aſſegura,
Ora me mata o cuidado.

VOLTA.

Aſi me tem repartido

Eſtre-

Estremos, que nam me entêdo
 De toda a parte corrido,
 De toda desacorrído,
 Em nenhũa me defendo,
 A vida està mal segura.
 Mas eu quero este cuidado,
 Que mal tam bem estimado,
 Em tanta desauentura
 Me faz bemaumenturado.

ALHEA?

En toda la tramontana
 Nunca vi cosa mejor,
 Que era la esposa de Anton
 Vaquerizo de Morana.

VOLTAS.

Naquelle longo desterro,
 Que eu por vengade escolhi,
 (Quer fosse rezam, quer erro
 Quis o coraçam assi)
 Vi hũa visam vfana,
 As vezes cuido que nam
 Fosse verdade, ou visam,

Hia em trajas de serrana,
 Nam era o coraçam quedo
 Indo, & tornando a meude,
 Ora o prazer, ora o medo
 Tiue me o melhor que pude.
 Quâtos bês me a sorte dana?
 Brada quem o vee em vam,
 Tal como era, era d' Antam
 Hum vaqueiro de Morana.

Olhos que tais olhos vistes;
 Viuey bemaumenturados,
 E porem ouvidos tristes
 Para tanto mal guardados.
 Que he isto que assi me engana
 Que assi despreza a rezam,
 Suspirava por Antam
 Quê nã tẽ nada de humana?

ALHEA?

Ay que el alma se me sale
 Y el porque fienço per della,
 Es porque estais vos en ella
 Que la vida poco vale.

VOLTA.

Loco de mi, que pensava
Poder aqui de tener
Comigo, vna alma que estava
Usana en vuestro poder.
Que quereis que a esto iguale
Siendo vós senhora della,
Esta es toda mi querella,
Que lo mas todo que vale?

A la bella mal marida.
dada.

VOLTAS.

Ansi que aquella hermosura
Nunca vista sin espanto,
La gracia, y desenuoltura
Todo se hà tornado en llanto.
Fortuna tan mal mirada
Que embidia tiene de si,
Donzella dichosa ansi,
Y dueña tan desdichada.

No sé que diga, o a quien

Culpemos en mal tamaño
No se ajunta tanto bien
Sino para tanto daño.
En todo tan acabada,
Dixi yo luego que os vi,
No nascistes vos ansi
Para ser bien empleada.

CANTIGA.

Huye el tiempo, está el mal qdo,
Pensé morirme, y no muero,
Desengañarme no quiero,
Quando ya quiero no puedo.

VOLTA.

Todo se me vâ en antojos
En esta prision obscura,
Cuitados de los mis ojos
Que pagan tanta locura.
De todo me pide el miedo
Lagrimas como de fuero,
De lo que puedo, y no quiero
De lo que quiero, y no puedo.

CANTIGA.

De quem me deno queixar
De vós que pudera ser,
Nam vos sabe alma culpar
Fica sómente o sofrer,
Se mais fica he sospirar.

VOLTAS.

Os meus sospiros régora
Quasi crão contentamentos
Tambem de prazer se chora,
Entraraõ males de fora
Nã hũ, nã dous, mas seisçecos.
E naõ lhes bastou entrar,
Mas inda sempre a crescer,
Onde ha isto d'ir parar,
Nam fica senam sofrer
Ao mudo do sospirar.

Ora os sospiros que sam,
Saluo ar espalhado ao vento,
Onde brada o coraçam,
Nossos ouvidos nam vam
Deixaõ tudo ao entendimẽto.
Que me eu quisesse queixar
Quem me poderia crer?

Deixay já venha o pezar,
Que pode o pouco empecer,
Que pode o muito durar.

ALHEA.

Naquella alta serra
Me quero ir morar,
Quem me quiser bem,
Que m me bem quiser
Là me irâ buscar.

VOLTAS.

Nestes pouoados
Tudo sam requesta,
Deixayme os cuidados
Que em vos deixo as festas
Daquellas florestas,
Verey longe o mar
Perme ey a cuidar.

Sombras, & agoas frias
Quando o Sol mais arde,
Despois sobre a tarde,
Per cá bradarias,

As Obras de

Vés, que pressa os dias
Leuam, sem cansar
Nunca ham de cornar.

Nam julgue ninguem
Nunca entrem por si
Mais d'hum bem que ouvi
A vida nam tem,
Nam deixa este bem
Onde se elle achar
Mais que desejar.

Deixa as vaydades
Que da mão â boca
O prazer se troca,
Trocarse as vontades,
Essas vãs sandades
Armadas no ar,
Que podem durar?

Naquelle effusura
Nee ey dir escender,
Venha o que vier,
Achar me ha segura,
Se tal bem nam dura,
Ao seu trespassar

Tudo ha de acabar.

CANTIGA.

Até quando me tereis
Nesta dór que por vos quis
Os serviços que vos fiz
Quando mos perdoareis.

VOLTA.

Nam ser vosso, nam he em mi
Isto quereismo acoymar,
Que perdam posso esperar
Se esta alma he vossa sem fim.
Se me tanto mal fazeis
Por serviços que vos fiz,
O bem que vos quero, & quis
Quando mo perdeareis.

CANTIGA.

Entre temor, & desejo
Vaã esperança, & vaã dór,
Entre amor, & desamor
Nem criste coraçam vejo.

Volta.

VOLTA.

Nestes extremos cativo
 Ando sem fazer mudança,
 Se já viui desesperança

Agora de chorar viuo.
 Contra mi mesmo pelejo
 Vem de hũa dôr, outra dôr
 Vem dum mal outro mal môr
 De hum desejo môr desejo.

VILANCETES.

Esperanças mal tomadas
 Agora vos deixarey
 Tam mal como vos tomey.

Mas porey, ó que cuidados?
 Deixemos erros passados
 Em q' eu por meu mal entrey,
 E por meu mal sayrey.

VOLTAS.

Que vida ha de ser a minha,
 Por tempos, nã por mudanças
 Que possam vir? pois nã tinha
 Mais bẽ que estas esperanças
 Agora às desconfianças?
 As sospeitas, que farey?
 Como me defenderey?

Conselhos mal-atinados
 O tempo ao menos vos canse,
 Partam cuidados, & vãse,

VILANCETE.

Que mal auindos cuidados
 Me tomaram entre si,
 Nunca tais cuidados vi.

VOLTAS.

A minha alma nam repousa
 Nem de noite, nem de dia,
 Dentro della contraria
 Toda a cousa a toda cousa
 O cuidado que mais onsa,

E que

As Obras de

E que mais confia em si,
Ora he assi, ora assi.

Que me quer este receo
Inda sobre meus aggrauos,
Tem me tomados os cabos
Nã tendo meus males meo,
Ia nam confio, nem creio,
Ia conficy, & ja cri,
Mal assi, & mal assi.

Inda se isto ser pudesse
Que por tempo se faria,
Que hũa ora me nã temesse
Isto me descansaria,
Mas nam vejo, por que via
Se possa fazer que assi
Nã moura como vini.

ALHEO.

No pergunteis a mis males,
Que tales son,
Preguntaldo al coraçon.

VOLTA.

Por mis bienes preguntais,
Entiendo que por mis penas,
Que siempre tuue por buenas
Vos ved como las llamais,
Que ansi como las nombrais
Ansi confieſſo que son
Los bienes del coraçon.

VILANCETE.

Em pago daquella dór,
Que eu tã mal vos merecia,
Se verey inda algum dia.

VOLTA.

Se vos senhora aprouneſſe
De ver esta minha fé
Hũa ora sò antes que
Morreſſe, deſpois morreſſe,
Quem tal ſperar pudesſe
Com todo o mal poderia,
Cos olhos naquelle dia.

ALHEO.

Todos vienen de la Villa,
Solo no viene Dominga.

Volta.

VOLTA.

Toda persona tornò
 Que parado he mientes bien
 Una falta, y es por quien
 Quanto a mi nadie boluio
 Que me haré cuytado yo
 Con que la vida sostenga,
 Hasta que Domenga venga.

ALHEO.

Por malos emboluedores,
 Pierdo triste mis amores.

VOLTAS.

A hũ só descanso q̃ eu tinha
 A hũa só esperançã
 Onde veo tao a sinha
 Hũa tamanha mudançã?
 Que se fez da confiançã,
 Com que nos tormẽtos mōres
 Eu sofria as minhas dōres?

Se auia o ser de ser tal
 Melhor fora antes não ser,
 Ou uessem enu ja ao mal

Que ao bem mal podera ser,
 Lã vejo vir a correr
 Sobre mi meus matadores,
 E fugir os valedores.

Maes que eu tanto estimaua
 Quem se nos meteo no meo,
 Em tẽpo que eu mais andaua
 Sem sospeita, e sem receo,
 Que grãd'engano, que enleo?
 Que engeitão os seruidores,
 E querem antes senhores.

VILANCETE.

Coração onde jouuestes
 Que tão má noite me destes.

VOLTA.

Toda a noite pelejei
 Eu, que já mais não podia,
 Busqueyvos não vos achei,
 Sem vos eu só que faria?
 Destes me dōres de dia,
 Pello que assi me fizestes
 De noite dōres me destes.

U

Vilan-

VILANCETE.

Se meu tormento me desse
Lugar pera cuidar n' elle,
Não me queixaria delle.

VOLTA.

Foy me dado hũ só momento
Desde então pude atinar,
Que não fora elle tormento
Se me dera este vagar
Não mo quiserão mais dar,
Por que pudera com elle
Ter vida, & mouro sem elle.

VILANCETE.

Os meus castellos de vento,
Que em tal cuyra me pusestes
Como já vos desfizestes?

VOLTAS.

Caystes me tão asinha,
Cayrão me as esperanças
Isto não forão mudanças
Mas forão a morte minha,
Castellos sem fundamento

Quanto que me prometestes,
Quanto que me falecestes?

Armey castellos erguidos
E stene a fortuna queda
(E dix-) gostos perdidos
Como is a dar tã grã queda?
Mas ò fraco entendimento
Em que parte vos pusestes
Que então me nã socorrestes?

VILANCETE.

Deixayme as minhas tristezas
Que jágora outra alegria
Mayor perigo seria.

VOLTA.

Os males acostumados
O mesmo costume os cura
Bẽs tão vãmente esperados
Quẽ nos sofre? quẽ os atura?
Crieyme com meus cuidados
Iãgora não saberia
Viver noutra companhia.

VILANCETE.

O meu mal pudeo sofrer
Este, porque todo he vosso
Que vos não doa não posso.

VOLTAS.

Vos passaylo alegremente
Mal ajão os maos sinais,
Que então sam elles mortais
Quãdo homẽ seu mal nã sêre
Nada sinto ao presente,
Quanto nos custa este vosso
Assi quero, & assi posso.

Mas se ahi ha peso, é medida,
Nem de todo he tudo vento,
Tambem o meu sentimento
Pode ser final de vida,
O esperança comprida
Que eu somente pollo vosso
Esperar tanto não posso.

VILANCETE.

Estes meus olhos que assi
Lisongeão á vontade

Se lhe fallarão verdade?

VOLTA.

Ey medo que não fallem
Não me fio no que vejo
São segredos do desejo
Cõtra quem olhos não valem:
Não sam, para mais que assi,
Andar ao som da vontade
Chorando a necessidade.

ALHEO.

En las tierras de do vine
Vi quanto se puede ver,
Allà me quiero boluer.

VOLTA.

Pero mientras deuanco
Pensando en quanto allà vi,
Forçado e tenido aqui
Lleuado allà del desejo,
Mientras debato, y peleo
Si la vida faller

As Obras de

El alma aūrà de boluer.

ALHEO.

*Saudade minha
Quando vos veria.*

VOLTAS.

*Por terra já assi
Tudo, em tal mudança
Que faz vida aqui
Nenhũa speranza?
A minha lembrança,
A minha porfia,
Que mais aporfia?*

*Que faz hum desejo
Tão desenganado,
Que faz o obejo
Deste meu cuidado?
Comigo afferrado
Quando anoitecia,
Quando amanhecia.*

*Saudade, & suspeitas
A certo, & a derreto
Não sereis desfeitas*

*Quando eu for desfeito,
nda frio o peito
Inda a lingua fria
Por vos bradaria.*

ALHEO

*Pois os meus olhos sam vossos
Que faço eu
Em dar a seu dono o seu.*

VOLTAS.

*Quantos conselhos se dão
Aos olhos com que vos vi,
Hum diz assi, outro assi
Razões que não vem, nẽ vão.
Vou-me apos o coração
Que vos já deu
Quanto soya a ser seu.*

*Tudo he em vosso poder
De liure que eu aqui vim
Não deixastes nada em mi,
Nem olhos que al possam ver
Mas como podia ser
Vervos eu,
E ter mais nada de meu.*

Alheo.

ALHEO.

Que nam sejaís entendido.

Sola me dexaste

En aquel hiermo,

Villano malo Gallego,

VOLTAS.

Voyme a do te fuyste,

Voyme no se a donde

El valle responde,

Tu no respondiste,

Moça sola ay triste,

Que llorando ciego

Tu passulo en juego.

Por hiermos agenos

Lloro, y grito en vano,

Gallego, y villano,

Que esperaua yo menos?

Ojos de agua llenos,

Vos pecho de fuego

Quando aureis sosiego?

ALHEO.

Que vos farey meu cuidado,

Onde vos trarey metido,

VOLTA.

Descobristes cada ora,

Cuidey q̃ era â minha mingoa

Mas em quanto vedo a lingoa

Saís pellos olhos fora,

E nam cuidais que me fora

Milhor nunca ser nascido,

Que ser meu mal entendido.

ALHEO.

Desengancy hum cuidado

De parte do coraçam

Com hũa desesperaçam.

VOLTA.

Tenho a conta feita, & cheza

O que ha de ser, seja logo,

Pollo ferro, & pollo fogo,

Que nam he a morte tam fea,

Viui à vontade alhea

Moura a minha, é quãdo nã

A pesar do coraçam.

ALHEO.

As Obras de

*En mi coraçon os tengo
Por las gentes no os veo.*

VOLTA.

*Por lo qual buelto a mi seno,
Por quanto bien del confio
El mi coraçon ageno
Betuio de nuevo a ser mio,
D'otra parte yo sandio
Engañado del deſſeo
Con los ojos deuaneo.*

ALHEO.

*Este mal
Otro tiempo lo ſenti,
Mas no me dolia anſi.*

VOLTAS.

*Este es el fuego por cierto,
Si del todo no eſtoy loco,
Que me abraſó poco a poco,
Crecio andando encubierto,
No fue muerto
Como deniera, yo ſi
Que no ſe parte de mi.*

*Por demais es que me vele,
Que me tema, y q̃ me guarde,
Que el Sol q̃ mas tarde ſuele
Descubrir, mas rezio ard —,
Aunque tarde
Abri los ojos, y vi,
Que otro mal no duele anſi.*

ALHEO.

*Quem cuidar, & quem diſſer,
Que de matar ſois ſeruida,
Nam ſabe que couſa he vida.*

VOLTAS.

*Não he dano o que não dana,
A morte de voſſa mão
Não he morte, he nome vão,
Que â primeira face engana,
Onde não ha couſa humana,
Tudo eſprito, & tudo vida,
Mal jará a morte eſcondida.
Ficaſſe porem julgando
Entre hũa, entre outra ſorte,
Se daſ vida dando a morte,
Que fareis a vida dando?*

A fê que vay embicando,
Nã vee dos olhos tal vida
Sõmente porque duvida.

DE DOM SIMAM
Da Sylueira.

TU presencia deſſeada,
Zagala deſconocida,
Di, porque la has eſcondida.

VOLTAS.

Ha la tu tierra aſſolada
Que eras toda ſu riqueza,
Nascida en ella, y criada
Pudiſte hazer tal crueza?
Que en tal miſeria, y pobreza
Pueſto la has con tu partida
Y a mi cuytado en tal vida.
Oydos que enſordeciſtes
A ſeſpiros, y a los ruegos,
Que veran mis ojos triſtes,
Aqui dexados tan ciegos
Vaſcos, y deſaſſeiegos
Quedan en mi por la vida.

Que es tras tus ojos huyda.

Las yeruas, las ſombras frias
Y las flores que has piſado
Quanto te via, y tu vias
Todo queda auenado,
Vn triſte, vn ciego, vn cuytado,
Un loco en la tu partida
Paſmando pier de la vida.

ALHEO.

Pollo bem mal me quiſeſtes,
E eu nunca tenha prazer,
Se mal vos poſſo querer.

VOLTA.

Fora ella rezão igual,
Mas vede as leys q̃ Amor tem
Que em vez de vos querer mal
Aſi vos quero mór bem,
E paſſo tanto inda alem
Do que eſte mal ſoe fazer,
Que me venho aborrecer.

ALHEO.

Quien te hizo luan paſtor

Sin gasaj, y sin plazer,
Que tu alegre solus ser.

VOLTA.

Un hierro, y mas en zagal
No es cosa que mucho espate
Mas seguir siempre adelante,
Que es mal, si este no es mal?
Pesame de verte tal,
Que huye el gasajo a correr,
Y no passa el desplazer.

ALHEO.

Dime tu senhora di,
Si me fuere desta tierra
Si te acordaras de mi.

VOLTAS.

Los mis pensamientos saltos,
Que a desora erguidos caen
Por tierra, siempre me traen
En daldu, y sobresaltos,
Passados montes tan altos
Que será? lo que es aqui,
No aurà memoria de mi.

Con quanto ya desatino
En esto no deuanco,

Allà males del camino
No los que por aqui ven,
Mas el alma, y el desseo
Quien los lleua à de aqui
Que no dan nada por mi.

Que estraña merced me fuera
En la triste ausencia mia,
Sólo crer que se sabia
Quando ojos aca boluiera,
Ia fuesse en burla siquiera
Los lugares do te vi,
Te hiziesen mencion de mi.

Buelno a lo en q auia errado,
Por mis locuras me voy,

Que ni sabes quien yo soy
Entre quantos te an mirado,
Saluo si por mas enyado
Sin memoria otra de mi,
Mas ya fuesse, y fuesse assi.

ALHEO.

Que posso de vos dizer,

Pois que nam posso chegar
Co desejo a vos louvar.

VOLTAS.

Esta vaã vaydade minha
Que tam ousada começa,
Estã sem pés, nem cabeça
Nã deu começo ao que vinha
A vaã que só se mantinha
Como Camaleão do ar,
Nam se atreve a desfejar.

Forças que vos enganaes
Cuidando em tam altos voos,
Ia nestes começos caes
Himos acabando nos,
Senhora a quem vos lâpos
Tam alta a graças que dar,
E a vos que nos perdoar.

Quem será de veruos digno?
Vinos, foy alma pasmada,
Fuy assi como hum menino
Que vê que se spanta, é brada,
Nam sabe mais dizer nada.
Pode-se a veruos chegar

Y mais he tudo pasmar.

ALHEO.

Tañosos vo mi pandero
Tañosos yo, y pienso en al.

VOLTAS.

Miëtra el mal arde, y destruye
Busco con que el tiëpo engañe
Y desora el alma huye,
Que no sé quasi quien cañe,
Dexa aqui que me acompañe.
Esta mi cuyta mortal,
Y và pensando en mas mal.

U^o Amor por cierto villano
Fieme como sandia,
Pusome el pandero en mano
Fuesse con el alma mia,
En esta tristeagonia
De mi cuyta desigual,
Ni muere, ni mata el mal.

ALHEO.

Quien viesse a aquel dia,
Quando, quando, quando

Salieſſe mi vida
Já de tanto bando.

VOLTAS.

Ay mis tristes ojos,
Tan tristes, tan tristes,
Viſtes mil enojos,
En plazer no viſtes.
Viſtes añadida
A mi pena, pena,
Y en tan luenga vida
Nunca vna ora buena.

Si a la ſuerte mia
Pluguieſſe, ah pluguieſſe,
Que vieſſe ora el dia
En que mas no vieſſe.

ALHEO.

Acuſtumeyme a meus males
E já acuetumado a elles
Andão porme apartar delles.

VOLTAS.

Ah que cruel tyrama,
Não ſey que nome lhe ponha,

Não me doe de hũa peçonha
De que eu jágora viuia,
Quando meus males ſencia,
Quando me queixaua delles,
Lá me auieſſe com elles.

Mas deſpois q já mais brãdo
Sentia o mal por cuſtume,
Virãme andar ſem queixume
Matãome remedios dando,
Tudo ſe vay reueizando,
Males que tremia en delles
Mouro com ſaudade delles.

De Garci Sanchez.

SEcaran me los pezares
Los ojos, y el coraçon
Que no puedo llorar no.

VOLTAS.

Quedar qual eſta alma queda
No ſé como pueda ſer,
Si otros lloran con plazer
Que ella de triſte no pueda,
Quando vna perſona leda

Puede

Puede llorar, como no
Puede vn triste coraçon?

ALHEO.

Pusiera los mis amores
En vn tan alto lugar,
Que no los puedo olvidar.

VOLTAS.

Al mi mal tan mal creydo
Dolor sin fin, y sin medio

El remedio era el oluido,
Yo oluideme el remedio,
Por vos no duelen dolores,
Por vos no peza el pezar
Como os podrè olvidar?

Por vos el contentamiento
(Quien nunca tal cosa oyó)
Entre la muerte, y tormento,
Lugar para si hallò,
Y en medio de mil dolores,
Que andan para me matar,
A plazer se puede estar.

N A S E P V L T V R A

DE PEDRAZA, Q V E N O

Cancioneiro gèral se chama

Constancio.

Epitaphio.

A Alma q̃ en tã breues dias
Tal nōbre, y tal fama às dado
At cuerpo aqui sepultado
Que a otra parte regias.

Aqui la carne pezada
Ya tierra, espera por ti,
Alma bienaventurada,
En esto no te vâ nada
Les hombres piensan que si.

NA SEPULTURA DE HUMA DAMA.

EPITAPHIO.

DE quam pouca terra satisfeita jaz,
A quem toda ella nam na merecia,
Aquella que triste, ou leda, ou como hia
Assi punha tudo em guerra, ou em paz.
Leuounola a morte cruel que desfaz
As mayores cousas com mayor presteza,
Ah Morte, ah Mundo, ah tua riqueza,
De quam pouca terra satisfeita jaz.

NA PRISAM DE HVM SEV GALEGO.

I INda q me en ria, é me calle E me faça surdo, & cego, Bem sey eu, porque o do valle Correo tanto ao meu Galego. Como com ladram fez festa, Mas inda mal a la fé,	Porque hum escrito na testa Nam tras cada hũ de quẽ he. 2 Entre claros, entre escuros Homẽs de seiscentas cõres Andam por aqui seguir os Nam lhe saem corredores.
---	--

Apos

Apos quem torna por si,
 E primeiro mata, ou morre,
 Não corre o do valle assi
 Apos hum collo assi corre.

3

Bom matador, bom ladrão
 Que fugindo arma entretão
 Deyxa acolher Bastião
 Que pica, e não rende tanto.
 Vive polla tua pena,
 Outrê prenda, outrê cõdene,
 Nunca toques no da pena
 Em que te as barbas depene.

4

Escreues pello ribeiro,
 Anda só ao que he proveito
 Has de pagarlhe o dinheiro,
 Ganhesse a torto, e a dereito.
 Deixa andar os encartados
 Que tem cheos os caminhos,

De virotões ouriçados
 q̃ são quãis porcos espinhes.

5

Come, e bebe, pois te presta,
 Não cures das cõsuadas
 Com que vem juntos á festa
 Tendouos todos em nadas.
 E onde vires hum coyado,
 Que em te vendo perde a cõr,
 Ferra delle homem ousado,
 Não se vá tal mao feytor.

6

Executores da ley,
 Auey vergonha algum dia,
 Este chama aqui del Rey,
 E stoutro chama à valia.
 O outro diz em Portugal
 De varas não ha hi mingoas,
 Desata a bolsa que val,
 Traz sempre arada a lingua.

A A N T O N I O

DE SA FVGINDOLHE HVNS

Seus moços.

1

P Artio Francisco florido,
As mãs novas logo soão,
As Aues mudadas voão,
Criados mudão vestido,
E mais se armadas atroão.
Diz o pay de Salamão,
Que he homem para alegar
Se vos lembra em que lugar,
Quem me comia o meu pão
Tratava de me enganar.

2

Que graça me já contarão
Ha dias dum Castelhana
A quem criados tal dano
Por vezes lhe assi causarão
Do seu pão, & do seu pano.
Veo o seu dia, & achou
Moços de nouo empenados,
Como os vio adermentados
Os vestidos lhe furtou,
E fugio aos seus criados.

C A N T I G A D E

DOM IORGE MANRIQUE

Que o Author gro-
sou.

NO se por que me fatigo,
Pues con razon me vécis?

No siendo nadie conmigo,
Y vos, y yo contra mi.

Yo por aueros querido,
 Y vos a mi desamado,
 Cō vuestra fuerça, y mi grado
 Auemos a mi vencido.
 Y pues fuy mi enemigo,
 En me dar como me di,
 Quien osarà ser amigo
 Del enemigo de sí?

GLOSA.

DEl tormento fatigado
 No se que consejo sigo,
 Voy de cuytado en cuytado,
 Mas despues en mi tornado,
 No se por que me fatigo.

Haz lo que suele el pensar,
 Desatinandome así,
 Mas boluiendo a en vos pensar
 No se de que me quejar,
 Pues con razon me venci.

En aquella mi agonía,
La no me queixo: mas digo.

Quando fue la prision mia,
 Quien ayudarme podria,
 No siendo nadie conmigo?
 Y aune esto no abastó,
 Que harco mal era por sí,
 Que a mi me faltasse yo?
 No fuy conmigo allí, no?
 Y vos, y yo contra mi.

Que diran a tal concierto
 Sin mas dilacion cumplido?
 Entrábos me auemos muerto
 Vos porque no sé, mas cierto
 Yo por aueros querido.

Lo mas como lo sabré?
 Que en aquel puto ordenado,
 Que a vos los ojos alcé,
 A mi desamado me he,
 Y vos a mi desamado.

En el mal quando acontrece,
 Es consuelo el ser forçado,
 Tambien esto aqui fallece
 Que juntamente parece

As Obras de

Cō vuestra fuerça, y mi grado.

Fuerça, en que no cōsentistes,
Mas vuestro poder sabido,
En que venceis quanto vistes,
El, y los mis ojos tristes,
Auemos a mi vencido.

Que lagrimas, y que ruegos,
Alcançaran vn abrigo
En tantos desassosiegos?
Pues acendi los mis fuegos,
Y pues fuy mi enemigo?

Es la razon natural,
Que cada vno sea por sí,

Que a los oeros seré qual,
Para mi fuy, se hizo mal,
En dar me como me di.

Todos andan a su prouecho,
Yo solo a mi mal me obligo,
Por mayor que es el despecho,
Pero de tan crudo pecho,
Quien osará ser amigo?

Mas que digo yo, osará
Mejor lo dixera así,
Qual peligro descendrà;
Aquel que huyendo vâ
Del enemigo de sí?

F I M.

